

**GUARRANI**

**TAPE  
MBARAETE  
ANHETENGUA**

**Fortalecendo o  
caminho verdadeiro**



TAPE  
MBARAETE  
ANHETENGUA

**Fortalecendo o  
caminho verdadeiro**





# TAPE MBARAETE ANHETENGUA

## Fortalecendo o caminho verdadeiro

### Organizadores

Maria Dorothea Post Darella  
Ana Maria Ramo y Affonso  
Clarissa Rocha de Melo  
Victoria Tricarico Alvim  
Carlos Maroto Guerola  
Ana Claudia Colombera

**Florianópolis 2018**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina

G172 Tape mbaraete anhetengua [recurso eletrônico] = Fortalecendo o caminho verdadeiro / organizadores Maria Dorothea Post Darella...[et al.]. – Dados eletrônicos. – Florianópolis : [s.n.], 2018. 181 p. : il., mapas.

Textos em guarani e português  
Programa Ação Saberes Indígenas na Escola (SECADI/MEC)  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-45535-09-6  
E-book (PDF)

1. Índios - Educação. 2. Professores indígenas - Formação.  
3. Educação permanente. 4. Índios Guarani. I. Darella, Maria Dorothea Post. II. Título: Fortalecendo o caminho verdadeiro.

CDU: 37(=82:816.4)

## Expediente

<b>Coordenadora da ASIE Núcleo SC</b>	Maria Dorothea Post Darella	<b>Orientadores de estudo</b>	Adriana Moreira Augustinho Moreira Cecília Brizola Davi Timóteo Martins José Benites Eunice Antunes Joana Vangelista Mongelo Marco Antonio Oliveira da Silva
<b>Supervisores</b>	Ana Claudia Colombera Carlos Maroto Guerola		
<b>Formadoras</b>	Ana María Ramo Clarissa Melo Victoria Alvim		
<b>Coordenador SED SC</b>	Ramiro Marinho Costa	<b>Traduções</b>	Ronaldo Costa
<b>Articulador</b>	Adriano Morinico	<b>Revisão da Língua Portuguesa</b>	Carlos Maroto Guerola
<b>Projeto Gráfico e Diagramação</b>	Tainá Dietrich Santiago da Fontoura	<b>Fotografias</b>	Victoria Alvim Professores Guarani

Padrões desenhados por Eunice Antunes para a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica em 2011.

Este livro é resultado do trabalho coletivo dos participantes das equipes Guarani da Ação Saberes Indígenas na Escola em Santa Catarina e é, portanto, da autoria coletiva, cujos nomes elencamos a seguir:

<b>Professores cursistas</b>	Adriano de Oliveira Afonso Cláudio Karai Ailton Silveira Junior Alexandro Ortega Gonçalves Angélica Benites Augustinho Moreira Carlos da Silva Clarice de Souza Padilha Cláudio Ortega Mariano Cleber Ailton de Souza Daniel Crescêncio Darci da Silva Denise Monteiro Vieira Adam Eliezer Vera Antunes Elizandro Karai Antunes Elizete Antunes Fabiano Alves	Fábio da Silva Gislaine Fagundes Inácio da Silva Irineu Benite Irineu Ortega Mariano Joana Paula Fagundes João Batista Gonçalves Joel Ramires Jorge Ortega Mariano Juçara de Souza Julia Gracieli Pereira Narciso Lucas Oliveira da Silva Marcelo Benite Márcia Antunes Martins Márcia Macena Márcia Mariano Marcos Moreira	Marinês da Silva Mayara M. L. Padilha Mônica Ribeiro Raimundo Nico de Oliveira Vera Nilton da Silva Nirio da Silva Norberto Martines Quirina Gonçalves Raiane Benites Samaniego Regina Gabriel Costa Ricardo Benite Rodrigo Benites Santa Lopes Simone Matias de Oliveira Tiago Timóteo
------------------------------	---	---	---





# SUMÁRIO

- 15 Quando a educação escolar é indígena e diferenciada, o material didático é vida
- 18 A Ação Saberes Indígenas em Santa Catarina no contexto Guarani
- 22 *Nhandu Kya* – Teia Guarani
- 24 *Yvy Rupa*: Território Guarani
- 26 **DOCUMENTO BASE GUARANI: *Xeramõi kuery ha'e gui xejaryi kuery nhanemongueta porã / Os bons conselhos dos nossos avós***
  - 28 *Nhandeayvu*: Nossas palavras
  - 33 *Nhande reko*: Nosso sistema de vida
  - 40 *Xarura*: Cumprimento
  - 42 *Xondaro, xondaria*: Guerreiro, guerreira
  - 45 *Opy*: Casa de reza
  - 52 *Ra'u*: Sonhos
  - 52 *Ma'etỹ regua*: Plantações
  - 53 *Tembi'u regua*: Alimentação
  - 55 *Kyringue nhangareko*: Os cuidados com as crianças
  - 58 *Kunhataingue ha'egui kunumingue*: Os adolescentes

- 61 ***Omenda va'e:*** Os casais
- 62 ***Mba'eaxy ha'egui poã:*** As doenças e os remédios
- 63 ***Pytu'u Ara:*** Os feriados
- 64 ***Nhombo'ea:*** Os professores
- 66 No meio dos ***jurua***
- 76 O estado do mundo
- 78 ***Glossário***

## 81 **Ações Desenvolvidas pelas Equipes de Trabalho da ASIE SC no Contexto Guarani**

- 82 ***Moã regua:*** Ervas medicinais
- 82 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola das Aldeias do Litoral Norte de Santa Catarina.
- 90 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Takuaty
- 94 Os Cânticos e o ***Nhande Reko***
- 94 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Takuaty
- 98 A Dança do ***Xondaro***
- 98 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Vy'a.
- 102 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Itanhaén

**112 *Ma'etỹ Regua:*** Plantações Guarani

112 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Marangatu

125 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Takuaty

**127 *Angu'a:*** Pilão Guarani

127 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola dos Tekoa Ymã/Itaty e Tataendy

**141 *Nhevanga*** – Brincadeiras Indígenas

141 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Pira Rupá

**145 *Mbya Rembiapo:*** Artesanato Guarani

145 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Vy'a

**148 *Caça E Pesca***

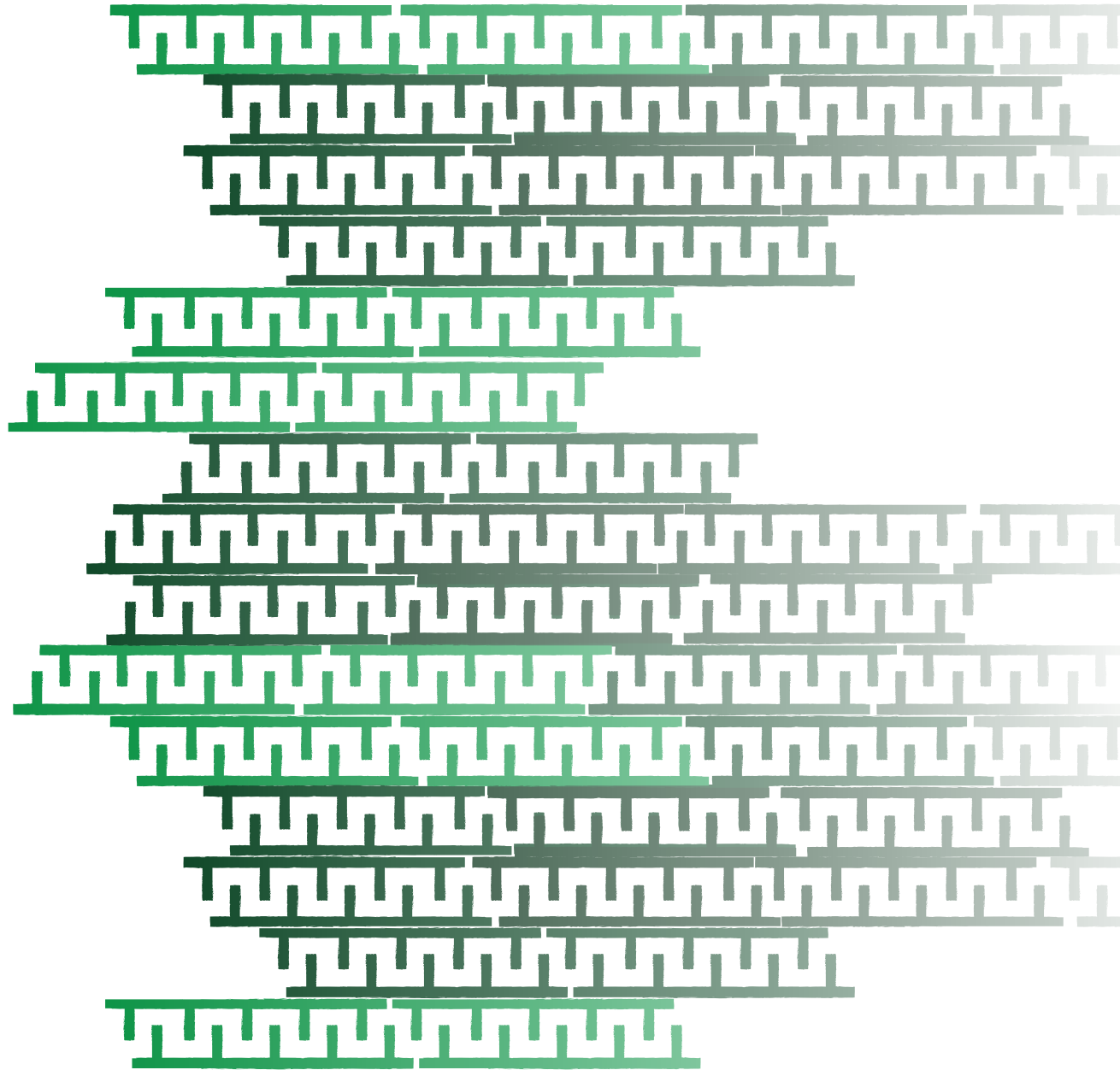
148 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Tava'i

152 Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Takuaty

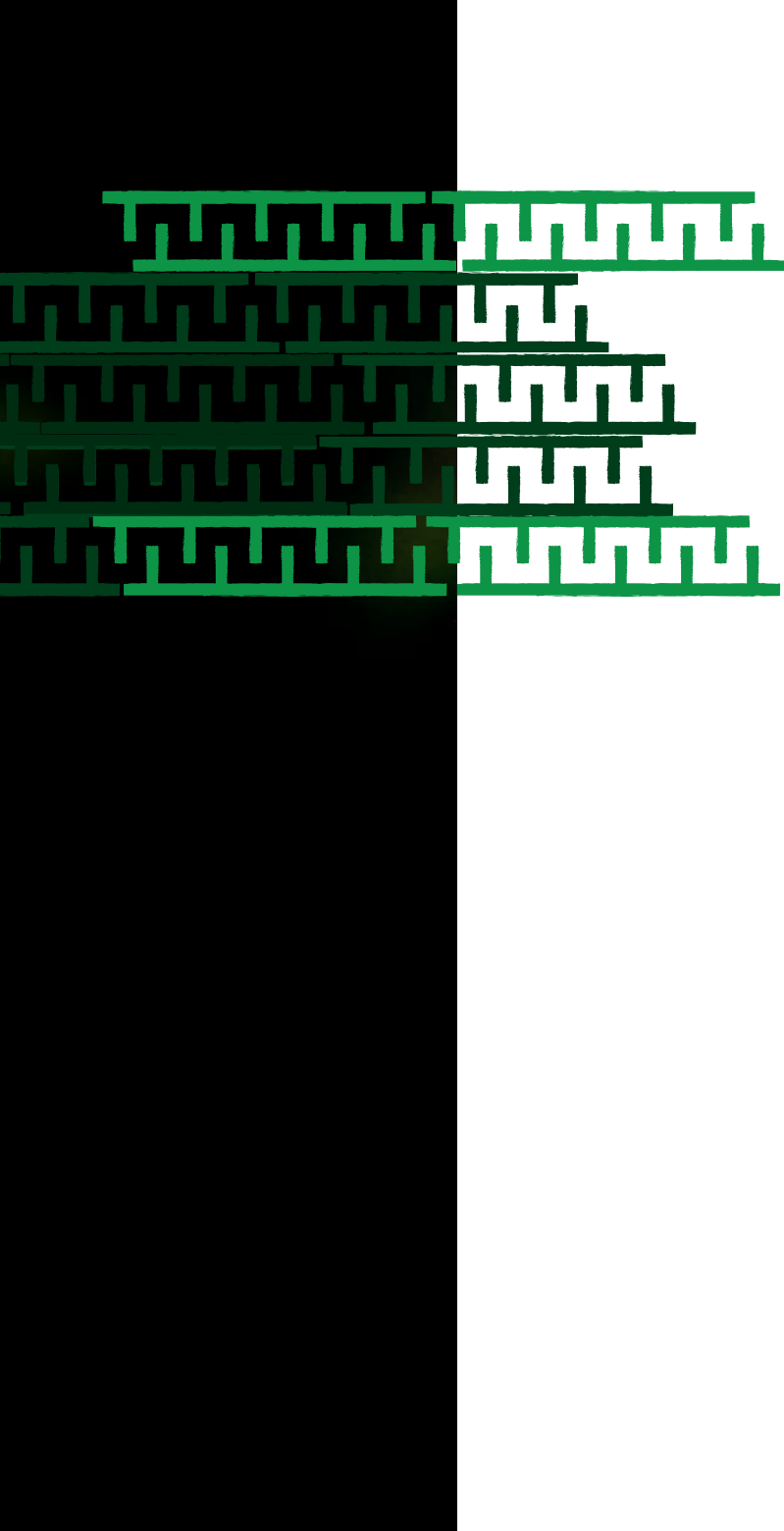
**157 ANEXOS**

**158 DOCUMENTO ELABORADO NO I ENCONTRO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR GUARANI DA REGIÃO LITORAL SUL,**  
em Morro das Pedras, Florianópolis/SC, de 27 a 31 de agosto de 2001

- 160 CARTA POLÍTICA DA COMISSÃO NACIONAL DE TERRA GUARANI YVY RUPA**, reunida em Brasília/DF, em março de 2007
- 161 CARTA DA COMISSÃO CONTINENTAL DOS PROFESSORES GUARANI**, reunida na II Assembleia Continental do Povo Guarani, celebrada em Porto Alegre/RS, de 11 a 14 de abril de 2007
- 164 DOCUMENTO FINAL DA II ASSEMBLEIA CONTINENTAL DO POVO GUARANI**, reunida em Porto Alegre/RS, de 11 a 14 de abril de 2007
- 166 EDUCAÇÃO ESCOLAR GUARANI EM SANTA CATARINA: COMUNICADO DA COMISSÃO ESTADUAL GUARANI NHEMONGUETÁ**, reunida em Biguaçu/SC, a 6 de julho de 2007
- 168 RELATÓRIO DA CONFERÊNCIA CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**, elaborado pela Comissão Estadual Guarani Nhemonguetá, na aldeia Mbiguaçu, Biguaçu/SC, a 9 de abril de 2009
- 175 DOCUMENTO FINAL DO III ENCONTRO CONTINENTAL DO POVO GUARANI**, celebrado em Assunção, Paraguai, de 15 a 19 de novembro de 2010
- 178 DECLARAÇÃO FINAL DO II ENCONTRO DA NAÇÃO GUARANI**, ocorrido na comunidade indígena Paï Tavyterä de Jaguati, no departamento de Amambay, Paraguai, de 24 a 26 de março de 2011







## Quando a educação escolar é indígena e diferenciada, o material didático é vida

*Saberes indígenas* é uma expressão que inclui tudo o que se sente, uma expressão que transparece à fumaça do *Petyngua* e está inscrita no ar que se respira em cada aldeia. A sabedoria indígena está no corpo, na caminhada, na experiência, na memória, na palavra, no silêncio, nos laços da família e da comunidade, na relação com as divindades e com a natureza.

A cultura, o sistema, a tradição, o modo de viver Guarani (denominado *nhande reko*) extrapola o que entendemos por *saber indígena*, pois compreende um conjunto de conhecimentos, valores, costumes e condutas que têm continuidade ao longo do tempo porque se acredita neles, porque se acredita que por meio deles se é mais honesto e se é mais útil ao bem viver da comunidade, à harmonia entre o sagrado e o humano, ao respeito pela terra e pelas águas. São esses saberes *indígenas* que os Guarani ensinam em suas Casas de Reza, suas *opy*, aqueles que querem que também sejam ensinados em suas escolas, com ações nos tempos e nos espaços Guarani por meio das quais se faça o viver do Guarani, se fale em Guarani, se sinta e se aprenda em articulação com as realidades circundantes, do tempo presente.

O trabalho dos mais de 250 participantes das três etnias de Santa Catarina (Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng) na Ação Saberes Indígenas na Escola nesse estado (doravante ASIE SC) contribuiu para que, no contexto institucional em que a escola indígena se insere hoje, essa educação escolar *diferenciada* se torne um pouco mais possível, mais visível, mais ideal e mais real simultaneamente.

No primeiro Grande Encontro Guarani, no Tekoa Marangatu, no município de Imaruí, entre 30 de julho e 02 de agosto de 2015, os professores e professoras ouviram a palavra dos sábios e sábias Guarani, os *xeramõi* e as *xejaryi kuery*, as suas orientações e ensinamentos a respeito de como deve ser a educação no *nhande reko* e de como a escola pode interagir com ela. Ouviram também os discursos das lideranças e dos colegas. Ganharam inspiração para pensarem como trabalhar ações nos espaços e tempos do viver indígena por meio da escola, para poder ampliar e complementar esse conhecimento posteriormente dentro dela.

A partir daquele momento se sucederam meses de trabalho com os alunos, trabalho que foi registrado parcialmente por escrito, em fotografias, áudios e vídeos. Foram aprofundados diferentes temas de formas diversas, sempre praticando e experienciando nos tempos e nos espaços Guarani, com os seus professores mais qualificados, os *xeramõi* e as *xejaryi*

das aldeias. Sucederam-se também o segundo e o terceiro Grandes Encontros (no Tekoa Yvyã Yvate/Morro Alto, São Francisco do Sul, de 01 a 04 de outubro de 2015, e no Tekoa Mymba Roka/Amaral, Biguaçu, de 12 a 15 de maio de 2016), nos quais os professores expuseram e trocaram as suas experiências, os *xeramõi* e *xejaryi* avaliaram e discursaram, os corais cantaram, os *xondaro* e *xondaria kuery* dançaram, ocasiões nas quais se respeitou e honrou a casa de reza.

Este livro, produto final do processo da primeira edição (2015-2016) da ASIE SC, inicia com o Documento Base Guarani, intitulado *Xeramõi kuery ha'e gui xejaryi kuery nhandemongueta porã* — Os bons conselhos dos nossos avós, que oferta a tradução de parte das falas dos *xeramõi* e *xejaryi* nos três encontros mencionados. Essas palavras constam para o entendimento dos não indígenas de como os Guarani desejam a educação e a escola na aldeia. A esse documento base se seguem relatos escritos e fotográficos de como anciões, professores e alunos vivenciaram alguns temas e práticas do *nhande reko* na escola e por meio dela.

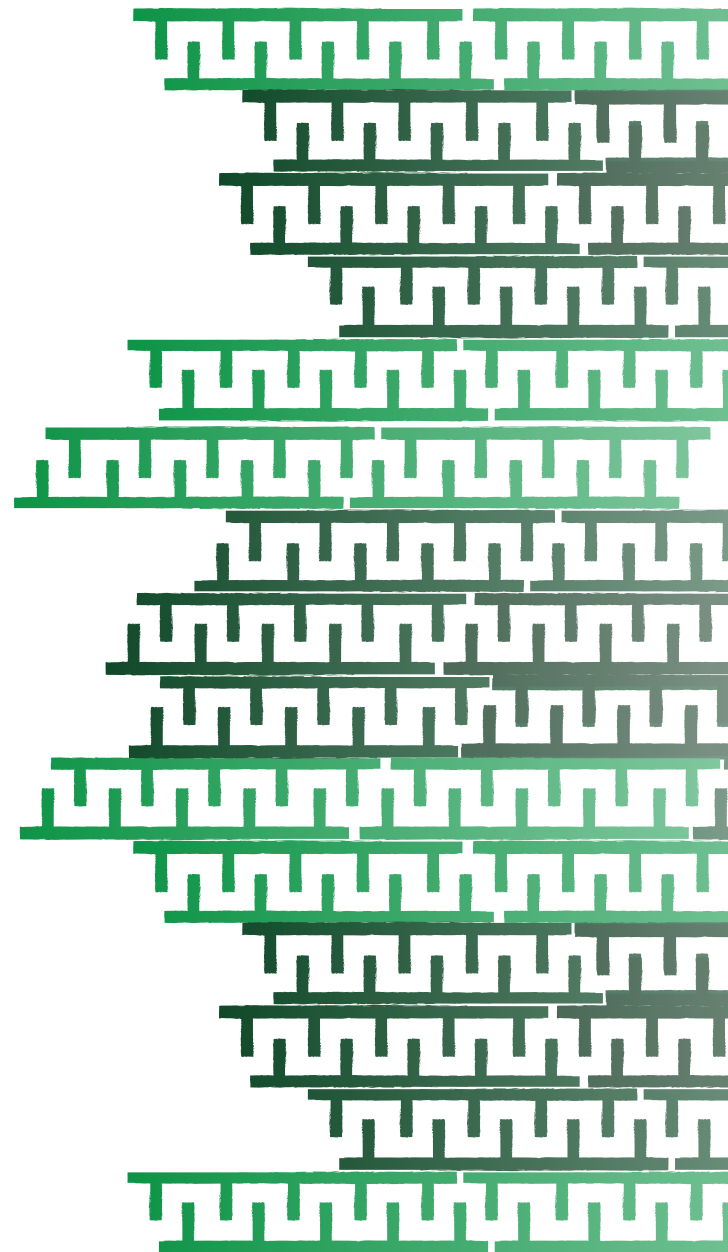
Não se tratou de um processo perfeito e nem se trata de um livro perfeito, acabado, pois todos os participantes estavam, e estarão sempre, em formação continuada: apenas foram dados alguns passos a compor uma longa caminhada. O que aparece aqui é um reflexo dessa caminhada, pequenos



registros feitos de forma artesanal que constituem uma ferramenta para os presentes e futuros professores se inspirarem mais e mais, para que consigam ousar, para que se fortaleçam e se convençam definitivamente de que a luta é sempre maior que a dificuldade e que a educação escolar *diferenciada* está, passo a passo, cada vez mais próxima. Juntamente com este livro se abriga outro material e suporte para a atuação nas escolas, um DVD que aporta diversos registros que somam à gravação dos pronunciamentos dos *xeramõi e xejaryi* nos três encontros, a apresentação dos corais, entrevistas realizadas nas aldeias, fotografias, cartilhas e também o conteúdo deste livro. Tudo pensado como fonte didática para os professores e seus alunos.

Todavia, o verdadeiro material didático, a materialidade por meio da qual se aprendeu, foi a experiência, foi a vida, foi tudo aquilo que não coube nestes registros, mas ficou na memória e nos corações. Foi tudo o que se semeou e há de brotar como árvores frondosas, com troncos firmes, repletas de frutos suculentos e saborosos, árvores sustentadas por raízes que transcendem a escola e se apropriam dela, árvores nutridas de *nhande reko*.

A todos os participantes e comunidades Guarani e a todos os que buscam colaborar com elas, ***ha'ewete ha aguyjevéte!***



# A Ação Saberes Indígenas em Santa Catarina no contexto Guarani




Este texto de introdução foi escrito pela equipe da ASIE SC após as escolas Guarani *experimentarem* este livro por alguns meses, se inspirarem nele para suas práticas educacionais e estabelecerem conexões entre a casa de reza e a escola. O livro teve, assim, um período de tempo para ser analisado e aperfeiçoado em conjunto. Após essa caminhada pelas aldeias entre 2015 e 2016, depois de passar pelas mãos dos professores indígenas e não indígenas e dos anciãos Guarani, ele pode ser tecido e finalizado. Oferecemos, neste momento, uma breve contextualização deste trabalho, que é fruto de uma coletividade composta pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pela Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED SC) e pelos professores indígenas e não indígenas.

A Ação Saberes Indígenas na Escola foi instituída pela Portaria nº 1.061, de 30.10.2013, e regulamentada pela Portaria nº 98, de 06.12.2013, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi/MEC). O Núcleo SC integra a Rede Sul-Sudeste (MG, ES, RJ, SP, PR, SC e RS) e efetiva o trabalho com professores indígenas das três etnias presentes no estado, Guarani,

Kaingang e Laklãnõ-Xokleng, de Terras Indígenas situadas em variados municípios, e cujas escolas estão vinculadas à SED SC. Este livro trata das experiências sentidas e vividas pelos professores cursistas Guarani (e pelos seus colegas não indígenas que se juntaram ao trabalho), orientados pelas belas palavras e ricas experiências dos anciãos, os *xeramõi* e *xejaryi* que, com carinho e atenção, acompanharam e conduziram essas pesquisas, e são, com certeza, os protagonistas deste trabalho.

Esses professores, orientadores e anciãos Guarani, em sua maioria *Mbya*, integram o mais numeroso povo indígena no Brasil, abrangendo sua ocupação os estados do RS, SC, PR, SP, RJ, ES e MS, com aldeias excepcionalmente em TO, PA e MA. Em Santa Catarina, os Guarani situam-se em vinte aldeias no litoral, afora áreas/locais no meio-oeste, no oeste e no extremo-oeste. Faz-se necessário ressaltar que em algumas Terras Indígenas (TIs) da região sul há grupos Guarani convivendo com grupos Kaingang e Laklãnõ-Xokleng em Terras demarcadas para essas últimas etnias. Exemplo disso são a Terra Indígena Laklãnõ (nos municípios catarinenses de José Boiteux, Itaiópolis, Vitor



Meireles e Doutor Pedrinho), dos Laklânõ-Xokleng, onde habitam famílias Guarani há mais de 80 anos, e a Terra Indígena Xapecó (nos municípios de Entre Rios e Ipuacu), dos Kaingang, na qual há famílias Guarani residindo há quase um século. Também nos municípios de Treze Tílias, Cunha Porã e Itapiranga há presença Guarani.

As Terras Guarani foram demarcadas tardiamente, se comparamos esse processo com o dos outros dois grupos. Isso se deve ao fato de serem histórica e erroneamente considerados como *integrados* à sociedade *nacional* e também *nômades*. Todavia, a literatura etnológica sobre os Guarani demonstra a importância da caminhada (*Oguata*) e, por conseguinte, de sua mobilidade territorial: circulam dentro de um vasto território, denominado por eles de *Yvyrupa* ('nosso território'), ou, ainda, de *Tatapyrupa*.

Dentro desse território, de ocupação não exclusiva, suas aldeias situam-se em diferentes regiões, não são contínuas e estão entremeadas das mais variadas formas de ocupação humana. Nesse sentido, o território Guarani supera os limites físicos das aldeias e, inclusive, ultrapassa as fronteiras nacionais, estabelecendo relações de troca de bens materiais

e imateriais. As aldeias Guarani não são pequenos espaços circunscritos. Quanto mais circulamos por esses locais, mais percebemos que há uma linha (muitas vezes invisível em decorrência das mudanças nas paisagens provocadas pelas estradas, empreendimentos e construções) que tece todas as aldeias, formando uma verdadeira teia de relações, sentimentos e conhecimentos.

Essa teia de relações foi explicitada algumas vezes durante o trabalho da Ação Saberes Indígenas na Escola, quando professores cursistas de uma escola não estavam mais nesse local no mês seguinte. Logo nos informavam que estavam trabalhando em outra escola e haviam se mudado para outras aldeias, devido a motivos diversos: casamentos, construção de novas relações de parentesco e afinidade ou conflitos internos, entre outros.

As aldeias Guarani que fazem parte desse trabalho podem ser visualizadas nos mapas das páginas subsequentes (p.24 e 25) e estão listadas abaixo, de acordo com divisões em microrregiões estabelecidas para melhor efetividade do trabalho da equipe e das escolas:

	<b>Microrregião do Litoral Norte</b>	<b>Microrregião de Biguaçu e Major Gercino</b>	<b>Microrregião de Palhoça e Imaruí</b>	<b>Microrregião de José Boiteux e Doutor Pedrinho</b>
<b>Aldeias e Localização</b>	Tekoa Yvyã Yvate Terra Indígena Morro Alto/Laranjeiras (São Francisco do Sul)	Tekoa Yynn Moroti Wherá Terra Indígena Mbiguaçu (Biguaçu)	Tekoa Itaty/Ymã/Tataendy Terra Indígena Morro dos Cavalos (Palhoça)	Tekoa Takuaty Terra Indígena Laklãnõ (José Boiteux e Doutor Pedrinho)
	Tekoa Tiaraju Terra Indígena Piraí (Araquari)	Tekoa Mymba Roka/ Amaral (Biguaçu)	Tekoa Pira Rupá/ Massiambu (Palhoça)	
	Tekoa Jataity/Conquista Terra Indígena Pindoty (Gleba B) (Balneário Barra do Sul)	Tekoa Itanhaén/ Morro da Palha (Biguaçu)	Tekoa Marangatu Terra Indígena Cachoeira dos Inácios (Imaruí)	
	Tekoa Pindoty Tekoa Jabuticabeira Tekoa Yvapuru Tekoa Tarumã Mirim Terra Indígena Pindoty (Gleba A) (Araquari)	Tekoa Vy'a/Major Gercino (Major Gercino)		
	Tekoa Tarumã BR Terra Indígena Tarumã (Araquari)			
	Aldeia Reta (São Francisco do Sul)			

Os professores orientadores de estudos e cursistas participantes da ASIE SC são falantes da língua Guarani (pertencente ao tronco linguístico Tupi-Guarani), na qual se sobressai a diversidade quanto a pronúncias, vocábulos e escrita. Valoriza-se essa diversidade, que é ressaltada principalmente na grafia de palavras presentes nos trabalhos.

Mesmo com toda diversidade cultural, dialetal e de grafia, esses grupos se identificam no *Mbya reko* ou *nhande reko*, no sistema Guarani. Esse sistema expressa o jeito de ser e de viver, a espiritualidade, as regras de conduta e os valores responsáveis pela manutenção desses grupos.

Durante esses anos de trabalho em equipe (que se iniciou já nas reuniões de organização nas aldeias e na universidade em 2014 e continuou em 2015-2016, nos grandes encontros nas aldeias, nas oficinas de formação, nas visitas de acompanhamento, nas etapas de desenvolvimento das pesquisas com os professores e orientadores indígenas, nas atividades dentro e fora dos espaços escolares, nas etapas de finalização dos materiais e na execução da segunda edição dos Saberes Indígenas na Escola, em 2016-2017) percebemos que as sementes foram plantadas em cada *tekoa*, em cada aldeia. Sentimos o fortalecimento desse *Mbya reko* nas falas de cada ancião, de cada professor cursista e orientador de estudos. Isso também nos fortalece enquanto equipe e nos faz acreditar cada vez mais no trabalho em efetivação. Há críticas sobre alguns aspectos que necessitam de aperfeiçoamento, mas também percebemos o amadurecimento de todos os envolvidos no decorrer do processo de trabalho.

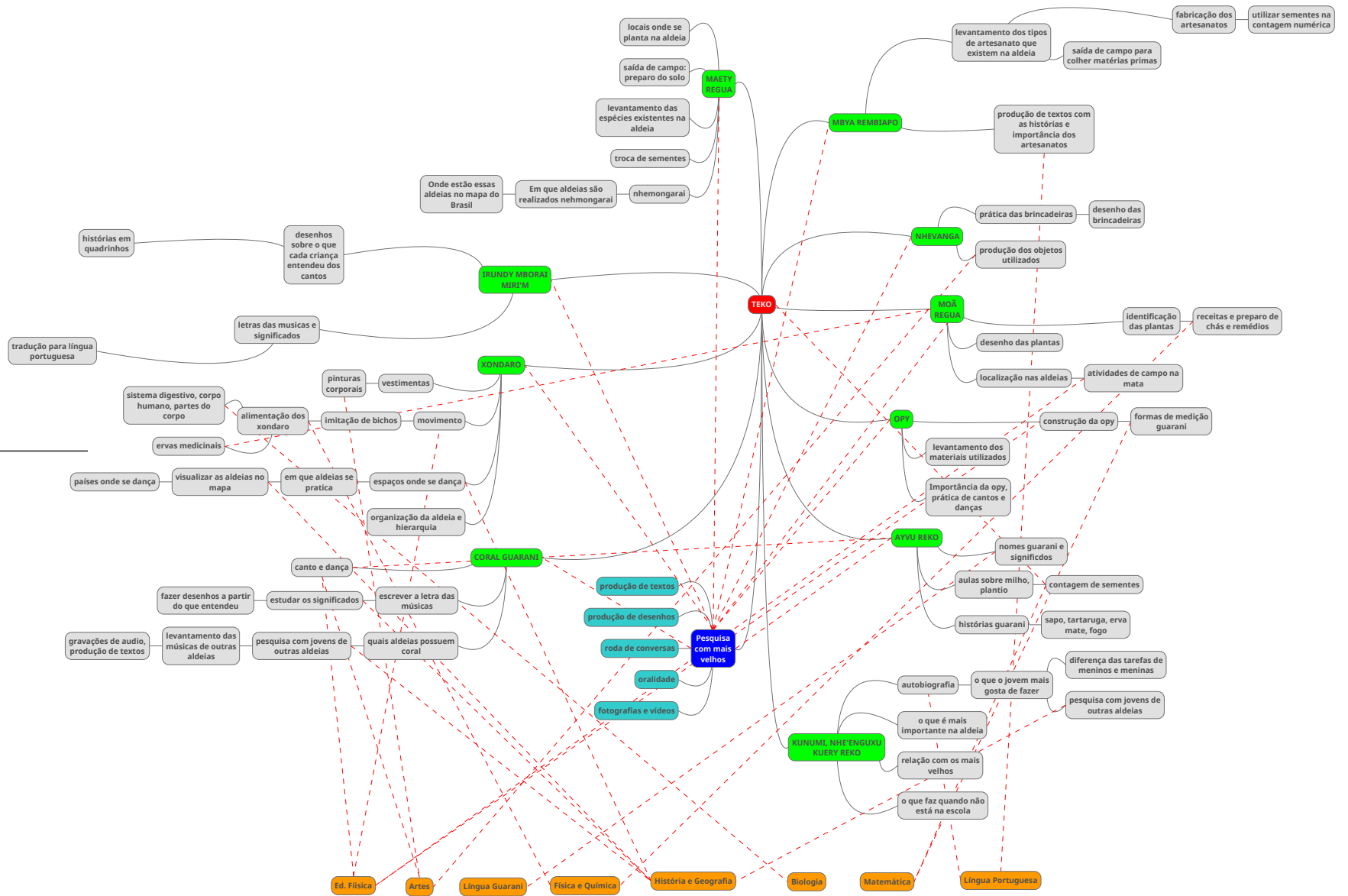
Durante esse processo, afloraram as limitações dos materiais didáticos existentes que, muitas vezes, não se adequam à realidade indígena. Sentiu-se, nesse sentido, a urgência de um modelo indígena que mostre a metodologia utilizada pelos professores Guarani nas escolas e fora delas. Esse modelo foi pensado e elaborado ao longo das oficinas de formação nos anos de 2016 e 2017, em formato de uma *grande teia* denominada *Nhandu Kya*, teia Guarani. Essa teia (localizada na p.22-23) é, portanto, resultado de um esforço inicial em compor um modelo Guarani de educação, de planejamento de atividades, e futuramente pode se tornar um modelo de currículo para a educação escolar indígena Guarani.

Neste livro apresentamos as pesquisas tecidas pelas mãos dos professores Guarani, orientados pelas *Ayvu Porã*, as belas palavras dos *xeramõi e xejaryi kuery*, que as antecedem e lhes servem de norte. Ao final expomos oito anexos que versam sobre educação escolar guarani, *nhande reko*, reflexões e orientações de muitos outros *xeramõi e xejaryi* sobre a atualidade da existência do povo Guarani, tarefas dos professores, condutas condizentes. São documentos originados de encontros dos Guarani entre 2001 e 2011 em diversos lugares e por diferentes razões, que articulam pensamentos e estratégias. Apontam caminhos. Coadunam saberes e fazeres do passado ao presente, do presente ao porvir.

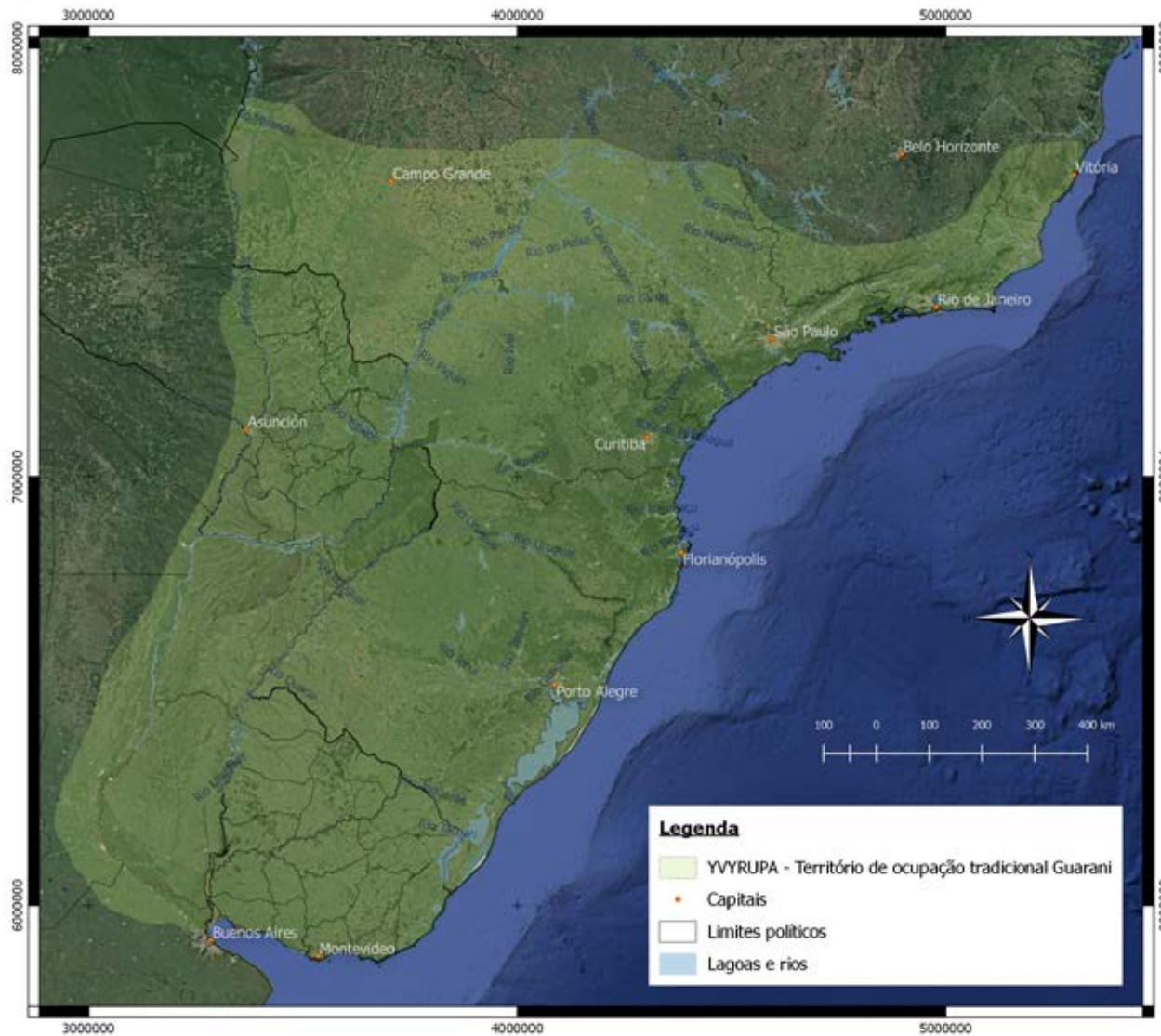
*Nhandu Kya –  
Teia Guarani*

---

*Versão ampliada avulsa*



## YVYRUPA - Território de ocupação tradicional Guarani



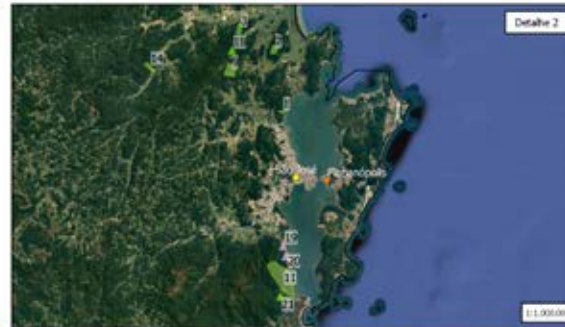
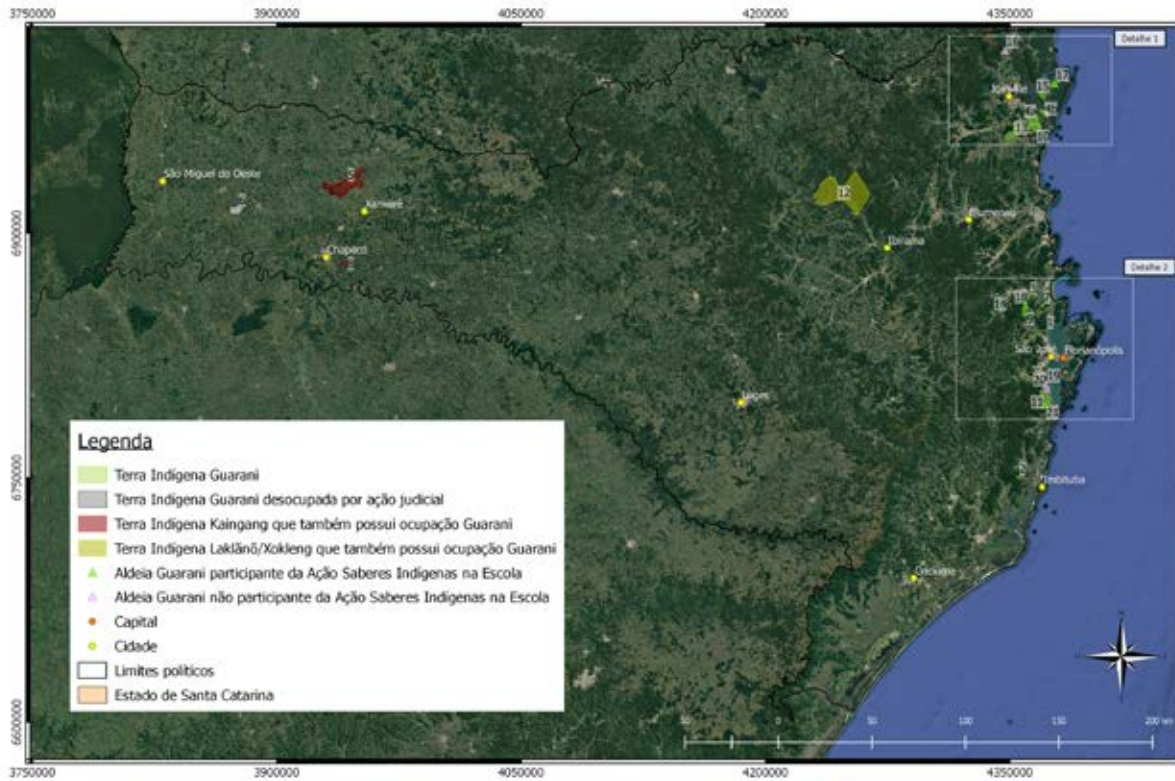
Projeção Universal Transversa de Mercator  
Datum Planimétrico Geocêntrico: SIRGAS2000 (EPSG:5641)  
Escala 1:12.500.000

Fontes de dados: Centro de Trabalho Indigenista (2017); IBGE (2016); Noelli, F. S. (2004); Bonomo, M. et al (2015); Darella, M. D. (2004); MArquE (2017).

Ação Saberes Indígenas na Escola (Secadi/MEC/SED-SC/UFSC)  
Elaborado por Lucas Bond Reis em setembro/2017 no QGIS.



## Áreas de ocupação Guarani em Santa Catarina



Áreas de ocupação Guarani

1	Miguelçu	11	Morro dos Cavalos (Aldeias Ity e Yakãporã)
2	Tekoa Marangatu/Catheira dos Índios	12	Takunty (Terra Indígena Bitãme-Laklãñö)
3	Tekoa Tava/Canelinha	13	Prai
4a	Terra Indígena Piodoty (Aldeias Piodoty, Tarunã Mirim, Jabucabeira e Yvapanã)	14	Tekoa Vy'a Major Gersino
4b	Conquista	15	Morro Alto/Yvyã Yvate
5	Aldeia Linera (Terra Indígena Xapereç)	16	Yaka-Porã
6	Araçá	17	Reta
7	Morro da Palha-tanha	18	Amêncio
8	Toldo Chimbanque II (Aldeia Toldo Chimbanque)	19	Cambirela
9	Amerai/Mymbã Roka	20	Prata de Fora
10	Taranã	21	Messiantu

Projeção Universal Transversa de Mercator  
 Datum Planimétrico Geocêntrico: SIRGAS2000 (EPSG:5641)  
 Escala 1:2.5000.000

Fontes de dados: Centro de Trabalho Indigenista (2017), IBGE (2016), Google Earth (2017), MARQUE (2017).

Ação Saberes Indígenas na Escola (Secad/MEC/SED-SC/UFSC)  
 Elaborado por Lucas Bond Reis em setembro/2017 no QGIS.




DOCUMENTO  
BASE GUARANI:

Os bons conselhos dos nossos avós

***Xeramõi kuery ha'e  
gui xejaryi kuery  
nhanemongueta porã***

Palavras de Aristides da Silva / *Wera Mirim*, do Tekoa Tarumã Mirim; Marta Benite/*Para Rete* e Jorge Benites, do Tekoa Piraí; Augusto da Silva / *Karai Tataendy*, Maria Guimarães/*Para Rete*, Mario Guimarães/*Kuaray Mirim*, Ana da Silva/*Yva* e Julio da Silva/*Karai*, do Tekoa Marangatu; Timóteo de Oliveira/*Karai Mirim*, do Tekoa Itanhaen; e André Benite, do Tekoa Vy'a.

Tradução: Ronaldo Costa



Aristides da Silva  
(Falecido em novembro de 2016)



Augusto da Silva  
(Falecido em maio de 2017)



Fotografia: Victoria Alvim

## *Nhandeayvu:* Nossas palavras



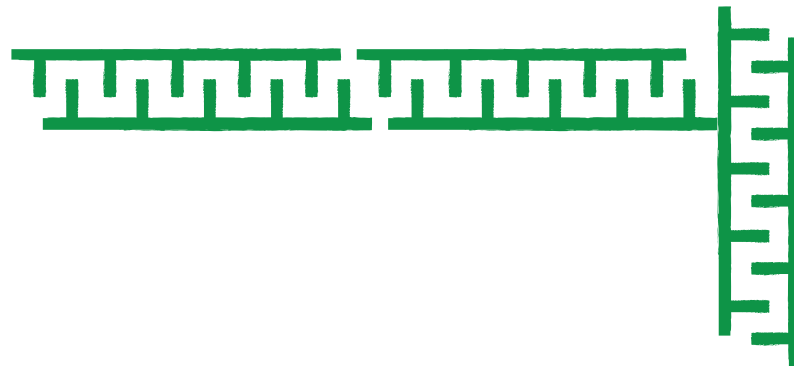
“ Tudo o que foi falado deve ser guardado por cada um de nós em nossa cabeça. Vocês precisam mesmo saber mais, e nós também. Nós não escondemos nada do nosso *Nhe'e*, do nosso espírito-nome. Lembrando de tudo isso, vocês não podem ficar bravos quando acordam. Nós podemos falar uns com os outros, não porque alguns sejam melhores, mas pelo nosso próprio bem. Mesmo sendo *tekoaxy*, simples seres humanos, temos que lembrar de *Nhanderu* para podermos ficar bem por cada lugar que passarmos, em cada lugar que estivermos. Temos que lembrar de *Nhanderu* quando nos deitamos e quando nos levantamos, não podemos nos esquecer. Quando vem *Nhamandu*, nós estamos no espaço que ele ilumina. É tudo verdade! Falamos muito porque tudo isso é importante.”

“ *Nhamandu* faz todos nós nos levantarmos de novo. Quando *Nhamandu* vem, nos faz falar, nos faz sorrir. Nós estamos todos aqui, conversando, comendo e entardecendo juntos. Quando *Nhamandu* se vai, no entardecer do dia, e chega à morada de seu pai, os *Nhanderu py'a guaxu*, os corajosos, ainda olham para nós, nos cuidando. Mesmo que alguns andem à noite, *Nhamandu* vem todo dia nos acordar. Nós todos nos levantamos bem de novo. Daqui a pouco voltaremos para a nossas aldeias, que todos possamos chegar bem.”

“ Nós, povo Guarani, vimos transmitindo a nossa história desde o início do mundo, quando *Nhanderu* nos criou para vivermos aqui na Terra. A nossa palavra caminha com a gente, pois ela manifesta, ali para onde vamos e a cada vez que nos encontramos, a fonte de nossa sabedoria ancestral. Quando um *xeramõi* ou quando uma *xejaryi* se levanta para falar no meio de nós, a sua fala repete outras falas, ouvidas durante a infância de seus avós, os quais, por sua vez, traziam as palavras ouvidas dos seus próprios avós, e assim sucessivamente. É a mesma palavra milenar, infinita, que guardamos e carregamos em nossos corações, geração após geração. O conhecimento dos antigos nunca vai ser contado por inteiro, de um dia para outro, pois são muitas coisas para contar. No entanto, hoje em dia é importante contarmos um pouco para que os não indígenas possam aprender a respeitar o nosso sistema, o *Mbya reko*.”

“Vamos começar falando de *Nhanderu Tenondegua*, Nosso Pai Primeiro. Quando veio aqui na Terra, ele estava sozinho. Ficava dentro da casa de reza, se sustentando unicamente da luz do sol. Começou a trabalhar na criação da Terra sozinho. Uma vez que a Terra ficou pronta, chamou o seu filho para ser o futuro verdadeiro pai dos *Nhe'e*, os nossos espíritos-nome, fundamento da pessoa. *Nhanderu* criou *Nhamandu*, o primeiro futuro pai, aquele que não tem mãe, para acompanhá-lo. Depois, criou e chamou o futuro pai dos *Karai* para acompanhá-lo também. Então, criou o futuro verdadeiro pai dos *Tupã*, aquele que não tem mãe, para ser seu companheiro. Por fim, criou o futuro verdadeiro pai dos *Jakaira*, aquele que não tem mãe, para ser seu companheiro. Ele deu os nomes com os quais deveriam ser chamados, o modo correto de serem chamados: *yvyraija*, *Karai*, *kunha Karai*. Esses mesmos nomes, esses mesmos jeitos de se chamar, nós devemos usar. Esses *Nhanderu* não foram gerados nos ventres das mulheres, não foram criados com seu leite e por isso dizemos que eles são aqueles que não têm mãe. *Nhanderu* criou os seus filhos sem umbigo, pois eles não tiveram mãe. Depois de criá-los, *Nhanderu Tenondegua* parou para pensar. Ele ficava olhando, observando, procurando. Como ele tem muito conhecimento, soube o que fazer. Pensou: ‘Quem que eu vou chamar primeiro?’ Então ele fez aqueles que seriam os primeiros futuros verdadeiros pais e as primeiras futuras verdadeiras mães dos *Nhe'e* se levantarem. Nós, simples seres humanos imperfeitos, os chamamos de ‘os verdadeiros pais e as verdadeiras mães dos *Nhe'e*’. Foi assim que aconteceu e é por isso que estamos aqui contando essa história.”

“Quando os *Nhanderu kuery* vêm, no amanhecer do dia, todos nós nos levantamos. Os *Nhanderu* vêm juntos, iluminando *Yvy Rupa*, que foi criada pelo pai primeiro, alcançando tudo aquilo que ele deixou aqui. Em cada lugar onde possuem aldeias, eles iluminam tudo, um dia após o outro. Quando os *Nhanderu* vêm, inspiram as nossas palavras, para que as digamos uns aos outros. Há muito tempo que nós agradecemos por isso acontecer. *Nhamandu*, o pai do Sol, vem nos levantar e nós compartilhamos belamente as palavras e a alegria que ele nos inspira. Essa é a orientação que ele nos dá, mostrando o modo em que devemos nos conduzir, seguindo, todos nós, um só e mesmo pensamento. Aqueles que estão no alto, nossos pais verdadeiros, iluminam verdadeiramente cada pessoa com o conhecimento da expressão das belas e boas palavras. É isso que nós desejamos! Alguns entre nós, aqueles que ainda lembram das orientações que recebem, agradecem a *Nhamandu*, a cada amanhecer, por ele estar vindo sempre de novo nos levantar e inspirar as belas palavras em nossos corações.”



“*Nhanderu Nhamandu* ilumina tudo para que possamos nos levantar, mesmo que muitos de nós não nos lembremos mais de cantar para ele. Aqui, nesta Terra imperfeita, eles vão à nossa frente, iluminando os nossos passos. Mesmo sentindo todas as dificuldades ao nosso redor, nós continuamos nos levantando sempre de novo. Faz muito tempo já que os filhos de *Nhamandu* vêm nos levantar sempre de novo a cada dia. Levantemo-nos! Tenhamos sempre força e coragem! É para isso que os filhos de *Nhamandu* vêm a cada dia, sempre de novo. São os *Nhamandu* que nos levantam e iluminam as palavras que nos dão a força e nos fazem falar para os brancos quando nos situamos frente a eles. Que vocês tenham as palavras para eles ouvirem! Os *Nhamandu py’a guaxu i kuery* têm a força para iluminar cada pedacinho de *Yvy Rupa* em todos os lugares, dia após dia; eles nunca deixam de vir. Eles não escolhem com quem são generosos. Nem todos os bichinhos vão lembrar de cantar para *Nhamandu*, mas ele faz todos eles se levantarem, assim como faz nós nos levantarmos. Cada bicho que tem na mata é *Nhamandu* que levanta. Que ele ilumine os caminhos de nossas palavras! Cada um de nós que vai falar aqui estará fortalecendo todos os outros. Quem vai fazer tudo isso é *Nhamandu*. Os professores devem ter confiança e acreditar naquilo que estão fazendo.”

“Há muito, muito tempo, quando da primeira Terra, bem no começo, os *Nhanderu*, aqueles que nos fazem falar, aqueles que nos fazem sorrir, ganharam noção daquilo que cada um de nós haveria de saber fazer. Primeiro nos ensinaram a fazer o *ajaka*, o cesto, e também o arco. Os

homens jovens fariam os arcos, e as meninas jovens, os cestos. Foi o próprio *Nhamandu* que nos mostrou como fazer o *ajaka*. Depois disso, *Tupã* veio aqui na Terra. Ele teve um filho aqui na Terra com uma mulher que não era indígena. *Tupã Ra’y*, Jesus Cristo, o filho de *Tupã*, mostrou aos seus parentes o que eles haveriam de saber fazer. Naquele tempo já havia estudantes. Foi por isso que *Tupã Ra’y* veio, para deixar aos seus parentes não indígenas o papel, a partir do qual poderiam aprender algumas coisas. *Tupã Ra’y*, o filho de *Tupã*, está aqui, nos confins da Terra. Mas o pai dele está lá em cima. *Tupã Ra’y* está aqui presente, mas nós somos *tekoaxy*, simples seres humanos, e não sabemos disso porque não podemos vê-lo. Ele sim pode nos ver! É por isso que estamos aqui falando, porque *Tupã Ra’y* está aqui em volta de nós. Os não indígenas deveriam orar e pedir a *Tupã Ra’y* que não faltem alimentos. Nós também temos que fazer o mesmo, e, se faltar alguma coisa, devemos pedir a *Tupã Ra’y*. Se a gente contar mesmo o que a gente precisa, com toda a confiança, ele vai providenciar. Para encontrar o modo bom de falar, nós precisamos da ajuda dele. Para nós, ele deixou o conhecimento no nosso coração, na nossa memória; para os não indígenas, ele deixou o papel. Nós devemos ouvir com o nosso coração e nossa memória; eles devem olhar o papel para saber. Faz muito tempo que isso é assim. Agora nós já temos também professores e professoras. Eles também estão aprendendo a ler e escrever, como os não indígenas. Foi *Tupã* que determinou que fosse assim. Isso já foi falado há muito, muito tempo. Os nossos avós falavam isso e o próprio *Tupã Ra’y* já tinha falado também.”

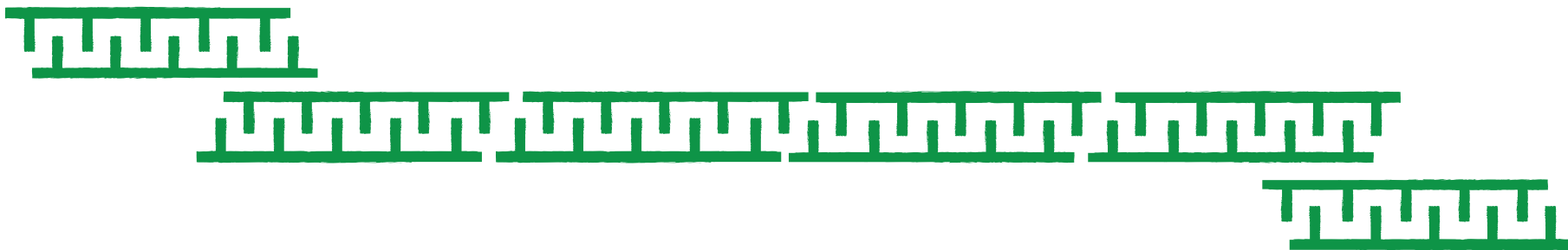
“Essa palavra que nós expressamos quando lembramos de *Nhanderu*, ele não vai jogar fora. Quando a gente fala de dentro do nosso coração, lembrando dele, *Nhanderu* pega cada palavra que foi passada. Somos meros seres humanos, mas nos mantemos em meio a todas as dificuldades. Mesmo havendo entre nós aqueles que não se lembram de agradecer, *Nhamandu* faz todos se levantarem, cada pessoa, assim como os animais que estão na mata, as árvores e os próprios rios. É assim também que ilumina os caminhos de nossas palavras. Os nossos avós falam para nós e é isso que nós queremos: é assim que tem que ser. Nós, mais velhos, nos perguntamos: ‘Quem será o *Karai*, quem será a *kunha Karai*, que poderá realmente passar as boas palavras?’ Mesmo não sendo muitos os que vislumbram os caminhos das belas palavras, os que conhecem a nossa língua antiga, ainda há alguns que permanecem entre nós. Somos todos iguais, meros seres humanos, mas, mesmo assim, os jovens professores estão querendo ouvir as nossas palavras.”

“Os professores das nossas escolas, os nossos filhos e netos estão se reunindo e estão nos chamando porque querem ouvir falar sobre o nosso costume de antigamente. Eles querem saber, querem ouvir, querem aprender. E mesmo nós sendo simples seres humanos de conhecimento limitado, nos dispomos a falar para eles, pois são os *Nhamandu kuery* que iluminam a nossa fala imperfeita, para que possamos falar uns com os outros. Nós todos estamos aqui na Terra, mesmo não sabendo nos conduzir corretamente; nós, seres humanos, que não obedecemos aquilo que eles definem, que não seguimos as suas orientações. Somos simples seres humanos e quando sentimos dificuldade para nos erguer, contamos para eles e nos esforçamos uma e outra vez. Contamos aos pais verdadeiros dos nossos *Nhe’e* aquilo que nos aflige aqui na Terra. Só eles, nossos pais verdadeiros, podem nos ajudar. Mesmo a Terra não estando bem, mesmo não a vendo como gostaríamos, ela ainda está sendo iluminada; do mesmo modo, nós, mesmo sofrendo no meio dos não indígenas, permanecemos juntos. Por isso estamos aqui falando, para que possamos nos fortalecer juntos.”



“Nós, mais velhos, agradecemos as palavras que *Nhanderu* já falou. Ele determinou como haveria de ser o nosso costume, como deveríamos levar os nossos caminhos na vida. O costume que nós mais velhos aprendemos, vivemos e experimentamos está se acabando, pois os mais velhos estão indo embora deste mundo e hoje só resta um ou outro. Os jovens, as crianças, os professores e as lideranças precisam lembrar, por isso precisam ouvir dos mais velhos como é o nosso costume, como tem que ser levado, pois tudo isso permanece guardado no nosso conhecimento, na nossa memória. Nas aldeias, todo mundo precisa ouvir. Como é que vai ser falado? Cada pessoa vai falar, cada pessoa vai escutar. Assim, vamos contar como é o nosso costume, seguindo o que já foi falado, continuando com a mesma palavra, cada um acrescentando um pouquinho. Os jovens estão vindo até nós porque querem saber. Isso é verdade. Nos nossos encontros cada um está ouvindo a palavra, mas só alguns vão guardá-la e levá-la para as suas aldeias.”

“Vocês devem falar assim para *Nhanderu*: ‘Mesmo eu sendo *tekoaxy*, um ser humano imperfeito, possa eu ouvir as suas palavras. O *Karai* está falando sobre o nosso costume, possa eu ouvir. É assim que eu vou aprender, que eu vou ficar sabendo de como caminhar, para mim mesmo. Cada pessoa falou um pouquinho e todo mundo está ouvindo. Eu vou aprender junto também.’ Nós estamos nos reunindo, conversando, para termos um único pensamento e trilharmos o mesmo caminho. É o mesmo pensamento que está sendo falado e cada um de nós vai usar essa mesma palavra. É assim, isso tem que ser respeitado, temos que confiar nisso. Aquilo que nós, os mais velhos, falamos, os jovens precisam ouvir e guardar em suas cabeças e corações. Aquilo que os *Karai kuery*, os que guardam o conhecimento, falam hoje já foi falado pelos nossos avós há muito tempo. Vocês ainda têm os seus avós para conversarem, não deixem eles se entristecerem e desanimarem, não deixem eles ficarem com vontade de ir embora, se esforcem para que isso não aconteça.”





## ***Nhande reko:*** Nosso sistema de vida



“ Nós vamos levar o nosso costume para a frente, para que *Nhanderu* veja o nosso costume e a nossa palavra. *Nhanderu* deixou tudo isso para nós, a nossa língua, o nosso costume, quando ele nos gerou e nos enviou à Terra. *Nhanderu* nos deixou todos esses conhecimentos para que possamos falar, para que cantemos na *opy* de noite, para que fumemos, para que nos lembremos dele, de tarde, de manhã. Para que seja assim, *Nhanderu* deixou tudo na nossa mão e é isso que nós temos. Não é bom que percamos isso tudo que foi deixado por *Nhanderu*. Vamos fortalecer mais o nosso costume para que possamos nos alegrar mais. Se continuarmos nesse caminho, nós vamos nos alegrar mais. Os seus filhos e os seus parentes também vão ficar mais alegres. Para que os seus filhos e filhas se alegrem vendo os pais e mães bem, temos que acreditar mais, para que as crianças fiquem mais contentes.”

“Vamos contar só um pouquinho sobre como era o nosso costume, sobre como é o nosso costume, pois as nossas palavras são infinitas e não caberiam todas no papel. Este encontro é o que chamamos de *ekomongueta*, de conversa; a gente vem para falar e a gente vem para ouvir. Quando os mais velhos estão falando, nós temos que dizer ‘*Anheté!*’, e temos que prestar muita atenção. Quando vamos falar sobre o *nhande reko*, primeiro precisamos pedir a *Nhanderu* que mostre como vamos fazer isso, como vamos levar para a frente esse costume. Para falar do *nhande reko*, precisamos nos fortalecer na *opy*.”

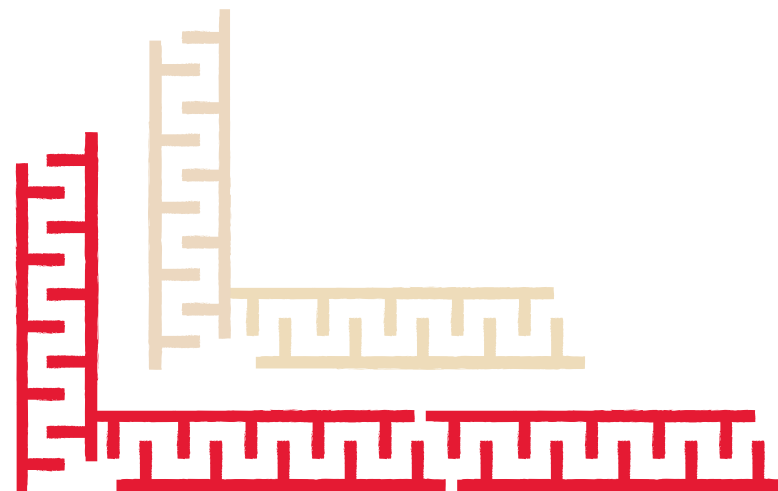
“O nosso costume tem vários tipos de palavras. Para entender o nosso conhecimento, o nosso costume, existem muitas palavras, existem muitos conteúdos. Nós respeitamos todas as coisas que existem no mundo. *Nhanderu* criou todas as coisas para que possamos saber mais, para compreendermos mais do que o costume do *jurua*. Se nós, os mais velhos, não contarmos isso, os jovens não vão saber. Hoje estamos vendo muitas coisas ruins acontecerem no nosso mundo e por isso os mais velhos precisam falar para os jovens. Assim é que os jovens vão se fortalecer e, quando eles tiverem mais força, vão ajudar as aldeias a continuarem, pois está sendo um pouco difícil para nós vivermos de acordo com o nosso costume. As crianças que estão estudando, começando a escrever no caderno, não sabem mais fazer colares, cestos, arcos, *tetymakuaa*, e não sabem como mais devem ser usados.”

“Nós, os Guarani, somos pouquinhos. Para quem temos que mostrar o nosso caminho? Não é para o *jurua* e sim para *Nhanderu*. Os *jurua* não acreditam em nós, não nos respeitam. Mas *Nhanderu* está vendo. É assim a nossa situação e é por isso que temos que dar continuidade ao nosso costume, ao nosso conhecimento, ao *nhande reko*. Para serem professores, para darem aula sobre o *nhande reko*, os professores devem aprender com os mais velhos e, desse modo, vão saber como dar aula para as crianças, para que nossos filhos sigam o mesmo caminho. Mesmo sendo difícil conseguir que eles sigam o mesmo caminho de antigamente, temos que manter o nosso costume, nos fortalecer e fortalecer os nossos filhos e netos.”

“Onde está o nosso presidente? Como é o nome dele? *Nhanderu Pa-Pa Tenonde!* Ele é o nosso presidente nesta Terra. Ele é o nosso *ruvixa*. Quem é o governador do estado? Quem foi o primeiro que foi criado? *Karai Ru Ete Tenonde*, do lugar que vem *Kuaray*. E quem foi criado depois? *Nhamandu Ru Ete*. Esses três são como governadores do estado, cada um deles tem um estado. E depois tem também *Jakaira Ru Ete*, que comanda a própria aldeia, o próprio estado. O primeiro presidente é *Pa-Pa Tenonde*, ele que manda. E o último que foi criado foi *Tupã Ru Ete*, aquele que fica na direção de onde *Kuaray* volta, isto é, onde o Sol se põe. *Tupã* também tem o seu estado.”

“Nós temos as nossas lideranças, temos quem nos oriente, temos o nosso costume, isso porque nós temos o nosso chefe maior: *Nhanderu Tenonde*. É nele que precisamos acreditar. Aqui na Terra existem vários estados e *Nhanderu* é assim também. Temos *Karai Ru Ete*, *Jakaira Ru Ete*, *Tupã Ru Ete*. *Tupã* é como um governador geral: ele manda em todos os estados aqui na Terra. Depois têm muitos *Karai*, os filhos de *Karai Ru Ete*. Temos que acreditar neles, pois é por isso que estamos aqui na Terra, para acreditar e respeitar. Mesmo que não cuidemos bem do nosso corpo, que não sigamos esse caminho, mesmo assim *Nhanderu* cuida de todos. Se acreditarmos verdadeiramente em *Nhanderu*, do fundo do coração, quando pedimos alguma coisa ele ajuda e a gente consegue. Dali a gente consegue se levantar, comer, falar. Tudo isso quem faz é *Nhanderu*. Tudo começa dele. Quando a gente se levanta, todas as coisas ruins ficam em volta da gente; mesmo assim, acreditando em *Nhanderu*, nossos *Nhe'e* nos cuidam e é por isso que estamos vivos. A gente acredita e, assim, *Nhanderu* nos coloca no lugar certo e resolve tudo. Quando a gente fala para os brancos acreditarem, para explicarmos bem para eles, todos nós temos que fazer isso juntos. Por isso estamos falando para os jovens, mesmo que eles ainda não saibam sobre todas as coisas.”

“Nosso costume é assim: quando a gente cresce, *Nhanderu* fala para lembrarmos dele: ‘Acredita, filho, em tudo que foi falado’, ele diz, ‘Filho, filha, você tem que acreditar em mim.’ Isso é falado para cada um de nós, todo mundo é assim. ‘Filho, vou te mandar à Terra mesmo que lá não esteja bem, mesmo que lá tenha muitas coisas ruins, vou te mandar. Você vai ver coisas ruins e coisas boas e frente a tudo isso você tem que ficar forte. Por isso vou te mandar à Terra.’ *Nhanderu* fala isso para cada pessoa: ‘Vocês, seres humanos, têm que acreditar para lembrar. Mesmo com todas as coisas ruins, vocês têm que lembrar.’ Desde que a pessoa é criança, *Nhanderu* diz para ela: ‘Você vai para a Terra, meu filho, para dar força para o seu pai e a sua mãe.’ Quando ele vai nos mandar para a Terra, ele já nos conta que haveremos de viver no meio de todas essas dificuldades. ‘Mesmo passando pelo meio de todas as coisas da Terra, da mata, da cachoeira, tem que ter força para caminhar. É para isso que você está indo para a Terra.’”



“É *Nhanderu* que nos ensina tudo sobre o *nhande reko*. A nossa educação é de vários tipos, para aprendermos a viver dentro da aldeia, na mata, no rio, em cada lugar. Educamos para ter conhecimento. Os brancos não nos dão a palavra, o conhecimento: a gente já tem. Nosso conhecimento não vem de um lugar só, vem de vários lugares. Hoje falamos sobre a nossa educação. Nossa educação é assim: não aprendemos com o papel e sim com os *Karai kuery*, eles são quem nos ensinam.”

“Muito antigamente, quando já existia a Terra, nós, desde cedo, já tínhamos o nosso costume. Isso nós não perdemos. A nossa sabedoria não se encontra no papel, não é dele que aprendemos a cantar, a ir na casa de reza, a fumar. Os professores mais novos que estão aqui também sabem cantar, mas de onde vocês aprenderam esse canto que não foi escrito? Esse canto vem lá de cima e por isso as crianças aprendem a cantar. Onde foi escrito? Em lugar nenhum. É de lá de cima que vem esse som e por isso a gente conhece. Nós estamos aqui por causa daquele que nos enviou, que nos fez descer, ele que nos enviou e nunca vai deixar nós nos perdermos. Quando vocês vêm à Terra, vocês já trazem o conhecimento e, assim, podem encontrar o seu canto. Quando vocês cantam fora da casa de reza é para que os não indígenas possam ouvi-los. Que eles tenham respeito pelos seus cantos.”

“Foi *Nhanderu* que fez o mundo onde estamos vivendo agora. Todas as coisas que a gente usa, os alimentos, os remédios para viver, tudo foi *Nhanderu* que colocou neste mundo. Ele criou também as coisas que não podemos comer. Nós sabemos tudo isso: de que maneira vamos cuidar dos animais, das matas. Nós não destruimos o lugar onde vivemos, não cortamos a madeira que não vamos usar. Tudo isso faz parte do nosso conhecimento: não fazer aquilo que *Nhanderu* não quer. Temos que escrever no papel como cuidamos o que *Nhanderu* deixou neste mundo, para que o *jurua* possa entender, saber, conhecer. Tudo isso é o nosso costume.”

“*Nhandejegui a’e meme jaiporu va’e rã*: Cada um de nós já sabe o que temos que fazer, o que vamos precisar. O próprio *Nhanderu* nos deixou pobres para que vivêssemos da terra. A terra é nossa, o mato é nosso. Quando deixaram a mata, deixaram o nome de cada animal, para ele ser caçado e ser o nosso alimento. *Nhanderu* já deixou falado o que podemos e o que não podemos matar. Também explicou quando podemos caçar.”

“Quando nós éramos crianças, comíamos somente comida Guarani: mandioca, milho, paçoca, batata doce. Sabíamos fazer armadilha, caçar passarinho, como o macuco, e outros. Para ir a outra aldeia, caminhávamos pela mata e pegávamos alguns animais que criávamos como mascotes até chegarmos ao nosso destino. *Nhanderu* nos deixou vários alimentos, mas, dentre eles, tem alguns animais que o jovem não pode comer. *Nhanderu* contou isso para nós. As meninas e os meninos não podem comer certas coisas, a gente sabe disso. Foi assim que os *xeramõi*, que iam à frente antigamente, falavam. Contavam o que as meninas não podiam comer, pois elas faziam a nossa bebida à base de milho, o *kaguyjy*. Para os meninos diziam o que não podiam comer, pois eles teriam filhos e filhas.”

“Não devemos ter vergonha de usar a nossa vestimenta masculina, o *tambeo*, porque todos somos Guarani. Devíamos usar o cocar também, mas não usamos porque não temos. Quando a gente nasce, nós Guarani legítimos já vimos com a roupa que é para nós usarmos. Porém, fomos acostumados a usarmos a roupa do *jurua*. Mas as meninas devem usar saia e os homens devem usar o *tambeo* na aldeia, todos os dias, porque essa é a nossa roupa. Em nossas aldeias temos que usar o que é nosso. Quando a gente vai para a cidade, colocamos a roupa do *jurua*: calça, sapato, relógio etc. E quando a gente volta, a gente tira e coloca o *tambeo* de novo, porque estamos em nossas aldeias. Quando o *jurua* vier em nossas aldeias, vai ver a gente usando a nossa roupa.”

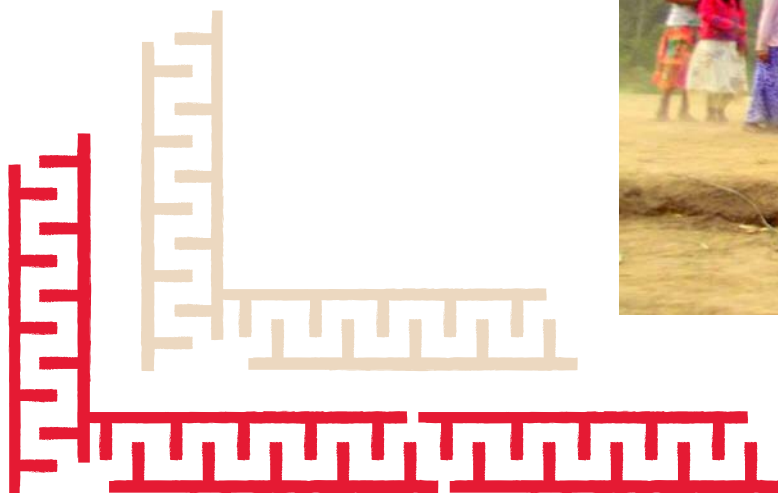
“*Nhanderu* nos mandou para a Terra para cuidar de nós e ver o que fazemos. Ele criou a Terra e, junto com ela, os Guarani. Porém, nós estamos junto com os *jurua*, os não indígenas, pois, nesta Terra imperfeita, *Nhanderu* nos criou e criou também os *jurua*. Depois, meus netos, nós chegamos ao nosso costume futuro. *Nhanderu* nos dividiu, nos fez diferentes. Ele próprio falou como iríamos ficar junto aos *jurua*: eles morariam nas cidades e teriam dinheiro, nós não. *Nhanderu* não deixou essas riquezas para nós, ele nos fez pobres.”

“Não foram os brancos que se separaram de nós. Os nossos mundos são diferentes, os nossos espíritos são diferentes. *Nhanderu* sabe como ele tem que colocar o sangue, assim como ele sabe como tem que colocar os nossos ossos. Tudo isso *Nhanderu* sabe. Ele nos fez pobres e ele sabe a razão disso ser assim. Ele não quis que a gente se misturasse com os brancos. Por isso que a gente tem só uma palavra, que ele fez para nós.”



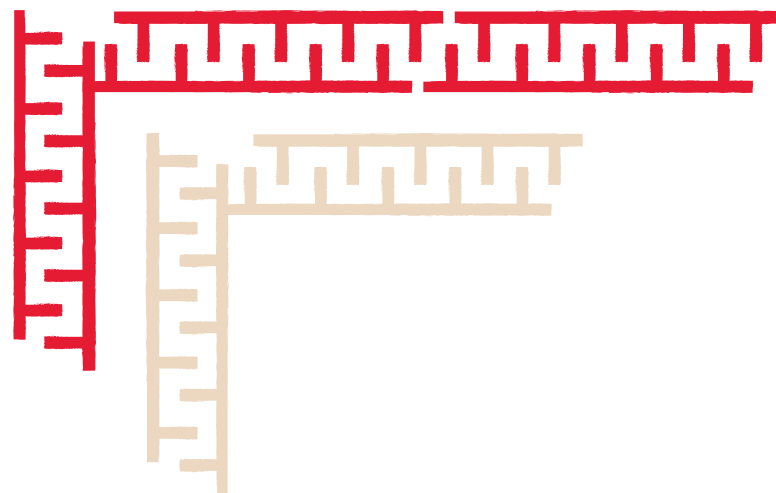
“Bem no começo mesmo, antes de vocês existirem, nossos antepassados pegavam no mato um tipo de conchinha que chamamos *itãnguei*. Eles a furavam e a vendiam para os não indígenas. Os brancos também compravam peles de animais de nossos avós. Foi com esse dinheiro que os Guarani começaram a comprar roupas. As mulheres compravam pano e o enrolavam no corpo fazendo saias. O próprio *Nhanderu* deixou esses artesanatos para que nós conseguíssemos alguma coisa dos brancos. *Nhanderu* mesmo nos mostra como devemos vestir, por isso a gente está usando essas coisas. Foi desse jeito que os nossos avós nos explicaram.”

“Foi também *Nhanderu* quem deixou as armadilhas para que pudéssemos caçar. *Nhamandu Papa’i* sempre deixa coisas para nós acharmos na nossa frente. Quando a pessoa se levanta para ir no mato procurar alguma coisa, ela primeiro tem que ir na casa de reza e contar para o *xeramõi*. Assim fazemos também quando vamos buscar mel. Sobre isso também podemos falar um pouco. Agora estamos somente nomeando cada assunto e podemos falar mais sobre isso em outro momento. Os não indígenas têm um tipo de armadilha que chamam arapuca, mas ela não serve para nós. A arapuca foi feita pelos não indígenas. Foi o primeiro não indígena que existiu que aprendeu a fazer arapuca para poder pegar alguns pássaros. Esse tipo de armadilha não é nosso.”



“*Ara Pyau mbyte py!* Os nossos avós sempre faziam o *nhemongarai* no meio de *Ara Pyau*, para dar nome às crianças. Quando acontece o *nhemongarai*, o *Karai* fica bem concentrado até meia noite: é nessa hora que ele vai perguntar para *Nhanderu* qual é o nome da criança. Quando os nossos avós fazem uma reza não é para levar na brincadeira. É muito difícil para o jovem seguir o mesmo caminho dos nossos *Karai*, pois vai enfrentar várias dificuldades pesadas. Quem dá o nome é o *onhemboery*. *Tupã*, *Nhamandu*, *Vera*, *Karai*, *Kuaray*... não é só por gosto que a gente dá às pessoas esses nomes: eles são nomes sagrados. Estamos contando agora para vocês o que já foi contado anteriormente. Que continue, apesar de todas as dificuldades. Nós nos fortalecemos todos juntos, uns frente aos outros, em cada aldeia. É isso que *Tupã* quer nos ver fazer, sempre, sempre. Vocês professores acreditem, confiem, respeitem. *Tupã* mostrou esse caminho para a gente acreditar nele, não para a gente levar na brincadeira. *Nhanderu Tenonde* soube e mostrou isso para que vocês, professores, possam ensinar às crianças. Não é para brincar que vocês são professores. Quando vocês entrarem na *opy*, devem falar para as crianças o que é mais importante elas saberem. Expliquem bem para elas. Aconselhem-nas, conversem com elas para não falarem besteira, para falarem bem com os seus parentes sobre todas as coisas. Assim vocês ficarão bem. E nós poderemos alcançar quase tudo. Desse jeito, os *Nhe'e* vão nos olhar sempre, eles vão nos dar força mesmo. Quando for assim, quando cada um de vocês acreditar, quando todos seguirmos a mesma palavra, tudo ficará bem. Desse jeito vamos conseguir aquilo que precisamos. Quando for de um mesmo jeito, tudo ficará bem. É uma força só que a gente vai ter, uma mesma coragem. Que se solte a nossa fala para que possamos conversar sempre.”

“Vocês, jovens, prestem muita atenção naquilo que os mais velhos contarem, pois nós precisamos das palavras deles. Em todos os lugares, aos poucos, os mais velhos estão acabando. Só alguns de vocês, mais novos, têm ainda o seu avô, a sua avó. Vamos guardar no coração o que cada um deles falar, pois tudo é bom e é importante. Nós somos Guarani e sabemos que não podemos esquecer o nosso *nhande reko*. Todos nós devemos nos conduzir do mesmo jeito, andar pelo mesmo caminho, seguindo o mesmo pensamento. Nós não podemos falar outra língua, não podemos falar de qualquer jeito, pois nós somos Guarani e temos a nossa língua e o modo correto de falarmos. Nós nos alegamos quando nos encontramos e é sempre alegria que vamos mostrar cada vez que nos encontrarmos de novo. Isso nunca vai acabar.”



## *Xarura*: Cumprimento




“Dentro do nosso modo de ser, do nosso *nhande reko*, é muito importante saber como vamos falar quando chegarmos nas outras aldeias ou na casa de outras pessoas, assim como na hora de nos despedirmos. Quando encontramos o *xeramõi* na casa de reza devemos dizer: *aguyjevéte!*”

“É difícil aprender o modo correto de se cumprimentar. O nosso costume, o nosso *nhande reko* é difícil, por isso hoje em dia não o conseguimos alcançar em sua totalidade. O *xarura*, o modo correto de nos cumprimentarmos, não é brincadeira, se nos concentrarmos mesmo, vamos saber falar. Se falarmos de qualquer jeito, nós não vamos aprender. Temos que acreditar mesmo em nossa fala. O *xarura* é a maneira certa de se cumprimentar utilizada pelos mais velhos: os jovens devem cumprimentar assim também. As *kunha Karai*, as mulheres, precisam conseguir alcançar a palavra do *xeramõi*. O jeito fácil de falar é dizer simplesmente: ‘*Javyju*’, bom dia, ‘*Nhandekaraju*’, boa tarde, ‘*Nhandepytuunju*’, boa noite. Antigamente nós falávamos diferente, nossos avós falavam diferente. Quando chegava a tarde eles diziam: ‘*Aguyjevéte, xeru tenonde i, xexy tenonde i.*’ Desse jeito falavam antigamente. Os jovens devem começar a fazer o *xarura* dizendo: ‘*Aguyjevéte, xeru tenonde i, xexy tenonde i*’ e ir aprendendo devagar. Os menores têm que falar assim. Já um pouco maiores, devem ir aprendendo um pouco mais,

incorporando algumas palavras no cumprimento aos mais velhos até chegarem a uma fala mais comprida. Quando chegamos em outra aldeia temos que dar três voltas antes de cumprimentar. Depois disso já começa o *xarura*. Todos terminam as três voltas fazendo uma fila e vão cumprimentando um por um aqueles que os recebem e que se colocam em fila também. O *xondaro* que encabeça a fila levanta os braços e diz ‘*Aguyjevéte*’, e todos os que o seguem repetem em uníssono. Assim que se fazia antigamente.”

“Os mais velhos fazem um *xarura* mais comprido: ‘*Aguyjevéte, aupyty i rei ndaje, kova’e reko rã i aroayvu rire ndaje i aupyty nderataypy rupa, mbovy Nhamandu Kuaray rupa rire amoangueko i aiko vy, kova’e rã je arojoapo ndaje aiko vy i. Aupytyi ko vy, me rami aupytyi nderata rupa i ja’e ma nhande.*’ Esse seria somente o começo. A gente pergunta como a pessoa está, se está bem, se está contente. Dentro da *opy* também nos cumprimentamos assim. No *xarura*, aquele que está chegando vai falar primeiro e aquele que escuta vai repetir a fala do primeiro. Antigamente o *xarura* era assim, feito verdadeiramente, não era levado na brincadeira. Assim como o canto e a dança, o *xarura* não é difícil se estivermos concentrados. Se quisermos verdadeiramente aprender, vamos saber como fazer. Isso foi colocado por *Nhanderu* para que nós soubéssemos nos respeitar mutuamente. O





*xarura* mais curto nós falamos agora para os nossos parentes, para os nossos irmãos, para os nossos avós, perguntando se acordaram bem e se estão se sentindo bem. Essa é a nossa palavra mesmo, o nosso idioma, o nosso jeito. Assim nos cumprimentávamos quando chegávamos com respeito na casa de nossos avós. Hoje em dia falamos somente ‘bom dia’, ‘boa tarde’, porque temos muito para aprender ainda. Quando chegamos à casa de outra pessoa, temos que dizer ‘*Aguyjevéte*’. De tarde, quando chegamos à casa de nossos avós, perguntamos se estão se sentindo bem, se estão alegres. Os mais antigos usavam essas palavras mesmo, mas hoje em dia não é mais assim. Antigamente eles faziam mesmo o *xarura*. Quando os *xondaro* terminavam de dançar, tinham que cumprimentar desse jeito o *xeramõi*. Eles agradeciam ao *xeramõi* e à *xejaryi*, aqueles que dirigiam o trabalho na casa de reza. Agradeciam também ao cacique, que ficava dentro da casa de reza, pois ele é como um pai. Aqueles que dançavam fora da casa de reza, os *xondaro*, tinham que falar ‘*aguyjevéte*’ para todo mundo quando terminavam de dançar. Os *Karai* e as *kunha Karai* faziam o *xarura* também para as lideranças, tanto para o cacique como para o *xondaro ruxixa*, o chefe dos *xondaro*. Antigamente era esse o nosso *reko*, o nosso costume. Quando a gente entrava na casa de reza e dançávamos, aqueles que iam fumar anunciavam a sua intenção aos *Karai* e *kunha Karai*. ‘Eu sou um simples ser humano, imperfeito. Mesmo assim, vou fazer circular a fumaça do meu cachimbo aqui na *opy*, para que *Nhanderu* possa ver.’ Nós temos que acreditar

mesmo, verdadeiramente, quando fazemos tudo isso. Se vocês acreditarem, vai ser bom para vocês. Se vocês acreditarem mesmo, cada vez vão aprender um pouco mais e vão conseguir falar, sem ter vergonha. Assim *Nhanderu* vai nos ajudar mais. *Nhanderu* mesmo que colocou, que ensinou tudo isso para que pudéssemos falar e é por isso que nós sabemos disso. É assim que é. Todas as aldeias devem fazer isso.”

“Vocês têm que perguntar para os *xeramõi* para que eles fiquem com vontade de falar, de contar mais coisas. Se realmente acreditarmos em tudo isso, os mais velhos vão querer contar mais, com vontade. Se nós perguntarmos sem esse respeito, sem acreditarmos, o *xeramõi* vai notar e não vai querer responder. Quando perguntarem desse jeito aos *xeramõi*, eles vão dizer: ‘Hoje não estou com vontade de falar.’ Mas se nós acreditarmos bem do fundo do coração, os nossos *Nhe’e* vão nos ajudar e então o *xeramõi* vai contar muitas coisas. É assim que é com cada coisa, com cada detalhe. *Nhanderu* quer ver que acreditamos mesmo uns nos outros.”

## *Xondaro, xondaria:*

“Em nossas aldeias, tem muitas palavras para serem passadas. Para sabermos sobre o *xarura*, sobre o modo de nossa língua, temos que perguntar para os mais velhos. Vocês, chefes dos *xondaro*, precisam aprender tudo isso com os mais velhos, para poderem passar para os mais novos. Não são os *xeramõi* que vão ensinar os jovens, mas os *xondaro ruvixa*, os chefes dos *xondaro*. Vocês têm que perguntar corretamente aos *xeramõi* e guardar bem as palavras que ouvirem deles, para depois passá-las às crianças. É muito bom que as nossas palavras continuem e que vocês aprendam a cada dia. As nossas belas palavras, o *xarura*, já foram um pouco perdidas e por isso cada um fala um pouco diferente do outro. Nós estamos bem ainda porque temos o mesmo conhecimento. Temos que usar mais o nosso idioma antigo. Vocês professores que estão dominando o costume dos não indígenas, têm que dominar também o nosso idioma antigo para ensiná-lo aos jovens.”

“Os *xondaro* são aqueles que vemos dançar. Os *xeramõi* começaram a formar os *xondaro* dentro da casa de reza, antigamente. Eles os viam dançar e determinavam quais deveriam ser formados como *xondaro* mesmo. O chefe dos *xondaro* pegava todas as crianças e as fazia dançar no pátio em frente à casa de reza. Ele ficava brincando e treinando as crianças. Era assim que se fazia antigamente. Não era só um dia ou dois e nem um ano ou dois que ficavam fazendo isso. O treino dos *xondaro* durava muito tempo. Assim é que um deles ficava pronto para ser o chefe dos *xondaro*.”

“Os *xondaro* e as *xondaria*, quando dançam, não é somente porque eles sabem dançar e ficam leves. Há muito mais do que isso. Quando está anoitecendo, os *xondaro* pegam os seus *petyngua*, os seus cachimbos, e espalham a fumaça no pátio da casa de reza, ao redor dela, enquanto os *Karai* e as *kunha Karai* fumam dentro. Quando está anoitecendo, os *xondaro* levantam e fumam em volta da casa de reza para afastarem tudo aquilo que é ruim que fica em volta da gente. Quando se fala do *xondaro*, está se falando daqueles que fumam ao redor da casa de reza. Eles fazem o som com o *popygua*, que são aquelas varinhas de madeira dos *Yvyraija*, os líderes espirituais, para afastarem os inúmeros seres negativos que caminham na Terra e se espalham ao redor da aldeia. A função do *xondaro* é se

## Guerreiro, guerreira



concentrar para poder afastar aquilo que é negativo. Na casa de reza, aqueles que fumam, que conseguem se concentrar com força, prestando atenção, também são chamados de *xondaro* e *xondaria*. Aqueles que ficam junto com *Nhanderu*, nós Guarani chamamos *xondaro vaikuei*. O *xondaro vaikuei* possui a força que *Nhanderu* lhe deu. Dificilmente todos vão acreditar nisso tudo que está sendo falado, mas há ainda entre nós aqueles que confiam verdadeiramente em *Nhanderu*, meus netos. É difícil mesmo a gente se concentrar para entender a palavra, a regra de *Nhanderu*, do jeito que ele deixou para nós, mas mesmo assim alcançamos uma parte. Quando temos um *xondaro*, devemos confiar nele e respeitá-lo. Se ele quiser se esforçar mesmo, o próprio *xondaro vaikuei*, que fica ao lado de *Nhanderu*, vai dar força para ele.”

“No passado, quando os *xondaro* dançavam e treinavam muito, *Nhanderu* mandava um fogo celestial que limpava interiormente o corpo deles e eles caíam desmaiados no chão. Nós víamos isso antigamente. Mesmo dançando fora da casa de reza, o fogo de *Nhanderu* caía sobre eles. Também podia acontecer com as meninas. Depois que isso acontecia, eles levantavam de novo. Desse modo os jovens ficavam saudáveis e conseguiam alcançar a velhice. Enquanto a pessoa está dançando, precisa confiar e acreditar mesmo, se concentrando para alcançar a leveza do corpo. As *kunha Karai*

também são assim: quando se levantam para dançar, com o *takuapu*, e cantar, o fogo celestial de *Nhanderu* vai alcançando tudo o que está em volta da casa de reza e também dentro, chegando às mulheres que estão cantando em torno das *kunha Karai*. Esse era o nosso costume antigamente! Isso é o que nos deixa alegres. Nós agradecemos por tudo isso. Que possamos seguir levando para a frente esse nosso costume.”

“Antigamente, as crianças brincavam e dançavam no começo da tarde. Como estamos dizendo, a dança era um tipo de remédio. Servia para não ser preguiçoso, para trabalhar, para ir para a roça, para a mata, para caçar etc. A dança preparava os *xondaro* para fazer todo tipo de trabalho, para terem saúde mesmo. Essa dança é um remédio para nós e por isso nós a mantemos até hoje. Hoje em dia os jovens e os adolescentes não estão mais saudáveis, pois eles não estão mais dançando todo dia e por isso ficam desanimados e com preguiça.”

“Antigamente, as crianças dançavam o *xondaro* e ficavam alegres e sem preguiça, e quando a mãe e o pai assim mandavam, elas praticavam. Para que o dono da preguiça ou o dono do ciúme não olhem para nós temos que dançar muito, para esquentarmos o corpo e suarmos bastante, de modo que o olhar de todas as coisas negativas não caia sobre nós. Era para isso que antigamente se dançava na *oka*, o pátio da *opy*, e dentro dela. Eles se alegravam assim cada tarde. É assim que era naquele tempo. Eu espero que com este trabalho voltemos a dançar cada tarde para que vocês possam ficar bem, para que todos nós possamos ficar bem, pois esse é um dos remédios que nós temos. Foi o próprio *Nhanderu* que determinou que deveríamos nos conduzir assim para ficarmos bem. *Nhanderu* determinou, estabeleceu que haveríamos de dançar cada tarde para que as coisas negativas não se aproximassem de nós. Isso é muito bom, meus parentes. Dancem em suas aldeias a cada tarde e mostrem esse trabalho. A partir de agora, vocês jovens precisam saber mais coisas. Se vocês continuarem levando as crianças para dançar, elas vão se alegrar.”

“As crianças e os adolescentes também ficam contentes quando brincam de *manga* na *oka*. Jogamos com as nossas mãos. Chamamos essa brincadeira de *manga'i*. Para a gente se divertir brincando, *Nhanderu* deixou o *manga'i*. As meninas não se divertiam brincando de *manga*, a brincadeira delas era a dança. Quando os *xondaro* dançavam, as meninas também o faziam. Elas poderiam dançar em volta dos *xondaro* ou no meio deles, no interior do círculo que eles formavam. Era assim que eles brincavam antigamente. Essa era a brincadeira que *Nhanderu* deixou para as mulheres. Elas não faziam o mesmo que os homens.”


## Opy: Casa de reza



“Os *Nhe'e kuery* vêm de longe, de todas as direções, para cuidar da gente. Porém, eles não são como nós, não são simples seres humanos, *tekoaxy*. A nossa carne é *tekoaxy*, o nosso sangue é *tekoaxy*, mas o som que sai na nossa fala, a nossa voz, não é, ela é *marã e'y*, e por isso já foi falado que todos nós, crianças e mais velhos, vamos alcançar a morada de *Nhanderu*. Vocês todos, jovens, crianças, cada um de vocês, lembrem-se do que estamos falando, das palavras que estamos passando. Nós não podemos nos acostumar a ser como os brancos, porque esse não é o nosso costume. Foi *Nhanderu* que nos trouxe para a Terra. Quando ele manda a criança para cá, ele diz: ‘Vai para a Terra, brinca direito lá para você crescer bem e alcançar a velhice.’ Isso foi falado. Podemos fazer coisas erradas, pois somos simples seres humanos, mas temos sempre que lembrar de *Nhanderu* e do lugar de onde viemos. Todos somos iguais para *Nhanderu*. Mesmo sendo poucos em cada aldeia, lá permanecemos para nos fortalecermos todos! Para ter coragem e força, cada um de vocês tem que cantar na *opy*.”

“Quando nos reunimos, parece que somos só uns pouquinhos, mas existem outras pessoas que estão sempre nos acompanhando: os *Nhe'e kuery*. Aqueles que possuem filhos devem aconselhá-los bem. Para que temos casa de reza? Para que as pessoas cantam? Tudo isso tem que ser explicado para que as crianças possam entender, para que possam saber mais.”

“*Nhanderu* faz nos levantarmos no meio de todas as coisas que existem no mundo, meus parentes. Quando os *xeramõi*, as *xejaryi*, os *opita'i va'e*, falam, devemos guardar a sua palavra no coração. *Nhanderu* deixou uma tarefa para nós realizarmos. Alguns de vocês, *kunha Karai*, *Karai*, se lembram de cantar. Lá onde a pessoa está cantando, todo mundo fica alegre. Tem que ser assim, *kunha Karai kuery*, *yvyraiija kuery*. Os mais velhos cantam, mas alguns jovens dizem: ‘Eu não estou com vontade de ir na *opy*, não quero ir lá.’ Eles não querem ir porque já estão pegando o costume dos não indígenas e, assim, nós estamos acabando pouco a pouco. Isso não é bom.”



“Quando a gente pega o cachimbo, importa lembrar da regra de que não podemos enganar ninguém. Nós todos temos que aprender a nos cuidar, contar para os nossos *xeramõi* e *xejaryi* que estamos bem, falar para *Nhanderu* que estamos bem. Para cuidarmos de nossa saúde, entramos na casa de reza e pedimos ajuda ao *xeramõi*. Mas quando chegamos na nossa casa, às vezes sentimos alguma dor e, então, podemos duvidar, mas *Nhanderu* só vai nos curar através do *xeramõi* se confiarmos nele. Às vezes também, quando começamos a nos sentir melhor, esquecemos o que tínhamos que fazer como parte do tratamento e esquecemos daquele que nos ajudou. Mesmo curados, mesmo nos sentindo bem, temos que lembrar sempre de *Nhanderu*, de pedir para ele e de agradecer. *Nhanderu* escuta tudo aquilo que falamos uns para os outros.”


“Mesmo que haja muitas dificuldades, nós nos fortalecemos e permanecemos em nosso propósito. Existe um lugar onde todos nós, Guarani, nos fortalecemos: a *opy*. As crianças se fortalecem na casa de reza, ela é como a escola, o lugar onde educamos as nossas crianças. É na *opy* que se encontram os *xondaro*, dançando, e também aquele que fuma, que será o futuro *Karai*. O nosso conhecimento é igual para todos. A gente não pode falar para ninguém ‘Você não tem conhecimento’, porque quando *Nhanderu* nos manda para a Terra, a gente já vem com o nosso conhecimento, com o nosso *popygua*, com o nosso *petyngua*, que é o nosso cachimbo. Todos nós somos enviados com eles.”

“Em cada aldeia, as crianças estão dançando, assim como o fazem em suas moradas celestes. Nós, Guarani, nos conduzimos assim. Em cada aldeia poderíamos todos concentrar o nosso pensamento nesse propósito, pois aquele que fez a Terra quer ver as crianças cantando e dançando dentro da casa de reza. Vocês estão aqui e os seus *Nhe’e* estão aqui junto, mas em cada aldeia, em cada lugar, tem *Nhe’e* também. Assim mesmo, não são unicamente os *Nhamandu kuery* que podem nos fazer levantar de manhã, os nossos *Nhe’e* também podem nos fazer levantar. Em todas as aldeias há ainda *Nhe’e porãguei*. Quando entramos na *opy*, lá encontramos sempre os *Nhe’e*, todos os dias, em cada lugar que tem *opy*, tem os *Nhe’e*. *Opy* é o lugar dos *Nhe’e*. Mesmo que os *Karai* não cantem, eles estão lá.”

“Os nossos *Nhe'e* se fortalecem uns com os outros, juntos, e por isso nós aqui também nos damos força mutuamente. Quando algum de nós já não se alegra mais, já não está bem, temos que chegar e dizer para ele: 'Não fique assim, meu irmão. Vamos nos fortalecer, vamos ter coragem'. É assim que temos que dizer, pois é assim que os *Nhe'e* dizem. Assim é que nós fazemos para ter coragem e nos fortalecer.”

“Quando *Nhanderu* mandou vocês para a Terra, ele criou tudo o que seria necessário para viver aqui. Não foi para nos perder que ele nos enviou aqui. Ele já sabia como teria que nos orientar, como iria nos cuidar. A sua palavra levantou o nosso *reko*, o nosso corpo. Depois ele contou para os pais e mães verdadeiros dos *Nhe'e* que os seus filhos iriam ficar na Terra e que alguns dentre eles teriam sabedoria, conhecimento. Assim, também dentre os jovens *Nhanderu* vai achar aquele que alcançará a sabedoria do *Karai*, da *kunha Karai*.”






“É desse modo que tem que ser, é com essa orientação que devemos nos conduzir. É desse modo que nos comportamos ao fazermos o nosso corpo expressar as palavras, pois, mesmo sendo simples seres humanos, mesmo sendo imperfeitos os nossos conselhos, colocamos nosso corpo em movimento e o fazemos expressar essas palavras. Nossos *Karai* e *kunha Karai* observam os nossos corpos, mesmo não estando presentes, olham para nós, à distância, e se preocupam. Esse saber, esse conhecimento, vem lá do meio dos seus *Nhe'e* e precisam deles para lhes falar. Ao mesmo tempo, eles dão notícia de cada um que se encontra nas aldeias espalhadas sobre a plataforma terrestre. Os nossos pais verdadeiros, as nossas mães verdadeiras, aqueles que ficam acima de nossas cabeças olhando por nós, não vão nos perder de vista. Mesmo sendo poucos, nós permanecemos aqui ainda, nós nos mostramos ainda.”

“Aqui, nesta Terra imperfeita, estão aparecendo todas as coisas diferentes, todas as dificuldades. Vários imprevistos chegam às nossas aldeias, nos pegando de surpresa. Em todos os lugares isso já está acontecendo. Mesmo assim, nós, mais velhos, vertendo as nossas lágrimas humanas, expressamos os nossos pesares para *Nhanderu*: ‘Vamos, Meu Pai Primeiro, eu estou pedindo para que você envie alguns de seus numerosos filhos, algumas de suas numerosas filhas, para nos ajudarem aqui na Terra. Mesmo que você não os envie, peço-lhe que dê orientação àqueles que estão já nos acompanhando aqui.’”

“Sempre foi assim: Há entre vocês aqueles que se indagam e querem saber como se encontram os seus corpos, por onde eles têm que ir, a quais lugares devem chegar para ficarem bem. Mesmo não sendo todos os pais que falam com *Jakaira Ru Ete* sobre os seus filhos, que perguntam para ele como estão os seus corpos, há ainda entre vocês aqueles que assim se conduzem, há ainda aqueles que, ao fumarem os seus cachimbos, fazem perguntas para *Jakaira*. Esses estão querendo saber coisas sobre cada pessoa que está aqui na Terra, esses são os que entram na casa de reza. Mesmo que vocês estejam começando a aprender como hão de saber essas coisas, vocês já querem perguntar para *Nhanderu* sobre cada pessoa que vive na Terra, querem pedir força a *Nhanderu* para cada pessoa.”





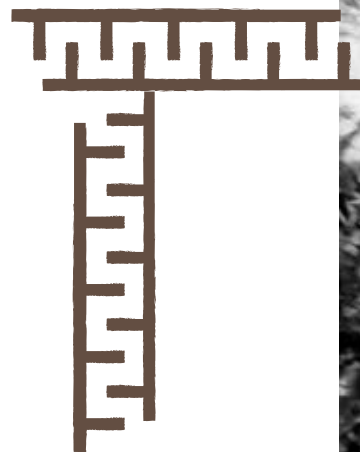
“Hoje em dia nós usamos as coisas dos *jurua, jurua rembiporu*. Todo mundo já usa celular. Nós, mais velhos, também usamos celulares, só que são de outro tipo. Quando nós cantamos na *opy*, perguntamos e recebemos respostas de outras aldeias. Quando nos chegam as informações, ficamos sabendo do que está acontecendo em outras aldeias, como eles estão vivendo, se precisam de alguma coisa. Assim como *Nhanderu* faz, se ficarmos sabendo que precisam de nós, lá nós vamos.”

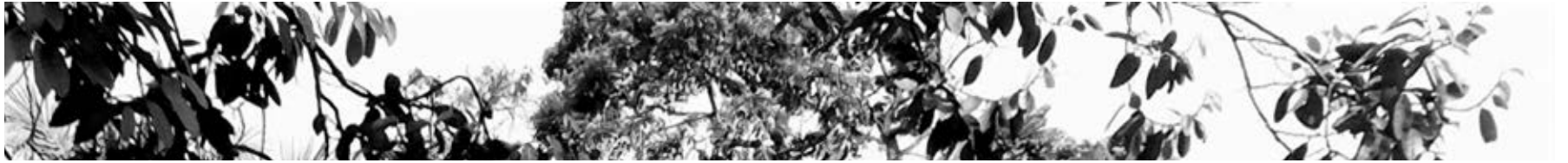
“Antigamente, nós vimos *Nhanderu Tenondegua kuery* e *Nhandexy Tenondegua kuery*, os nossos pais e mães antigos, antes deles morrerem. Vimos porque vivemos naquele tempo. Vimos o bom trabalho, o belo fazer, dos *ivyraija*, dos *Karai*, aqueles que espalham a fumaça do cachimbo para curar os doentes. Eles são chamados *ivyraija*, no caso dos homens, e *kunha Karai tenonde*, no caso das mulheres, ou também *orexy tenonde i*. Para falarmos sobre tudo isso que acontecia antigamente, precisamos começar pela prática do nosso costume. Ir à casa de reza faz parte do nosso costume. Dentro da casa de reza é que se descobre qual pessoa vai ser *ivyraija* ou *kunha Karai*, tudo dentro da casa de reza. Porque dentro da *opy* ainda continua o canto, ainda se fala com *Nhanderu* e se pergunta coisas para ele, e é daí que começa tudo. Hoje em dia continuamos fazendo isso, mas não conseguimos alcançar totalmente o conhecimento dos antigos para nos comunicarmos com *Nhanderu*. Mesmo assim, continuamos aqui. Quem vai ser *Karai* ou *kunha Karai* precisa ser forte, porque esse é o nosso costume. A pessoa tem que se esforçar para conseguir alcançar esse conhecimento, porque não é fácil.”

“Quando nós entramos na casa de reza e tocamos os instrumentos, não é para os outros seres humanos que nós fazemos isso, é para *Nhanderu*, aquele que nos gerou, nos enviou à Terra e sabe como devemos andar e nos comportar. Nós não brincamos com os *Nhe'e*. Nós não estamos olhando o corpo imperfeito ou o conhecimento e o entendimento imperfeitos que as lideranças e os professores possuem. Não podemos falar mal dos caciques e dos professores quando eles não estão ouvindo. Aqueles que fumam na casa de reza cuidam da saúde das pessoas da comunidade e, ao mesmo tempo, fortalecem as lideranças, pois eles falam para *Nhanderu* sobretudo o que seus parentes estão precisando.”

“Em cada aldeia há pessoas que estão começando a fazer esse trabalho, mesmo sendo jovens ainda. Continuem assim. Estou falando para aqueles que têm filhos ou filhas. Quando eles passarem mal, vocês têm que levá-los até o *xeramõi* e falar assim: ‘Eu trouxe aqui o meu filho para você curar.’ Não precisa ser sempre um *Karai*, um *ivyraiija* ou alguém da *opy*, pois se eles não estiverem, vocês podem procurar alguma outra pessoa e ela pode ajudar se vocês confiarem nela. Ela vai fumar e pode ajudar vocês. Se a gente confiar na pessoa, ela pode tirar a doença, porque não é dela que vem a força. Não é o corpo dela que vai fazer isso. Quando a força vem lá de cima, mesmo que a gente nem conheça a pessoa, ela vai nos ajudar, vai nos fazer levantar. O jovem que está começando agora pode até fazer uma pessoa que está à beira da morte se levantar, porque é *Nhanderu* que está orientando-o.”

“Devemos lembrar, ainda, que as meninas precisam cuidar da *opy*, limpar todos os dias, porque lá em cima é assim, esse é o trabalho delas, e fora da *opy* também. O trabalho delas é limpar ao redor da *opy* e das casas.”





## Ra'u: Sonhos



“ À tarde, de manhã, todas as coisas ruins estão em volta da gente, mas a gente não vê. Quando dormimos, isso também acontece, por isso não dormimos bem. Mesmo não sendo *Karai*, devemos fazer a nossa parte para podermos entender alguma coisa quando sonhamos, entender o sentido do que foi mostrado no sonho. É verdade aquilo que guardamos em nossos corações, temos que entendê-lo. Vocês jovens devem contar os seus sonhos para os mais velhos dizerem o que é importante saber sobre o que foi sonhado. Quando se sonha, mesmo quando se é uma criança, o sentido do sonho precisa ser entendido. Temos que acreditar, confiar mesmo. Se a gente quiser entender, procurar saber, vamos nos fortalecer. Os nossos *Nhe'e* vão nos fortalecer, pois são eles que nos mostram o que precisamos saber nos nossos sonhos. Vamos ver e vamos ouvir o que vai acontecer. Quando nós, mais velhos, fazemos uma oração, quando cantamos na *opy*, falamos com *Nhanderu* a respeito de todos os parentes que vivem em *Yvy Rupa*. Por isso, quando sonhamos, podemos saber o que vai acontecer com as pessoas em outras aldeias. São os *Nhe'e* que mostram isso para nós.”

## Ma'etỹ regua: Plantações



“ *Nhamandu* e *Nhanderu* têm sementes e só comem aquilo que eles plantam. Nós deveríamos plantar mais as nossas sementes. Tudo o que a gente planta é para alimentar os nossos filhos e foi para isso que *Nhanderu* nos deixou aqui. Ele determinou o que haveríamos de comer. Parece que estamos nos esquecendo dessas coisas. Vamos plantar de novo quando chegar *Ara Pyau*, meus parentes! Vamos nos esforçar para fazermos assim! Nós pensamos em plantar para o nosso filho, é para isso que temos filhos, para sentirmos vontade de plantar para eles. Plantamos mandioca, milho, feijão, melancia, para alegrarmos os nossos filhos e alimentá-los. É para mostrarmos a plantação para os nossos filhos que estamos aqui, para eles se alegrarem e terem saúde. Hoje em dia têm crianças que são alimentadas com os alimentos dos não indígenas, os quais têm muito sal, assim como outras coisas, por isso a criança pode ficar doente e podemos ter que levá-la no hospital. Nós, pais e mães, não sabemos alimentar os nossos filhos, pois lhes damos alimentos com muita gordura e muito sal que os deixam doentes. Eles podem ficar doentes e emagrecer. Para não acontecer isso, devemos plantar. Devemos plantar em cada uma de nossas aldeias, aproveitar que estamos falando sobre isso. Nós estamos aqui de novo reunidos e todos nós sabemos muito bem qual é o nosso costume, qual o jeito que *Nhanderu* determinou para nós.”




“Na época de agosto-setembro vai chegando *Ara Pyau*. Nesse tempo, cada família pega o filho e já sabe como tem que fazer. Plantamos o milho em *Ara Pyau*. Todos os mais velhos sempre plantam em volta da casa, perto da capoeira. As crianças pequenas ficam alegres, contentes, quando vêem alguma coisa plantada, crianças mais velhas também. Esse é o nosso costume. Quando a gente planta, para crescer bem, ficamos contentes, alegres. Falamos com *Nhanderu* quando plantamos e fazemos também o *nhemongarai* antes de plantar. Por isso que a planta cresce bem, porque primeiro se faz o *nhemongarai*. Antigamente, todo mundo fazia *nhemongarai*. A espiga vinha boa, a batata doce ficava grande e bonita.”

## *Tembi’u regua*: Alimentação

“A nossa mãe e o nosso pai sofrem e se esforçam para nos alimentar, para que possamos crescer. Quando a gente já tem a cabeça formada dentro do ventre da nossa mãe, nós já estamos comendo e o nosso pai sai à procura de coisas para nós comermos. Quando a mãe pede alguma coisa para o pai, não é ela que quer comer, é o filho que está no ventre que quer.”

“Antigamente víamos nossos pais plantando muita coisa. Faziam uma roça e plantavam batata doce, abóbora, mandioca, feijão, vários tipos de milho etc. Havia vários tipos de batata doce: *jety ju i*, *jety karaun i*, *jety anda i*. Tudo era moído no pilão ou *angu’a*. As mulheres colocavam a batata doce no sol durante três ou quatro dias e depois era moída junto com o milho. Assim que se começava a preparar o *jety mbaipy*, um tipo de sopa doce. Também faziam *kaguyjy*, com milho tupi e com milho Guarani. Moíam os grãos e depois faziam uma massa do milho. O *kaguyjy* era o nosso alimento. Quando éramos novos e bebíamos essa nossa bebida, ficávamos com vontade de fazer os trabalhos, tudo ficava bem para nós. Nós tomávamos muito *kaguyjy*, mas, hoje em dia, quando as *kunha Karai* fazem essa bebida, os jovens não querem tomar. Não pode ser assim, porque esse é o nosso alimento.”



“Naquela época se faziam balaios bem baixinhos que eram chamados *ajaka revikue*; também se fazia a peneira chamada *irūpe*. Antigamente, nós não fazíamos esses objetos para comércio. Os fazíamos para uso próprio. Tínhamos *irūpe guaxu* e *irūpe i*, peneiras grandes e pequenas. O que era socado no pilão era depois colocado na peneira. Depois de moê-lo um pouco, colocávamos o milho na água durante três ou quatro noites. Então, ele era colocado no pilão para ser moído de novo. A gente fazia a farinha de milho que hoje se chama *rora*, mas que antigamente chamava *huyxī*.”

“Quando *Nhanderu* nos criou, ele fez junto o pilão que seria usado pelas mulheres. Com ele, elas poderiam fazer vários tipos de alimentos: *mbojape*, *avaxi kui*, *rora rã*, *mbyta rã*. Dois ou três meses depois de ter tido o primeiro bebê, a mulher pode trabalhar no pilão. Quando a mulher recém ganhou um bebê, no primeiro mês após o parto, ela não pode fazer almoço para seu marido. Se o marido comer o alimento que a sua mulher, nesse estado, preparar, ele vai ficar com preguiça e isso não pode acontecer. Comer o alimento preparado pela mulher que recém ganhou um filho causa fortes dores abdominais e faz muito mal ao marido. O pilão serve para se fortalecer fisicamente, por isso que é importante para a mulher nesse momento. As meninas, quando trabalham no pilão, ficam saudáveis e com os braços fortes. Antigamente, quando as mulheres ficavam trabalhando no pilão, os homens iam ao mato. Quando eles voltavam, traziam a carne de caça e todos se reuniam e começavam a brincar, bem alegres. Quando tiravam as tripas, as meninas levavam para limpar. Enquanto isso, alguém já estava dividindo a carne que iria ser distribuída. Alguns homens iam à mata, ao rio e, enquanto isso, as meninas ficavam na aldeia fazendo *mbeju*. Eles pegavam os peixes com o timbó, esse era o alimento deles. Assim que eles faziam o trabalho antigamente, todos juntos. Para isso que serve o *angu'a*.”

## Kyringue nhangareko: Os cuidados com as crianças




“Desde sempre foram as mães que cuidaram das crianças. Todas as crianças nos fortalecem. As adolescentes e os adolescentes que estão casados e já têm filhos vão ser fortalecidos por eles. Seus pais e mães verdadeiros enviam as crianças para nos fortalecerem: ‘vão fortalecer os seus pais e mães aqui da Terra, vão fortalecer os seus avós’. Quando nós temos filhos, temos que contar para eles como é o nosso costume, *nhande rekorã va’e kue*, qual o jeito que *Nhanderu* nos deixou. A gente não pode criar os nossos filhos segundo os costumes dos não indígenas.”

“Vocês precisam saber como cuidar dos filhos do jeito que o avô e a avó estão falando, orientando, devem guardar na cabeça e no coração a sua palavra. Ainda estão vindo crianças ao mundo, *Nhanderu* ainda está mandando crianças que haverão de pisar pela primeira vez na Terra. *Remimonhe’e*: a criança já vem para a Terra com a palavra, com o conhecimento. Por isso *Nhanderu* ainda está mandando crianças. A mãe e o pai precisam levar o filho na *opy* e pedir ao pai dele lá de cima, no canto e na reza, que ele tenha saúde, que ele fique contente, para que ele brinque e cresça bem. Temos que cuidar dos nossos filhos para eles alcançarem a nossa idade um dia.”

“É importante contar os problemas que nos acontecem, procurar quem pode nos ajudar fazendo algum remédio. Temos que cuidar do filho quando não está dormindo direito, levantar para fazer um remédio, ver o que precisa. Em casa, muitas vezes a criança acorda muito cedo e o pai e a mãe são obrigados a levantar também. É para se levantar cedo mesmo! E não podemos ter preguiça de fazer almoço para os nossos filhos. Se a criança não comer bem, ela pode ter muito problema de lombriga e as lombrigas vão atacar o fígado dela. É tudo verdade! Que todos nós queiramos entender o que os mais velhos falam! Existem muitas coisas ruins por onde a gente anda, por onde a gente dorme.”

“Os nossos pais e as nossas mães sabiam como nos cuidar porque eram Guarani mesmo. Antes do filho falar, eles já falavam com ele somente em Guarani. Os filhos começam a falar quando estão engatinhando, e mais ainda quando vão começar a andar. Nós falamos no nosso idioma, só que, em algumas famílias, o pai e a mãe dizem que é necessário começar a falar para as crianças em português, para elas irem aprendendo. Não são todas as famílias que fazem assim, só algumas mesmo.”




“Antigamente, quando começava a tarde, a criança já sabia para onde tinha que ir. Ela ia ao espaço em volta da *opy* e começava a dançar *xondaro*. Quando escurecia, entrava na *opy*. Antes, nenhuma criança brincava na estrada e no rio nesse horário, não se fazia barulho. Mas, agora, já não é mais assim e isso não é do nosso costume. Outras vezes, quando estava começando a escurecer, o pai e a mãe chamavam o filho para sentar perto deles, dentro da casa. Falavam para o filho, para o neto, sentar. Antigamente, os pais chamavam até os filhos mais velhos, quase adultos, para ficarem dentro de casa, de tarde, e falavam muito com eles. Quando chega a tarde, na hora que o sol está se pondo, as crianças devem ficar silenciosas, pois, quando escurece, há muitas coisas ruins que se levantam ao nosso redor. Nesse momento, a onça se levanta e ela pode imitar o choro da criança ou o grito do jovem. Quando vocês gritam e brincam de tarde, a onça pode chegar perto e ninguém ficar sabendo. Além disso, a criança não pode fazer barulho nem gritar quando os mais velhos estão fumando. Não podemos andar à noite. Tudo isso é o nosso costume e temos que continuar fazendo assim. As crianças não entendem o que acontece de noite e elas ficam querendo brincar. Isso não é bom para elas. Existem seres que andam de noite e as crianças devem temê-los. Mesmo que a criança não esteja dormindo, ela precisa ficar dentro de casa. As crianças hoje não se comportam como antigamente. Mesmo que as crianças não queiram ouvir, temos que falar e ser firmes, não podemos nos enfraquecer. Que a gente tenha força e coragem para falar para os nossos netos, porque nós gostamos muito deles e por isso damos conselhos para eles.”

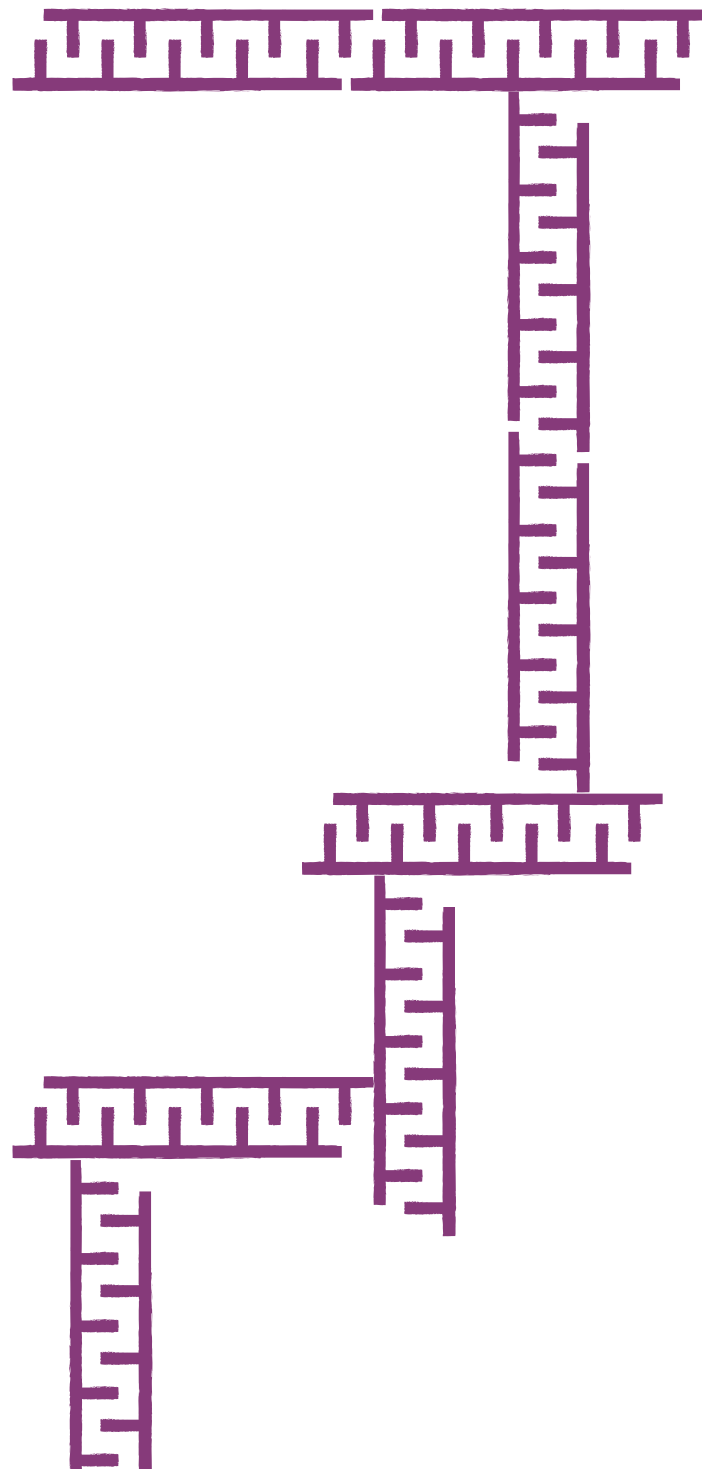
“Os antigos cuidavam mais das pessoas, gostavam mais, por isso eles davam educação, para não acontecerem coisas ruins com elas, por isso falavam muitas coisas para elas. Naquela época, quando nós éramos crianças, eles contavam tudo para nós. Eles diziam: ‘caminhem bem, brinquem bem.’ Quando a criança vai começar a andar, tem que cuidar dela, mas às vezes o pai e a mãe não sabem cuidar direito. *Nhanderu* precisa que os pais cuidem da criança. As criancinhas pequenas têm a sua hora de levantar e muitas vezes os pais não querem levantar. Os pais precisam levantar junto com os filhos pequenos.”

“Quando a gente levanta, às vezes falamos palavras desagradáveis para o nosso companheiro ou companheira. É explicado ao jovem antes de casar como é que tem que tratar o companheiro. Os mais velhos falam sobre tudo isso. Essa palavra tem que ser ouvida para poder ser compreendida. Vocês não estão sentindo os seus corpos bem quando levantam, mas isso não pode acontecer, porque vocês têm filhos e filhas. Isso quer dizer que vocês já estão doentes e é essa doença que faz vocês falarem o que não devem. Quando ficam nervosos, com raiva, é essa doença que está agindo. Ela dá conta da gente e a gente obedece essa doença. Ao obedecerem, ficam mais doentes ainda. Todo mundo pode tomar cuidados, todo mundo pode entender as coisas, mesmo não sendo *Karai*. É preciso ir na *opy*, fumar e contar as coisas para *Nhanderu*.”





“Vocês que são professores devem se esforçar. O professor tem que saber instruir corretamente as crianças. Vocês professores estão ensinando as crianças a escrever. Vocês precisam lhes ensinar e dar educação para elas não usarem palavras indevidas com os seus pais, seus avós e seus parentes. O professor tem que falar para as crianças não ficarem bravas, tem que falar mesmo. *Nhanderu* precisa que fiquemos bem. Quando nos manda para a Terra, ele já estabelece as regras sobre como devemos nos conduzir. *Nhanderu* não quer que a gente use palavras ruins. Como nós somos *tekoaxy*, não cumprimos a palavra dele. Para as mães e para os pais, vocês, filhos e filhas, não podem falar palavras ruins, pois *Nhanderu* não quer ver isso. Devemos dizer palavras bonitas. Aqueles que estão casados também têm que fazer assim, porque se não usarmos as palavras certas, o casamento pode não dar certo. Usar palavrões pode nos fazer mal, porque existem à nossa volta seres que não conseguimos ver que estão nos fazendo agir assim. Por isso nós não queremos que vocês façam isso, pois não é bom para vocês.”




## *Kunhataingue ha'egui kunumingue:* Os adolescentes



“ Quando a criança cresce, ela tem que ajudar a sua mãe, obedecer o seu pai, fortalecê-los. Se o filho não obedecer, ele pode enfraquecer os pais, pois eles ficam pensando muito, tentando entender porque o filho está fazendo isso. A sua mãe lá de cima e o seu pai lá de cima não querem que a criança ande de noite, não foi para isso que eles o mandaram aqui. Os nossos *xeramõi* e as nossas *xejaryi* também ficam fracos se a gente não os obedecer. Há muitas coisas perigosas que andam de noite e isso não é bom. Mas a família, às vezes, não entende. Isso depende de cada um. Se a pessoa andar de noite, porque não sabe que não é bom, quando ela ficar doente quem é que vai cuidar dela? Só *Nhanderu, okai gua re*, pode cuidar dela. É isso que estamos dizendo: não é bom enfraquecermos a nossa mãe, o nosso pai, os nossos avós.”

“ Desde criança, se ensina para o menino como ele deve ser, o que pode e não pode fazer, como tem que andar. Os adolescentes homens não podem quebrar galhos das árvores, não podem brincar com água, têm que saber andar e se cuidar. Não podem gritar, assobiar nem olhar para cima. As meninas não podem tomar banho de cachoeira a qualquer momento, precisam saber se cuidar. Tudo isso é o nosso costume. Não aprendemos no papel, esse conhecimento é nosso, é o nosso costume. Os Guarani, quando estão entrando na adolescência, têm que saber se cuidar, o que não podem fazer, como devem tratar os amigos, a mãe, o pai, os avós, esse é o nosso costume. As meninas também: quando elas ficam moças, precisam saber o que podem e o que não podem fazer, quantos dias devem ficar de resguardo: vinte dias no mínimo. Quando estão estudando na escola, elas não podem frequentar a aula nesse período. Tudo isso é o costume que nós temos, mas os brancos desconhecem os motivos.”

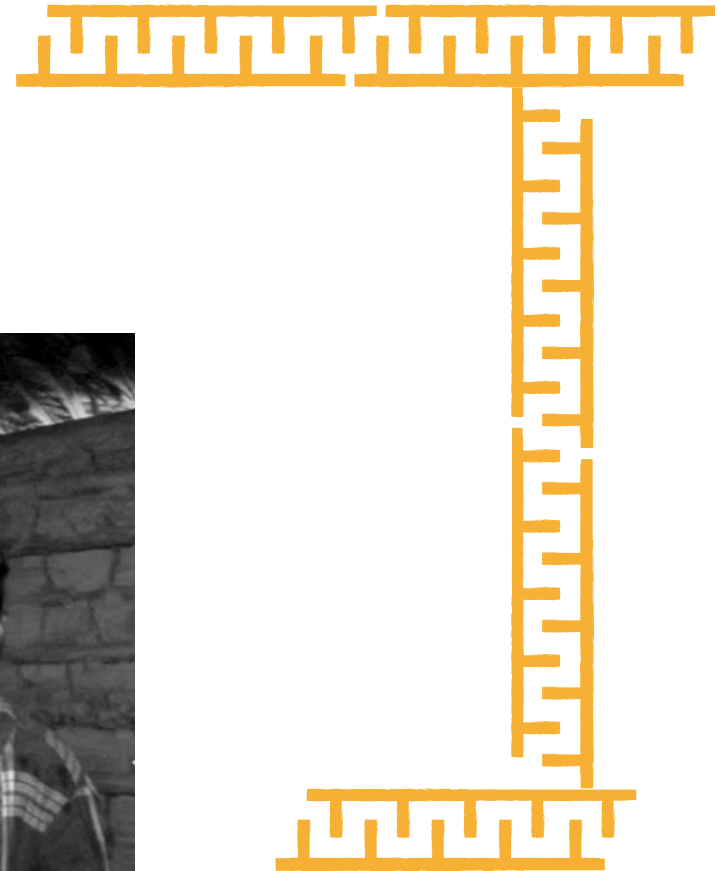


“Antigamente, desde crianças, as meninas já aprendiam como plantar batata doce, mandioca, como colher, como moer no pilão, todas as coisas que elas haveriam de fazer no dia a dia. Aprendiam a assar, a limpar dentro da casa, a molhar o chão da casa de reza, a varrer a *oka*, a pillar o milho para fazer o bolo de milho, *mbita*, assim como o *mbeju* e o *kaguyjy*, de manhãzinha. É desse jeito que as meninas aprendiam antigamente junto com a mãe. Os pais não deixavam as meninas brincar com bonecas.”

“Os meninos jovens aprendiam a fazer armadilha, a pescar, a pegar mel, a cortar cipó, a fazer um tipo pequeno de casa e tudo aquilo que eles haveriam de fazer na vida adulta. Eles furavam o lábio, *tembé*, quando eles iam virar homens. Não era só por gosto que se furava o lábio. O próprio pai furava o lábio do seu filho para evitar que ele falasse muito e ele ficar mais tranquilo, mais quieto. Quando furava o lábio do filho, o pai já explicava para ele como deveria se comportar dali em diante, que tipo de trabalhos iria fazer, passando toda a instrução necessária. Naquela época, quando os meninos tinham entre doze e quinze anos, época que nós chamamos *nheneguxu*, eles não podiam falar muito, não podiam olhar para cima, não podiam andar pelo rio, tinham que diminuir todas as suas atividades. Eles não

podiam pegar no facão e cortar qualquer pedaço de qualquer árvore, pois algumas delas também têm *Nhe'e*, o qual pode ficar bravo e vir a machucar o jovem. Tudo isso foi explicado para nós pelos nossos parentes de antigamente. Nós tínhamos que respeitar a água, tínhamos que respeitar a pedra, tínhamos que respeitar os bichinhos que vivem dentro da água. Nós tínhamos os conselhos dos nossos avós e dos nossos pais e mães. Eles nos ensinavam a não pegar qualquer bicho do mato, a não matar aqueles que não fôssemos comer, aqueles que não podíamos comer. Tudo isso nos foi ensinado para não ficarmos doentes. Não podemos matar o bicho que não vamos comer. Os meninos, na época em que estavam virando homens, tinham que ir à roça tirar mel e também pegar lenha, todos juntos, para fortalecerem o corpo e os braços e se acostumarem com o trabalho, de modo a não ficarem preguiçosos. A lenha mais grossa, para que durasse bastante, eles levavam para a casa de reza.”

“Era isso que os nossos avós nos ensinavam, era isso que nós tínhamos. Então, todos aqueles entre vocês que têm filhos precisam continuar lhes ensinando a fazer todas essas coisas para que eles adquiram todos esses conhecimentos. Nós aprendíamos sobre todas as coisas antigamente, com nossos avós.”



## Omenda va'e: Os casais



“ Todos os jovens que estão aqui e todas as crianças vão ser avós um dia. Tudo isso que estamos falando vocês precisam querer saber. Tomara que a gente não veja coisas ruins acontecendo e não tenhamos que usar os nossos remédios. Se nós não acreditarmos no remédio, como é que vamos nos curar? Se a gente não confia em *Nhanderu*, o remédio não vai funcionar, pois *Nhanderu* não vai nos ajudar. Isso que estamos dizendo são coisas complicadas e é por isso que estamos falando sobre elas. Tudo isso nos causa muito sofrimento. Mas vamos deixar de lado essas coisas e vamos nos alegrar. Se estiver casado, o marido pode andar com os amigos, ficar alegre. A esposa também pode passear com as amigas, com os amigos, conversar, brincar. Se a mulher gosta mesmo do marido, ela vai cuidar, vai lavar a roupa, fazer almoço. Os homens também, se gostam da mulher, devem respeitar muito. Aqui no mundo nós temos sogra e sogro, e lá em cima também. Temos que respeitar as nossas mulheres, porque o nosso sogro lá de cima está vendo, o pai verdadeiro do *Nhe'e* de sua esposa. Quando fazemos coisas ruins, não ficamos alegres: caminhamos para a morte. Se

pensarmos coisas erradas, quem é que vai estar nos fortalecendo? Quando o homem casa deve respeitar a esposa como respeita a própria mãe. As mulheres também devem cuidar dos seus maridos e respeitá-los como cuidam e respeitam os próprios pais. O homem vai chamar a esposa de *ha'i*, que significa mãe, e a mulher vai chamar o marido de *xeru*, que significa meu pai. Não é de brincadeira que nós nos tratamos assim. Os pais e mães do casal vão ficar contentes ao ouvirem essas palavras, pois vão saber que seu filho ou filha está sendo bem tratado pelo seu companheiro. Não é só por falar que eles vão usar essas palavras.”

## *Mba'eaxy ha'egui poã:* As doenças e os remédios



“Temos que acreditar e confiar quando fazemos o remédio para o nosso filho. Não adianta só saber e não fazer, isso é muito importante. Hoje em dia algumas pessoas estão levando os filhos no médico não indígena e as mulheres estão ganhando os filhos no hospital. Ao fazer isso, nós estamos errando frente a *Nhanderu*, porque, quando ele fez a Terra, já determinou o que nós haveríamos de usar para tratarmos as nossas doenças. Para a febre, para a tosse, para as feridas, para os machucados: para cada sintoma, há um remédio. Para todas as necessidades ele deixou remédios para nós usarmos. Nós temos o nosso médico para nos orientar sobre como devemos utilizar os remédios. Se vocês realmente gostam do seu filho e de sua filha, vocês devem procurar quem tem conhecimento e pedir para fazer os remédios para eles. Cada um de nós tem que falar: ‘Já me contaram como fazer os remédios, então agora é a hora de eu fazer’.”

“Nós conhecemos muito bem os remédios que tem, mas há algumas doenças que não conseguimos curar com remédios: a braveza, a desconfiança ou o ciúme não serão curados com remédios. Mesmo que os nossos avós saibam sobre todos os remédios, eles não vão descobrir remédios para essas coisas, porque não existem. É assim, meus parentes, nós temos que pensar mais sobre isso. Os jovens não

podem fazer coisas erradas, precisam se cuidar mais, precisam saber como andar para não chegar nesse ponto. Todas essas doenças são *mbaeaxy vaikue*, doenças fortes para as quais não temos remédios. Quem vai ajudar a gente, quem vai nos curar quando temos raiva ou ciúme? Quando estamos assim, brigamos em qualquer lugar. Quem é que está nos olhando? É *Anhang* que está nos olhando, os filhos dele, os donos da raiva, do ciúme e da desconfiança que estão nos cuidando, olhando para nós. Quando isso acontece, a pessoa já não tem mais vergonha de brigar na frente de todo mundo. Essa doença não tem cura, não tem remédio para ela, somente *Nhanderu* pode curar a pessoa. Vocês têm que se cuidar de tudo isso que estou falando, para não chegarem nesse ponto, meus parentes. Quando casarem com alguém e não der certo, têm que separar bem, sem brigar.”

“As mulheres e os homens, nós mesmos, colocamos dentro de nós as coisas que nos adoecem. Às vezes nos curamos e às vezes não. Podemos nos curar com as plantas ou através do *xeramõi*. Muitas vezes o *xeramõi* não vai conseguir tirar a doença que nós temos, pois são os *Nhanderu* que falam para ele tirar e o ajudam a achar o local onde se assentou a doença. Mas se eles não falarem, o *xeramõi* não vai saber curar. *Nhanderu* fala: ‘Deixa assim, até onde chegar.’ Por isso a gente não sabe até que idade vai viver.



Mesmo pessoas que fizeram muitas coisas erradas entram na casa de reza e pedem ajuda para *Nhanderu*, lembrando a sua origem, o lugar de onde vieram. Aí *Nhanderu* fala: ‘Ah, esse é o meu filho que errou, vou ajudar ele.’ *Nhanderu* vai dizer para os seus filhos: ‘Vão lá, cuidem do seu irmão mais novo, da sua irmã mais nova, pois estão precisando.’ Os filhos de *Nhanderu*, então, vêm ver o que a pessoa está precisando. *Nhanderu* fala para eles: ‘Cuidem deles!’ O nosso material, o nosso corpo e o nosso sangue são *tekoaxy*, mas o nosso *Nhe’e* não. Os nossos *Nhe’e* estão no *amba* e é de lá que eles vêm. *Nhanderu* confia nos *Nhe’e*. Nós não vivemos sem motivo e é por causa deles nos acompanharem que nós vivemos, pois são eles que nos erguem sobre a Terra. É na nossa carne, no nosso sangue, que estão as coisas que nos adoecem, mas nossos *Nhe’e* são limpos, pois eles não fazem aquilo que não devem. Assim, *Nhanderu* fala para os *Nhe’e*: ‘Cuidem do corpo.’ Por isso eles nos acompanham a todo o momento.”

## *Pytu’u Ara*: Os feriados

“Isso que os *jurua* chamam de feriado não tem a ver com a gente. No Brasil ou na Argentina é tudo igual. O feriado é para os *jurua*, eles que criaram. Por que a gente não tem feriado? Porque o nosso costume é assim. Quando o nosso parente morre, esse é um momento de feriado para a gente. Durante quatro ou cinco dias não podemos trabalhar, os professores não podem trabalhar e o patrão não pode reclamar, porque esse é o nosso costume, o nosso jeito. Quando tem chuva com trovoadas, a criança que está estudando não pode ir à escola, porque temos que respeitar *Nhanderu*. Não podemos levar as crianças à escola quando vem chuva, vocês professores não podem fazer isso. Temos que esperar passar o dia e depois podem voltar às aulas. O nosso costume é assim e temos que respeitá-lo. Quando vem chuva, *Nhanderu* não quer ver nada, não quer ver as crianças andando na chuva.”





## *Nhombo'ea*: Os professores


“Tudo isso é o nosso costume. É muito difícil que o *jurua* entenda isso. Precisamos colocar no papel e aí eles vão entender. Temos que continuar com o nosso costume mesmo, porque nós somos diferentes. Os professores, mesmo trabalhando para os brancos, não vão perder os seus *Nhe'e*, os seus espíritos guardiões. Assim, quando nos levantamos, temos que acreditar naquilo que vimos no sonho. Agora é só os brancos que mandam em nós. Estamos pegando um pouco do costume do *jurua* e por isso estamos cada vez mais fracos. É assim: temos que ser mais fiéis ao nosso costume. Muitas vezes a gente não sonha algo bom e, por causa disso, ficamos sem vontade de levantar. Dependendo do sonho, a pessoa sequer pode trabalhar.”



“Vocês professores que estão aqui e trabalham com o papel, que escrevem no papel, lembrem de *Nhanderu Tupã Ra'y*, Jesus Cristo, pois foi ele quem deixou aos não indígenas o papel. Vocês vão poder adquirir um pouquinho do conhecimento deles, pedindo a *Tupã* que ajude vocês a aprender. Desse jeito, vocês não vão encontrar dificuldades para aprender. Acreditem, confiem em *Nhanderu* para que ele possa ajudar vocês e vocês possam ajudar os seus parentes. ‘Vou fazer isso para ajudar os meus parentes, os meus avós’. É assim que vocês têm que pensar. Tomara que o seu pai verdadeiro veja que vocês têm isso dentro do seu coração, do seu pensamento, cada um de vocês. Vocês têm que saber pensar bem, não podem colocar pensamentos negativos dentro do seu coração nem dentro de sua cabeça. Vocês devem seguir esse caminho.”

“Quem dá aula para as crianças deve ser verdadeiro. Mesmo que vocês trabalhem com as crianças fora da casa de reza, vocês precisam saber contar para elas como é que vão alcançar a força e a saúde. Tudo o que foi falado aqui vai dar certo. Vocês têm muitas coisas para fazer neste trabalho. Quando se faz um trabalho, não dá para ser preguiçoso. A gente tem que se levantar com vontade de fazer com que aconteçam coisas boas, pois isso também é bom para





*Nhanderu. Nhanderu* nos mandou aqui para sermos *tembiguai*, ajudantes de nosso pai e da nossa mãe aqui na Terra. Aquilo que *Nhanderu* disse serve para todo mundo. Os não indígenas também sabem disso. Nós precisamos que vocês não tenham preguiça. Não podem ter preguiça de fazer o que os seus pais, mães e avós precisam. Quando o *xeramõi* fala, o professor também tem que ouvir. O professor não pode esquecer de levar as crianças para cantar dentro da casa de reza. Se esforcem para que *Nhanderu* veja que vocês fazem assim, acreditem mesmo, confiem em vocês para que os *Nhe'e* vejam. Apesar de todas as dificuldades, que possamos ficar bem! É disso que nós todos precisamos.”

“Nós moramos todos nas nossas aldeias e temos caciques. Os professores são os ajudantes dos caciques e fazem aquilo que o cacique determina. Então, estando todos juntos, uns frente aos outros, nos aconselhamos uns aos outros. O cacique deve orientar os professores e eles precisam esclarecer os caciques a respeito daquilo que não compreenderam bem. É por isso que nós, em cada aldeia, precisamos do professor, porque conversando conjuntamente a gente se apoia mutuamente. Os professores, hoje em dia, por serem jovens, têm dificuldade para entender e trabalhar com o *nhande reko*, com o nosso costume, o nosso sistema.”

“O professor não pode ter pensamentos ruins. O professor é como um pai que ensina a criança. A professora também é como uma mãe para as meninas. O que cada professor fala na escola é igual àquilo que os pais falam em casa. Quando a criança crescer, ela vai ter essa palavra guardada no coração e vai poder passar esses conhecimentos para os próprios filhos. *Nhanderu* vai ver o nosso jeito de andar.”

“Nós estamos achando bom o modo como os professores estão levando o seu trabalho nesta Ação. Os *Nhe'e* estão vendo esse trabalho que vocês estão fazendo e eles vão fortalecer vocês. São os *Nhanderu* que fazem com que aconteça esse trabalho. É isso que estamos dizendo. Não se trata somente de um trabalho para mostrar para os não indígenas, não é só para eles que vai servir. Esse trabalho vai servir para os seus filhos, para os filhos de seus filhos e os filhos dos filhos de seus filhos, e assim o nosso jeito de ser vai continuar. Nunca vai ter fim. Tudo o que estamos falando é verdade. Estamos falando para os seus *Nhe'e*.”


## No meio dos *Jurua*



“ Já se passaram mais de 500 anos e, mesmo assim, os *jurua*, os não indígenas, não conhecem nem vão conseguir conhecer o nosso costume. Mas agora nós estamos começando a colocar em um livro a palavra dos *xeramõi* e das *xejaryi*, para ver se eles conseguem entender um pouco. Esse documento que vai sair, que os não indígenas estão fazendo, é para mostrarem para os seus chefes, para ver se eles aprendem a nos respeitar mais. Este trabalho que está acontecendo está sendo bem feito. Aqui estão os não indígenas que querem nos ajudar, tomara eles possam continuar fazendo bem este trabalho. Que os *Tupã py'a guaxu* possam iluminá-los para que o trabalho seja bem feito. As mulheres não indígenas têm muitos irmãos, muitos parentes lá em cima que vão lhes fortalecer. Os não indígenas também têm parentes imperecíveis, imortais. Vamos falar um pouquinho sobre os não indígenas, sobre aqueles que trabalham com a gente, que nos acompanham. Que o pai deles possa também olhar para eles! Os *Tupã Ra'y kuery* vão dar força àqueles que estão trabalhando com a gente e, assim, alguns dentre eles vão fazer bem esse trabalho para nós, o qual vai nos fortalecer também. Mesmo não sendo nossos parentes, eles estão aqui prestando atenção. Eles estão prestando atenção nas nossas palavras. Eles são os parentes humanos e mortais de *Tupã Ra'y*, e por isso ele vai cuidar deles. Ele não vai escolher de quem vai cuidar, ele vai ajudar todos. Eles, os não indígenas, têm uma irmã imortal que vive ao lado de *Tupã* e, por isso, se eles acreditarem, ela vai ajudá-los. O irmão

deles, *Tupã Ra'y*, Jesus Cristo, está lá em cima também. Ele jamais vai ser morto. Eles têm vários outros parentes, que foram levados daqui da Terra: os *Jekupe*. Nós temos que confiar neles também, para que os não indígenas possam fazer bem o seu trabalho. Jamais o pai deles vai sentir alguma coisa ruim dentro do coração dele. Aquele que quiser trabalhar bem vai colocar dentro do seu coração só um bom pensamento, para ele poder ficar bem. Estamos contentes pelos não indígenas estarem aqui também. Mesmo que não sejam os nossos parentes, que aqueles que querem nos ajudar possam se fortalecer! Que *Tupã Ra'y* e a mãe dele olhem por nós também e coloquem o pensamento certo no coração deles e no nosso também. Eu me alegro mesmo, e por isso estou falando, meus parentes.”

“Devíamos mostrar mais como é o nosso costume, mas muitas vezes ficamos com vergonha. Não deveria ser assim. Se nós pedirmos terra, o governo vai dizer: ‘Vocês têm terra, por que vocês não plantam?’ Porém, se esses não indígenas que estão aqui pedirem, eles vão conseguir. É por isso que hoje nós temos um pouco de alimento. Porque os não indígenas têm muitos chefes e por isso eles podem nos ajudar. Os não indígenas estão ouvindo a nossa conversa; devíamos fazer mais estes encontros para nos fortalecermos, porque os não indígenas já estão quase nos pegando. Nosso costume é




muito importante, muito profundo e agora já não temos mais escapatória: precisamos mostrar algumas partes dele. Em todas as aldeias nós falamos: ‘Nós temos o nosso costume’, só que nós não mostramos como ele é e por isso eles não acreditam. Temos que mostrar o nosso costume para eles.”

“Vocês professores Guarani que estão estudando, que estão escrevendo, já estão sabendo algumas coisas sobre como funciona o sistema dos brancos. Por isso é importante estudar: para podermos lidar com eles, para explicar para eles como é o nosso costume; para mostrarmos o valor dele e o valor de nossa língua para nós, pois tudo isso foi criado por *Nhanderu*. Nós temos que acreditar, confiar e respeitar isso. Se a gente explicar bem como é o nosso costume, os não indígenas vão ouvir as nossas palavras boas e vão aprender a nos respeitar. Por que queremos conversar, por que queremos falar para os não indígenas e para nós mesmos? Para que os *Nhanderu kuery* nos vejam, nos escutem, para que prestem atenção nas nossas boas palavras e se alegrem. Eles não querem ouvir nossas palavras ruins. Nós prestamos atenção nas nossas próprias perguntas, porque *Nhanderu* sabe todas as coisas que estão no nosso coração.”

“Os chefes dos brancos querem nos dominar, mudar o nosso jeito de viver. Querem impor a sua palavra, a sua língua e o seu jeito de ser. Eles precisam que nós sejamos como eles. Mas, apesar deles quererem criar as regras do nosso viver, isso não vai acontecer: nós permaneceremos no nosso propósito. Para isso não acontecer, nós estamos atentos, nós usamos a nossa fala, mesmo imperfeita, para nós mesmos. Os não indígenas pensam que somente eles estão trabalhando para imporem a sua palavra. Mas mesmo nós sendo simples seres humanos, mesmo errando em nossas vidas, os nossos *Nhe’e poranguei*, os nossos belos guardiões, quando vêm à Terra, trazem para nós as regras do nosso viver. Os não indígenas querem tirar aquilo que é nosso e nos impor o seu modo de viver, mas *Nhanderu* nunca autorizou isso nem vai autorizá-los a nos mudar, pois ele mesmo já nos colocou nesta Terra com o propósito que a gente deve seguir.”


“Será que a gente vai voltar a ser como era? Dificilmente. Só uma coisa nós não vamos perder, só uma coisa é muito importante mesmo: a nossa língua, isso a gente não pode perder. Sempre vamos nos manter falando a nossa língua. Mesmo que o *jurua* tente tirar de nós a nossa língua, nunca vai conseguir. Alguma parte vai tirar, mas a única coisa que ele pode mesmo tirar de nós é a nossa terra. A nossa terra, a



nossa mata, isso eles vão tirar de nós. De fato, os brancos já tiraram tudo isso de nós, a nossa terra, as nossas matas, os nossos rios, porque eles não gostam de nós. Nós estávamos melhor antes do que agora. Antes tínhamos rios bonitos, cheios de peixe, mas agora não, porque os *jurua* têm as suas roças grandes, as suas criações de bois e nós não temos mais nada. Foi assim que aconteceu. Mesmo que estejamos nessa situação, nós ainda temos um ou outro pedacinho, existe ainda um ou outro pedacinho de mata, mas os não indígenas não querem deixar a mata para nós porque são mesquinhos.”

“Os nossos *Nhe’e* não são como os não indígenas. Os não indígenas ensinam tudo em sua própria língua, mas eles nunca vão conseguir mudar o nosso idioma, a nossa fala, a nossa língua. Jamais o nosso jeito de ser vai mudar e ser como o dos *jurua*. Jamais a nossa pele ou os nossos ossos vão ser trocados. Não é bom que a gente conduza as nossas crianças segundo o costume dos não indígenas. Temos que levar o nosso verdadeiro costume à frente, não podemos deixá-lo. Temos que levar para frente o nosso costume para que os nossos filhos não peguem o costume dos não indígenas. Estamos dando esses conselhos para que *Nhanderu* nos veja, para que *Nhanderu* nos ouça, porque alguns dentre vocês vão seguir essa palavra. Estamos falando para que todos os nossos *Nhe’e* possam nos ouvir.”

“Agora os jovens estão aprendendo o que não é nosso, estão aprendendo o costume dos *jurua*. Nós temos o nosso costume, mas os *jurua* não sabem como é. Eles só vão conhecer se ele estiver escrito no papel. Quando eles lerem a respeito, eles vão entender o nosso costume, se não, não vão acreditar. É por isso que nós acreditamos que vocês professores têm que colocar no papel tudo isso que estamos falando, têm que nos ajudar a fazer isso. Todos aqueles que estudam precisam estar juntos e nos ajudar a fazer isso: contar para os brancos como a gente quer que seja o estudo em cada aldeia, a forma que os nossos alunos têm que ser formados. O pensamento tem que ser igual em todas as aldeias, em todas as escolas. O papel que vai sair disso tem que valer para todas as aldeias, pois nele vai estar escrito o mesmo pensamento. Assim vai ficar bom para os brancos. Se cada aldeia fizer de um jeito, aí não vai dar. Agora estamos aqui reunidas vinte aldeias. Temos que colocar uma palavra só. Vocês têm que andar juntos, escrever esse papel e levar ele juntos. Tudo isso que nós temos é para nós mesmos. Sobretudo isso que vamos falar, temos que falar todo dia. Se levarmos somente em conta o pensamento do *jurua*, não vai dar certo. Nós, os mais velhos, achamos isso ruim, porque *Nhanderu* não está gostando, ele não quer ver isso aqui na Terra e nós também não.”



“Temos muitos parentes que precisam de ajuda. Aqueles que não sabem falar em português, que não sabem escrever, precisam de ajuda. Quem quiser ajudar os parentes tem que ter essa vontade dentro do coração. *Nhanderu* está vindo se ele quer ajudar ou não. Não é só por causa de dinheiro que a pessoa tem que fazer isso. Temos que nos fortalecer uns aos outros. É *Nhanderu* que vai ajudar vocês professores a fazer esse trabalho. Temos que pensar: ‘Eles são nossos parentes e tenho que ajudá-los.’ Não são todos vocês, mas alguns de vocês pensam assim. Para esses, *Nhanderu* vai dar força, para que o professor que escreve possa aprender mais sobre todas as coisas.”

“A gente tem que saber como vamos atuar em nossas aldeias, como é o nosso pensamento, como precisamos fazer para mantermos o nosso costume. O branco não pode mandar dentro da aldeia, quem tem que mandar é o cacique. O Guarani vai falar como quer que seja a educação dentro da aldeia: seria muito bom que o branco aceitasse fazer do jeito que os mais velhos querem. Se não for assim, não vai dar. Por isso estamos falando, para termos um pensamento só. Temos que olhar mais para todos os nossos parentes. Tudo o que foi falado aqui deve ser escrito no papel. Assim os brancos vão acreditar e nos respeitar, é assim que vamos conseguir isso. O *jurua* não tem, mas *Nhanderu* tem força para fazer isso acontecer. Se cada professor acreditar, *Nhanderu* vai dar força.”

“Esse trabalho que vocês estão começando a fazer já vem sendo planejado há muito tempo. Cada trabalho que nós fazemos possui uma finalidade. As lideranças que trabalham junto aos brancos vão querer descansar um dia, mas o trabalho que eles fazem será continuado por aqueles que são mais novos. Nós mais velhos já trabalhamos com os brancos e, quando ficamos fracos para fazer esse trabalho, vocês começaram a assumir a responsabilidade. Vocês vão continuar aquilo que os mais velhos começaram antigamente, mas vocês não podem se enfraquecer. Vocês têm que se esforçar muito e, mesmo não adquirindo todo o conhecimento dos *jurua*, vocês precisam saber um pouquinho.”

“Hoje estamos junto aos *jurua*. O que ia acontecer os nossos avós já falaram. Eles previram que os jovens iam andar no meio dos *jurua* e agora nós estamos vendo. Muitos dos nossos avós não nos deixaram estudar na escola, eles não queriam. Não aceitavam a escola, pois entendiam que esse era um caminho errado. A nossa escola, diziam, é a *opy*, é lá que a gente aprende. A escola que nós tínhamos era a *opy* e lá as crianças sentavam para ouvir a palavra dos *xeramõi*. Hoje muitos nem procuram mais saber, em todo lugar está acontecendo isso. Então lembrem: mesmo que os brancos falem de educação, nosso costume não tem a ver com a educação deles. Os brancos estudam desde criança já usando o papel. Esse é o costume deles. É assim que eles aprendem e alcançam conhecimento. É isso que eles cha-

mam de educação. Quando a pessoa estuda bastante, pode chegar a ter muito dinheiro. Os *jurua* estudam bastante e por isso possuem dinheiro. Para nós também está acontecendo assim em algumas partes. Quem trabalha mais, ganha mais, quem trabalha menos, ganha menos. Não é ruim, mas a pessoa tem que saber fazer o trabalho certo. Tem que fazer dois trabalhos: o *jurua* e o Guarani.”

“Antigamente, os brancos nos matavam com revólver, mas agora estão nos matando com a palavra e com a escrita no papel. Hoje vale só o papel. Agora somos obrigados a usar o papel, para valer, como os brancos. Agora não temos mais saída, temos que estudar bem para defendermos os nossos parentes, para irmos à cidade conversar com o prefeito e outras lideranças. Para isso os nossos parentes estão estudando: para ajudarem os mais velhos. Mesmo que o mais velho não saiba falar bem português, não saiba escrever, ele sabe falar sobre o nosso costume. Precisamos nos unir para nos fortalecermos juntos. Se não fizermos isso, o branco vai pegar o papel que nós escrevermos, vai ler e vai jogar fora. Ele vai dizer: ‘Isso não vale nada’. Os chefes com poder não vão acreditar em nada que nós dissermos. É assim que o pessoal nos trata. Eles não querem acreditar em nós e não querem nos respeitar.”






“Esse trabalho que vocês vão fazer, vocês vão mostrar para os *jurua*. Façam isso! Nós, os mais velhos e mais velhas, não conhecemos o pensamento do *jurua*, o seu conhecimento, não sabemos o que está fazendo contra nós, como está trabalhando para nos prejudicar. Nós nunca vamos saber. Mesmo não sabendo como pensa o *jurua*, os jovens estão começando a caminhar no meio dos brancos, aprendendo a falar em português, adquirindo um pouco do mesmo conhecimento que eles têm. Tomara que eles alcancem esse conhecimento! Assim, eles vão poder falar com as autoridades, explicar como é o nosso costume. Eles vão ficar frente a frente com as *nhovaixi*, as autoridades, e a palavra nossa vai chegar ao entendimento deles. O próprio *Tupã* está cuidando disso: ele vai dar força para os brancos compreenderem, para a nossa palavra chegar até eles e penetrar no seu entendimento.”

“*Tupã* já está começando a trabalhar com o mundo e ele também está tomando conta dos brancos. E estamos vindo, na cidade, os resultados disso. Na televisão, vemos o jornal e ficamos sabendo do que acontece na cidade. Vamos levar para a frente, juntos, o nosso costume. Juntos vamos nos fortalecer mutuamente. Se a gente se fortalecer junto, se falarmos para *Nhanderu*, pedindo para ele nos ajudar, ele não vai deixar para depois. *Nhanderu* não tem *tekoaxy*, não tem erro, não tem imperfeições. *Nhanderu* nos traz para vivermos aqui nesta Terra. Ele nos diz: ‘Vai meu filho, vai minha filha. Cresça até chegar à velhice, lembrando-se do que falei para

você, para alcançar sempre de novo a sua morada celestial.’ É assim que *Nhanderu* falou para todos vocês, para todos que estamos aqui sentados uns do lado dos outros. Que assim possa ser! Agora estamos todos chegando ao momento mais difícil, por toda a extensão da Terra, por todas as aldeias. Os nossos parentes que habitam do outro lado do mar permanecem vivendo de acordo com o nosso costume, mas eles também estão sofrendo.”

“Mas, mesmo no meio de todas essas dificuldades, nós estamos aqui e vocês continuam fazendo o seu trabalho. Vocês podem trabalhar com as palavras e com o papel, e isso vai servir para vocês mesmos. Assim, o filho de *Tupã* vai mostrar para vocês como trabalhar. Os *xondaro*, ajudantes de *Tupã*, vão orientar vocês. O pai verdadeiro de *Tupã* e a mãe verdadeira de *Tupã* vão abrir o pensamento dos brancos para eles poderem aceitar as palavras que vocês vão lhes entregar escritas no papel. É com esse propósito que vocês vão se levantar. Eu vou me levantar para pedir isso a *Tupã Ra’y*, *Tupã Ru Ete* e *Tupã Xy Ete*: ‘Vamos! Eu vou me levantar aqui sempre de novo, vou caminhar para entrar na casa do *jurua* onde se encontra o chefe deles. O meu corpo imperfeito eu vou levantar de novo. Eu vou fazer esse papel, esse documento eu vou fazer chegar até a cidade do branco. Vocês que vão saber como vão fazer isso acontecer.’ É assim que vocês vão falar, que vocês vão fazer para que eles abram os caminhos para vocês. Os chefes dos não indígenas, os políticos, conversavam antigamente com nossos avós.




Nossos avós perguntaram a *Nhanderu* como deviam fazer e *Nhanderu* falou verdadeiramente para eles. Os *Jakaira kuery* também falaram verdadeiramente para eles. Não é na hora que está anoitecendo que vamos conseguir que *Jakaira* fale com a gente, pois ele não fala nessa hora. Vocês ainda estão sabendo de tudo isso. Antigamente, aquele que se concentrava na *opy* verdadeiramente, se levantava meia noite para conversar com *Jakaira*. Era essa a hora em que *Jakaira* começava a falar.”

“Algumas pessoas vão conseguir, uma ou duas. *Nhanderu* nos colocou no mundo e ele pode ver o coração de cada um. Mesmo que a pessoa não entenda de tudo, pelo menos ela estará no meio do caminho. *Nhanderu* vai ver o que é preciso colocar no coração daqueles um ou dois que trabalham para eles terem força, para pensarem. É por isso que nós estamos aqui na Terra. Mesmo que não sigamos mais inteiramente o nosso costume, pelo menos estamos aqui. Todos nós somos Guarani. Vocês falaram que os *jurua* põem o seu conhecimento no papel, que o suporte de sua memória é o papel. Quem mostrou isso para eles foi o próprio *Tupã*. Não foi à toa que foi mostrado isso a eles, que eles aprenderam a fazer isso: o próprio *Tupã* que mostrou.”

“A Terra está começando a acabar, a Terra que *Nhanderu* criou não está bem. Até quando *Nhamandu* vai vir nos fazer levantar? Nós, meus parentes, que somos simples seres humanos, não sabemos como é que o mundo está. Mesmo assim, nós estamos lembrando de *Tupã* e é bom que nós lembremos sempre dele. É por isso que *Tupã* está nos vendo e está cuidando de nós. É disso que vocês precisam. É porque os brancos se levantam contra nós que vocês estão aqui conversando, para saberem de que modo vocês vão fazer eles nos compreenderem. A gente precisa pedir para *Nhanderu* nos dar força. Quando vocês se levantam para ir nas cidades dos brancos, falar com suas lideranças, vocês têm que acreditar que Jesus Cristo, *Tupã Ray*, está olhando e vendo vocês. Assim, ele vai ajudar vocês a falar com os brancos, vai abrir o caminho para as nossas palavras. Todas as vezes vocês têm que fazer assim. Os *Jakaira* e *Tupã kuery* é que vão enfrentar os brancos. Se eles escreverem três ou quatro letras que seja, os brancos não vão poder fazer mais nada, vão ter que cumprir a palavra deles. Quem é que vai enfrentar a palavra de *Tupã* aqui na Terra? Quem quer enfrentar o branco, tem que lembrar de *Tupã*. Quando os *Tupã* vêm para a Terra, com seus *popygua*, eles trazem o granizo. Os seus raios alcançam tudo o que há na Terra. Quando a gente pede ajuda para eles, do fundo do coração, para todos os nossos parentes, eles vêm, mas assustam todo mundo. A gente tem que acreditar mesmo, pedindo dia após dia, não é pedir um dia só que vai fazer com que eles venham.”






“Os *xondaro* de *Nhanderu* vêm, no seu barco voador, na trajetória do sol. As nossas palavras de simples humanos, os nossos risos de simples humanos, não os atravessam, não os ultrapassam, eles os seguram. Quando os *xondaro* vierem em seu barco voador, todos nós *Mbya* temos que nos concentrar e prestar muita atenção, temos que ter um pensamento só para sabermos como vamos dizer a nossa palavra para os brancos. Os brancos pensam que nós não possuímos conhecimento, memória ou sabedoria, e por isso eles se acham no direito de tirar as nossas terras de nós. Nós já não podemos mais procurar lugares onde ficarmos realmente bem. Quando precisamos de espaço para levantarmos as nossas aldeias, quem pode nos ajudar são os *Tupã kuery*. É assim, meus parentes, nós falaremos para vocês sempre de novo, para que vocês possam se fortalecer quando ficarem de frente para os *jurua*, para que os brancos nos respeitem e digam: ‘É verdade o que os Guarani estão falando.’ Nós precisamos da ajuda dos *Tupã kuery* para que isso possa acontecer.”

“Nós permanecemos no nosso propósito, meus parentes. *Nhanderu Tenondegua*, nosso pai primordial, *Nhandexy Tenondegua*, nossa mãe primordial, cuidadosamente dirigem o seu olhar para nós. Eles orientam o seu filho, *Tupã Ru Ete*, para que cuide de todos nós quando vocês forem sentar com os brancos para conversar. Os *Nhanderu kuery* possuem *ogueno’a ayvu*, palavras que eles vão inspirar em nós para que nós as digamos aos brancos, pois são eles que sabem o

que deve ser dito para fazer os brancos nos compreenderem. Nós, mais velhos, nos concentramos quando vocês vão à cidade, para que vocês recebam as palavras certas e alcancem o seu propósito. Quando caminham no meio dos brancos, fazendo os seus trabalhos, vocês devem se lembrar de se concentrar e pedir para *Tupã* que olhe para vocês e lhes dê força. Assim, quando estiverem na frente dos brancos, não pensem que vão ficar sem palavras, pois *Tupã* vai lhes dar força para vocês encontrarem as palavras adequadas. Nós Guarani sabemos que é assim, sabemos que, pela força de *Nhanderu*, nós nos levantamos todos juntos. A palavra de *Nhanderu Tenonde* é infinita e é ela que fortalece nós todos em cada aldeia.”

“As nossas avós daquela época já nos diziam que veríamos os nossos netos, nos dias de hoje, misturados com os não indígenas. Os nossos avôs já contavam que iríamos chegar nesse ponto e eles não mentiam antigamente. Fosse mentira, nós não teríamos chegado nesse ponto. Eles não falavam só por falar: por isso eu também estou falando para vocês. Nós estamos hoje vivendo no meio de tudo isso que eles anunciaram que iria acontecer, já chegamos nesse ponto. Por isso eu estou falando. Não foi somente aqui, entre nós que nos reunimos hoje, que essa situação foi gerada. Quanto e quanto tempo isso demorou para acontecer? Faz quantos anos, quantos dias que isso vem acontecendo?”



“Qual é o motivo de *Nhanderu* ter criado esta Terra imperfeita? *Nhanderu Tenondegua* criou esta Terra para nós e os não indígenas vivermos. *Nhanderu* criou esta Terra imperfeita e ele já viu tudo aquilo que aconteceria aqui. Mesmo sabendo de tudo o que iria acontecer, ele criou a Terra. *Nhanderu* deixou uma Terra só. Não podemos dizer que somos donos de uma terra, que somos da Argentina, do Paraguai ou do Brasil. Não foi para isso que *Nhanderu* nos enviou aqui. Ele nos enviou a uma Terra só. Há muito tempo vieram os nossos parentes do Paraguai e nós que estamos aqui somos os filhos deles. Toda esta extensão de terra é nossa Terra. Meus netos, *Nhanderu* não dividiu a Terra em países nem fez documentos que determinassem os seus donos: ‘Este pedaço é para os brancos, este outro é para os Guarani’, ele não disse isso. Não existem dois mundos, duas terras e é por esse motivo que devemos conviver com os brancos. Assim sendo, tem alguns deles aqui trabalhando com vocês e todos os que aqui estão são trabalhadores. Vocês querem isso, nós queremos isso e por esse motivo estou pedindo a *Tupã Ra’y* que esses não indígenas possam mesmo fazer um trabalho bom. Que eles ajudem vocês verdadeiramente, que eles verdadeiramente dêem valor para vocês.”

“Os não indígenas que estão aqui, trabalhando, que querem ajudar a gente, também enfrentam muitas dificuldades em suas cidades cheias de carros. Mas, mesmo no meio de tudo isso, eles querem trabalhar e eles vão ser ajudados por *Tupã Ra’y*, Jesus Cristo. Todos nós vamos nos ver de novo. São eles que vão trazer os papéis, os documentos, para vocês professores. Hoje em dia, alguns brancos já sabem como nós somos, como é nosso jeito. É verdade que alguns deles têm vontade de ter conhecimento verdadeiro para poder nos ajudar, para poder ajudar vocês, e por isso eu estou aqui falando. É verdade o que foi falado. Apenas algumas coisas foram ditas, pedacinhos só. Mesmo que eu não alcance tudo, eu sei alguma coisinha e por isso estou falando para vocês. Eu não alcanço compreender tudo. Algum dos meus netos falou que eu penso que tenho todo o conhecimento, mas não é assim. Para vocês que estão aqui, eu falo. Nós precisamos confiar em alguns *jurua* que acreditam em nós. Não é para tirarem o nosso conhecimento, para mudarem o nosso jeito de ser que eles estão aqui. É por isso que *Nhanderu* vai ajudar eles, vai dar força para que possam nos ajudar. É *Tupã Ra’y*, Jesus Cristo, que vai dar força para eles. Que *Tupã Ra’y* os ajude! Mesmo morando em pequenos pedacinhos de terra, nós também podemos ajudar os brancos para que *Tupã Ra’y* os ajude. Os brancos que estão

aqui não estão rindo de nós nem julgando o nosso costume, e é por isso que *Nhanderu* vai ajudá-los. Eles nos ajudam, mas não é por causa deles nos darem alguns alimentos que nós sobrevivemos. Não foi por causa dos não indígenas que os nossos avós antigos cresceram. Não foram os brancos que nos alimentaram. Na mata foram criados vários bichos e é por isso que os nossos avós antigos cresceram.”




## O estado do mundo


“A nossa *Yvy Rupa*, a nossa Terra, não é como antigamente. Já está querendo chegar ao final e é por isso que os mais velhos, os que ainda possuem o conhecimento, estão acabando. Por serem conscientes disso, os mais velhos não conseguem mais ficar alegres e estão indo embora, voltando aos seus lugares originários. Mesmo assim, ainda há alguns que continuam com a gente e por isso estamos nos lembrando da morada de *Nhanderu*.”

“Na superfície da Terra, por onde as cidades dos brancos se espalham, *Tupã* já começou a trabalhar. Nós somos Guarani e é por isso que ainda não estão acontecendo coisas ruins nas nossas aldeias. Nas cidades dos brancos estão começando a acontecer muitas catástrofes naturais, enchentes, terremotos e os brancos não sabem a razão. Meus netos, a gente ainda não está vendo isso acontecer em nossas aldeias. Como é que têm que ser as nossas aldeias, como temos que andar? Temos que ter mais cuidado. *Nhanderu*, quando olhar para cá, se ele mandar algum vento vai derrubar tudo. Aí nós não vamos ter coragem. Por isso temos que acreditar. Nossas aldeias, nossos *tekoa*, precisam ficar protegidas e para isso temos que falar para *Nhanderu* de nossas aldeias cada dia, para ficarmos bem. Nosso deus tem que ver onde estamos, onde dormimos, esse é o nosso costume.”

“Os brancos que estão à frente dizem que sabem muitas coisas, mas eles não sabem, pois estão se matando uns aos outros. O dono da Terra, *Nhanderu Tenondegua*, antes de mandar no mundo, falou: ‘Meu filho, eu te criei e vou te cuidar agora.’ As nossas avós de antigamente já nos contaram que os *jurua* iam nos dar problemas. Agora chegamos nesse momento anunciado lá atrás. Enquanto o dono da Terra não dizer, ninguém pode fazer nada, pois somos seres humanos somente. No final, vamos nos assustar com as coisas que vão acontecer. O fim da Terra está chegando. *Nhanderu* vai acabar com a Terra por causa dos não indígenas. *Nhanderu Tenonde* vai enviar a sua palavra para todos os seus filhos para que eles a cumpram: ‘Todos vocês têm que seguir a minha palavra’, ele vai dizer. A catástrofe vai nos alcançar também, pois somos *tekoaxy*: somos imperfeitos. Por isso, nós temos que pedir para *Nhanderu* que, apesar de nossa imperfeição, nos permita alcançar a sua morada antes que isso aconteça. Para que ele considere o nosso pedido, nós também devemos seguir a sua palavra, acreditar na sua orientação. Isso já foi determinado no momento em que *Nhanderu* nos criou. Nós continuamos tentando seguir a orientação que ele deixou para nós quando nos enviou à Terra.”



“Vocês, que são lideranças hoje em dia, são pessoas novas ainda. Mesmo assim, os *Nhe'e* vão fortalecer vocês e, ainda que vocês não sejam perfeitos, as crianças vão lhes respeitar quando vocês falarem. Os brancos que estão aqui estão nos respeitando e estão começando a aprender alguma coisa de nossa língua. Nós estamos aqui no Brasil, mas os nossos parentes que estão em outros lugares estão sofrendo. Em outros lugares, os nossos parentes que falam diferente de nós pensam em brigar pela terra. Nós não! Nós sempre acreditamos naquele que fez a Terra. Tudo o que foi falado para as crianças, para os jovens, é verdade: é de *Nhanderu* que a gente tem a força, por isso estamos falando.”



# Glossário



**Nhe'e:** Princípio anímico de origem celeste. Eles descem à Terra provenientes das regiões celestes onde moram as divindades Guarani, os *Nhanderu kuery*. São eles que erguem o corpo sobre a Terra e o fazem caminhar e é neles que se encontra a palavra, a possibilidade da fala.

**Nhanderu:** Literalmente “nosso pai”. *Nhanderu Tenonde*, o primeiro *Nhanderu*, é a principal divindade na cosmologia Guarani. Foi ele que gerou os chamados *Nhe'e Ru Ete*, pais verdadeiros dos *nhe'e*. São eles: *Nhamandu*, responsável pela vinda do sol a cada dia (às vezes é chamado *Pa-Pa Tenonde*; *Karai*, que cuida do fogo; *Jakaira*, o dono da fumaça dos cachimbos e *Tupã*, responsável pela água, pelas chuvas e pelo mar. Cada um deles habita uma determinada região celeste, junto a suas mulheres - as *Nhandexy kuery*, “nossas mães” - e seus filhos, que são os *nhe'e*.

**Tekoaxy:** É a condição de vida na Terra, fazendo referência ao caráter imperfeito da existência humana.

**Mbya reko:** O sistema de vida dos Guarani, incluindo seus modos de organização social, as regras de comportamento que possibilitam a boa convivência, os conselhos dos mais velhos, a alimentação saudável, os modos de vivenciar tempos e espaços, o respeito às outras formas de existência.

**Yvyraiija:** Aquele que toca o violão e canta nas cerimônias religiosas, pedindo saúde e força às divindades para todos os seus parentes. Modo correto segundo dita a etiqueta de se referir aos adultos dentro da “casa de reza”, *opy*.

**Karai:** Especialista ritual que tem a capacidade de tratar problemas de saúde física e espiritual. Ele também reza para as divindades na “casa de reza”, *opy*, pedindo sempre às divindades (*Nhanderu*) e aos *nhe'e* que cuidem dos seres humanos aqui na Terra. Modo correto de se referir aos homens mais velhos dentro da “casa de reza”, *opy*.

**Kunha Karai:** A mulher *Karai*.

**Yvy Rupa:** A plataforma celeste; inclui todos aqueles que habitam na Terra.

**Tupã Ra'y:** O filho de *Tupã*; Jesus Cristo.

**Opy:** Normalmente traduzido como “casa de reza” é o espaço onde os Guarani se reúnem no final do dia para se concentrar, pedir fortalecimento e saúde aos *Nhanderu* e aos *nhe'e*, para cantar e dançar, desse modo livrando os corpos de diversas moléstias, para fumar os cachimbos e conversar com os seres divinos ou tratar pessoas doentes. É um espaço



ritual, um lugar de acolhimento e resguardo para toda a comunidade. É também na *opy* que os mais velhos passam conselhos sobre a vida e os cuidados necessários com ela aos mais jovens.

**Tetymakuaa:** Cordas feitas com os cabelos cortados e trançados de meninas que menstruam pela primeira vez, normalmente as filhas ou futuras esposas, amarradas na panturrilha, em várias voltas. Os Guarani o utilizavam antigamente como distintivo e para fortalecer as pernas durante longas caminhadas.

**Jurua:** Nome dado aos não indígenas, especialmente aqueles que se caracterizam por um estilo de vida marcado na chamada civilização ocidental.

**Nhemongarai:** Principal ritual dos Guarani. Trata-se de um ritual de nomeação, no qual os *Karai* e *kunha Karai*, e mais especificamente os chamados *onhemboery va'e kuery* (aqueles que dão nome), revelam aos pais da criança o nome do *nhe'e* do seu filho, princípio celeste e divino da pessoa. É a partir do nome que se sabe de qual região celeste esse *nhe'e* está chegando, quem são seus pais e mães divinos e qual função veio fazer na Terra.

**Ara Yma:** Tempo velho; corresponde ao outono/inverno, ocorrendo, aproximadamente, de março a setembro.

**Ara Pyau:** Tempo novo; corresponde à primavera e ao verão, sendo o tempo em que tudo floresce e se renova sobre a Terra. Seu período vai de setembro até março.





# **A Prática da Educação Escolar Diferenciada:**

Ações Desenvolvidas pelas  
Equipes de Trabalho da ASIE  
SC do Contexto Guarani

## ***Moã regua:*** Ervas medicinais

### **Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos das Escolas das Aldeias do Litoral Norte de Santa Catarina**



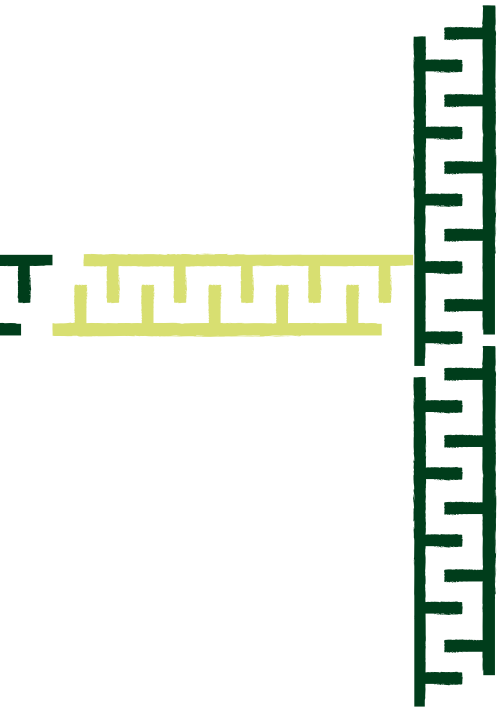
O *pindo*, a palmeira, foi a primeira planta a ser erguida em *Yvy Rupa*.

Assim acontecendo, deu-se o fundamento para que todos nós pudéssemos também nos erguer aqui.

Depois de muitos encontros ouvindo a fala dos mais velhos sobre plantas medicinais e ouvindo suas histórias, podemos dizer que existem plantas medicinais para cura de doenças e também plantas que podem ser consumidas como alimentos. Estas últimas servem também como forma de prevenção das doenças, possuem ligação com o *opy*, com a vida Guarani e com a vida do *opita'iva'e*, isto é, com a vida do rezador.

Por que pesquisamos sobre as ervas medicinais? Porque antigamente não se usava remédio de farmácia, utilizavam-se somente ervas como remédio. Naquele tempo, não havia tantas doenças. Com o passar do tempo, o uso da medicina dos *jurua kuery*, os não indígenas, passou a estar muito presente entre os Guarani, interferindo na medicina tradicional.

As ervas são fundamentais para a vida do Guarani, pois *Nhanderu*, quando estava na Terra, nos ensinou que elas são a fonte de nossa sobrevivência. Os anciões carregam a sabedoria do uso das plantas, vinda de *Nhanderu*, para transmiti-la às novas gerações. Assim perpetuam o conhecimento e a prática da medicina para a cura e para a própria vida Guarani, desde o plantio, passando pela preparação dos alimentos e chás, até a alimentação diária. Elas são usadas e preparadas de variadas formas e para finalidades diferentes. Sua preparação passa por rituais até virarem remédio ou alimento.







- 1 *Pety* (fumo) no Tekoa Tiaraju
- 2 Pesquisa sobre plantas medicinais no Tekoa Yvyã Yvate
- 3 Crianças conhecendo plantas medicinais no Tekoa Tiaraju
- 4 Coletando ervas medicinais no Tekoa Yvyã Yvate
- 5 Saída de campo no Tekoa Yvyã Yvate
- 6 Observação em sala de aula de plantas coletadas no Tekoa Yvyã Yvate





11

7 Professor Nirio da Silva e seus alunos em aula sobre ervas medicinais no Tekoa Yvyã Yvate

8, 9 Preparo do solo para plantio no Tekoa Tiaraju

10 Hora do plantio no Tekoa Tiaraju

11 Trabalho com ervas medicinais no Tekoa Tiaraju

12 *Avaxi ete'i* (milho verdadeiro) no Tekoa Tarumã Mirim



12



13



14



15



16





17



18

13, 14 Roda de Conversa no Tekoa Tarumã Mirim

15 Conversa com *xeramõi* no Tekoa Tarumã Mirim

16 Trabalho com ervas medicinais no Tekoa Tarumã Mirim

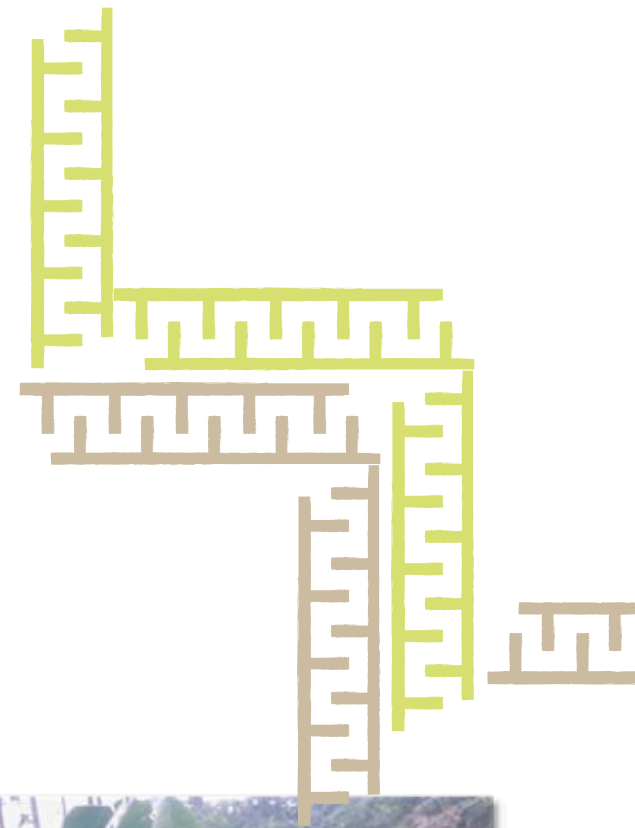
17 Conversa com *xeramõi* sobre utilização de plantas no Tekoa Tarumã Mirim

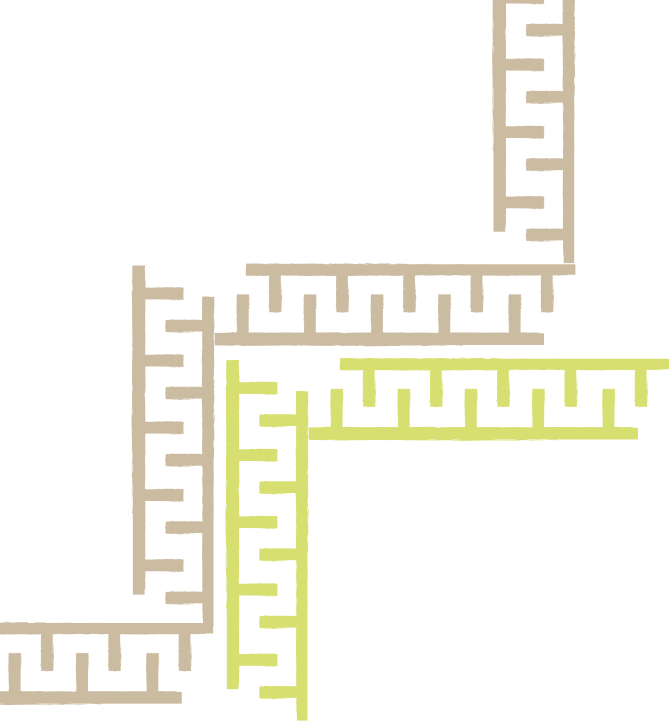
18 Conversa com *xejaryi* e *xeramõi* sobre plantas medicinais no Tekoa Tarumã Mirim

## Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Takuaty

O *kavaxinguy* ou *fumo brabo* é uma planta medicinal considerada muito importante pelos Guarani. As partes usadas desta planta são suas folhas e raízes. É popularmente usada no caso de pneumonia, como expectorante e antiasmático. Também é usada em casos de dores musculares, alergia na pele, cravos e espinhas.

Sobre essa planta, Clarice Luiza Euzébio, moradora de Tekoa Takuaty, explica o seu nome e qual a sua utilidade. Conta que serve para tomar banho quando há coceira na pele, quando se tem feridas e outras doenças de pele. O *xeramõi* Mário Karai Ribeiro, rezador da aldeia, tem experiência com essa planta e já curou muitas pessoas com ela.





---

**Kavaxinguy no  
Tekoa Takuaty**

Clarice Eusébio fala sobre a planta *Yvaro*, também conhecida como *erva brava*, e sobre a sua importância. Explica que deve ser tomada quando a pessoa está com algum tipo de pressentimento ruim ou mal-estar, quando a pessoa não está se sentindo bem espiritualmente.

O modo de preparo consiste na raiz ser lavada e depois socada ou batida para ser fervida e se tornar chá. A folha pode ser lavada e depois fervida também para fazer banho.

Clarice Euzébio fala também sobre a planta *Para'ý*, que se usa em chá. O mesmo deve ser tomado em casos de dor de garganta, dor nas pernas, infecção e tratamento de feridas.

O *xeramõi* Mário *Karai* Ribeiro explica sobre uma espécie de cebola, a cebola *ka'aguy*, que é também chamada de *batata do lírio*. Essa planta é boa para quem tem fortes dores de cabeça, tonturas ou falta de memória.

O modo de preparo consiste em cortar a *ka'aguy* em cruz e depois colocá-la em uma caneca com água, deixar amanhecer e, durante três ou quatro dias, lavar rosto e cabeça.

---

***Yvaro* no  
Tekoa Takuaty**



*Para'y* no Tekoa Takuaty



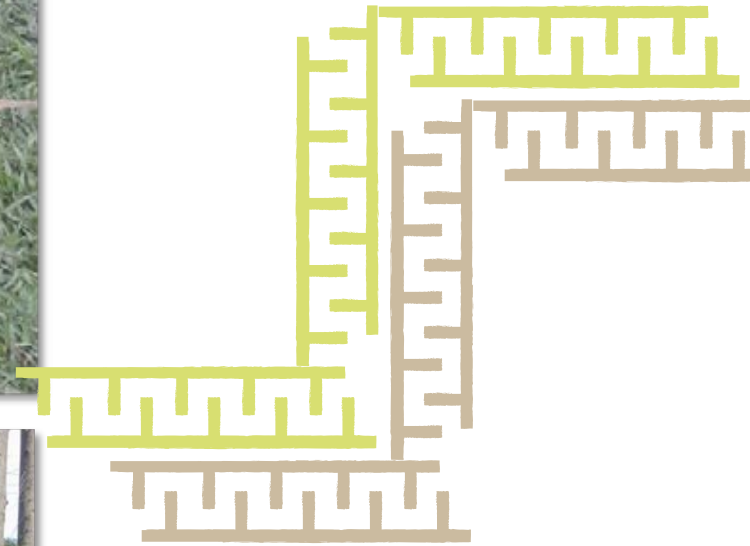
Clarice Euzébio fala sobre a planta *Para'y* no Tekoa Takuaty



Demonstração do preparo de chá no Tekoa Takuaty



Os irmãos Leonardo e Vitória Euzébio, Kerexu Rete, no Tekoa Takuaty



## Os cânticos e o *nhande reko*

### Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Takuaty



Criança na Escola do Tekoa Takuaty

Dona Idalina Fernandes, conhecida como Dona Chica, nos conta sobre a importância do *opy'i* na aldeia. Ela serve para a comunidade estar sempre alegre. Para todos os anciões é motivo de alegria ter um *opy'i* na aldeia. É importante para manter a cultura: é um lugar sagrado onde os anciões se encontram para falarem do seu conhecimento e fortalecerem nossa crença. A casa de reza faz com que os jovens fiquem na aldeia e valorizem sua cultura.

Dona Chica no *opy*  
do Tekoa Takuaty



Segundo Dona Chica, a casa de reza é importante também para batizar as crianças, pois é lá que elas recebem o seu nome Guaraní: “É na casa de reza que também batizamos a erva mate e as ervas para as curas”, explica.

Quem cuida das ervas para serem batizadas são os homens. Eles também cuidam dos milhos secos que as mulheres utilizam para fazer *mbyta* ou *mbojape*. Além do milho, se batiza o mel trazido do mato pelos homens.



A liderança Leonardo Euzébio, com seu *petyngua*, harmonizando o ambiente no seu Tekoa Takuaty

Angelina conta histórias sobre o modo de viver Guarani no Tekoa Takuaty



Clarice Euzébio, satisfeita com a Ação Saberes Indígenas Guarani no Tekoa Takuaty



**Cânticos na Escola Indígena de Ensino Fundamental Takuaty**

---



**Músicos afinando seus instrumentos para acompanharem os cânticos no Tekoa Takuaty**

---



**Crianças entoam o cântico *Nhande Ka'aguyre jareko va'ekue yva'a porã nhandevy guarã*, no Tekoa Takuaty**

---



# A dança do *xondaro*

## Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Vy'a

Os mais velhos sempre falam da importância da dança do *xondaro*, uma dança que faz bem para o espírito, pois nela a pessoa precisa estar em movimento. A dança dura um determinado tempo, às vezes uma hora, duas ou mais: dura até a pessoa começar a sentir calor.

A dança do *xondaro* funciona como uma cura para os males do corpo e do espírito. Assim, através do movimento e do aquecimento do corpo, cura-se dores como a 'dor nas juntas', por exemplo.



*Kyrigue o poraita.  
Apyã o poraita o  
kuapy kyrikue opy  
rokapy*

*Kyrikuepe jeavu mbaerepa  
oreramoĩ kuery ea orejaryi  
kuery imbaraeéterakae o kuapy*

Antigamente, o *xondaro* servia para preparação dos guardiões e protetores espirituais, pois ele protege do mal e da escuridão e dá equilíbrio aos movimentos corporais, sendo bom para a mente e para o espírito. Traz a harmonia, paz e tranquilidade necessárias para os pajés lidarem com os conhecimentos recebidos de *Nhamandu*.



Meninos e meninas são treinados desde crianças para adquirirem os conhecimentos, sabedoria e proteção que o próprio *Nhanderu* nos deixou. Os cantos e as danças das crianças não são somente para diversão do pai e da mãe. Podem ser cantados para o bebezinho ou recém-nascido e também para os adultos. *Nhanderu* nos deu o canto para não nos esquecermos dele. Os cantos são formas de celebração e prevenção.



*Kunha Karai kuery o  
porai okuapy*

A dança do *xondaro* prepara o corpo dos guerreiros, responsáveis pela proteção da aldeia. O *xondaro* envolve homens, mulheres e crianças, que dançam e cantam fortalecendo o corpo e o espírito, curando seus males.



***Kunha Karai kuery o  
nheyjyro. O nheyjyro kunha  
Karai kuery o porai aguã***

Os cantos de *Tupã* e de *Nhamandu* nos guiam dia após dia e noite após noite. Os cantos são sagrados e cantados no *opy*, nas rezas, e também fora do *opy*. São formas de oração, através das quais obtemos formação divina e nos tornarmos pessoas sábias.

O *xeramõi* Timóteo de Oliveira fala da importância do fortalecimento da cultura através da prática do canto e a dança do *xondaro*. Sempre escutamos os mais velhos, mas hoje nos damos conta, mais do que nunca, da importância das questões que eles nos trazem.

## Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Itanhaén

### O que significa *xondaro*?

A palavra *xondaro* tem vários significados. Cada pedra, cada madeira, cada simples folha têm seus significados, porque tudo é interligado. O *opy*, a casa de rezas, é o coração e a entrada para *Nhanderu*, quem dá o ensinamento e o fortalecimento à vida Guarani.

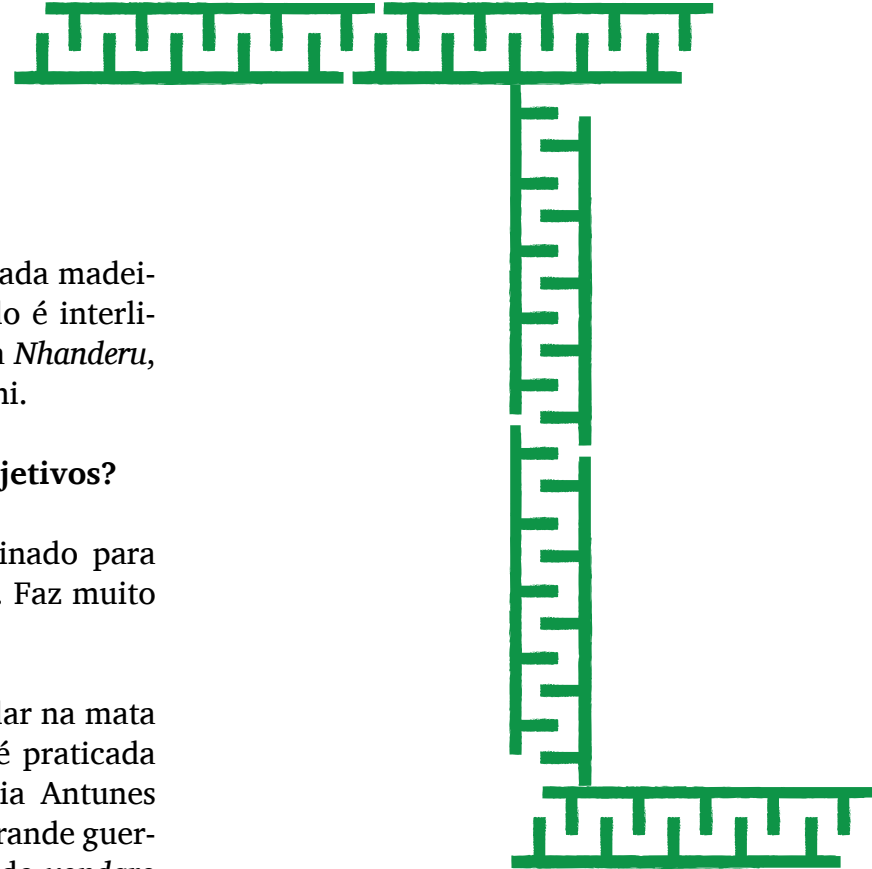
### O *xondaro* é só uma dança ou é usado para outros objetivos?

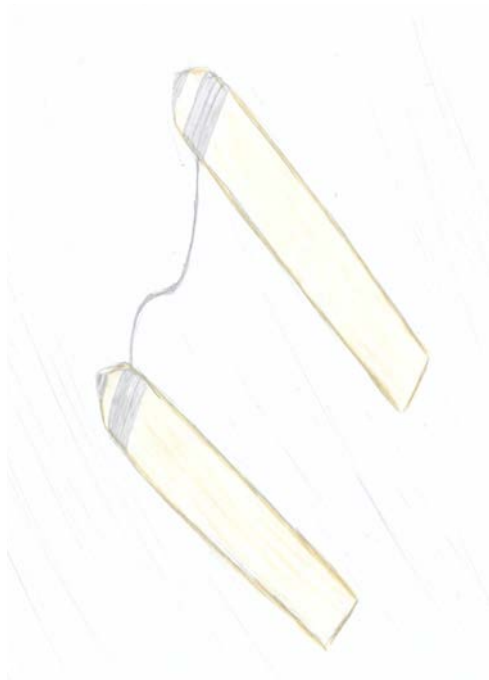
Antigamente era usado como luta. O guerreiro era treinado para apanhar uma flecha com os membros, braços ou joelhos. Faz muito bem para o corpo e a mente.

O *xondaro* é treinado para ser ligeiro como uma ave e lidar na mata com animais ferozes. Hoje em dia a dança do *xondaro* é praticada para não perder a cultura. Segundo a professora Marcia Antunes Martins, *xondaro* significa um guardião da aldeia ou um grande guerreiro, ou um guardião do *opy*, que nós *Mbya* chamamos de *xondaro ruvíxa*, um guardião celestial que guarda o *yvate* [céu]. Ele também é chamado de *tukumbo*. Têm os *xondaro'í* e as *xondaria'í mirim*, que são os guardiões *mirim*, crianças que dançam e cantam no *opy* e que dão alegria para a aldeia e para os mais velhos.

### Que instrumentos musicais são utilizados na dança do *xondaro*?

O *ãnguapu* ou tambor, além de dar o ritmo da dança e do som da música, segue o ritmo do coração, e é usado pelos pajés para realizar as curas.





### *Popygua*

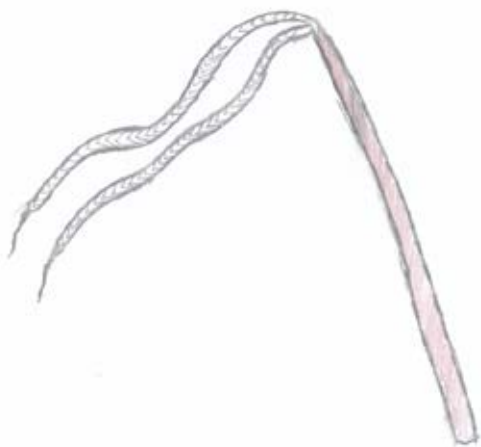
O *popygua*, segundo os *xeramõi* Mário Benites e Timóteo de Oliveira, tem aproximadamente um metro de comprimento e é usado para guiar o praticante e ensinar-lhe as técnicas de defesa. Ele é o responsável por deixar os movimentos precisos.

O *popygua* menor, feito com duas madeiras, é utilizado para proteção contra doenças em crianças e adultos e para proteção do lar. Também é utilizado por alguns pajés para realizar a cura de doenças espirituais.



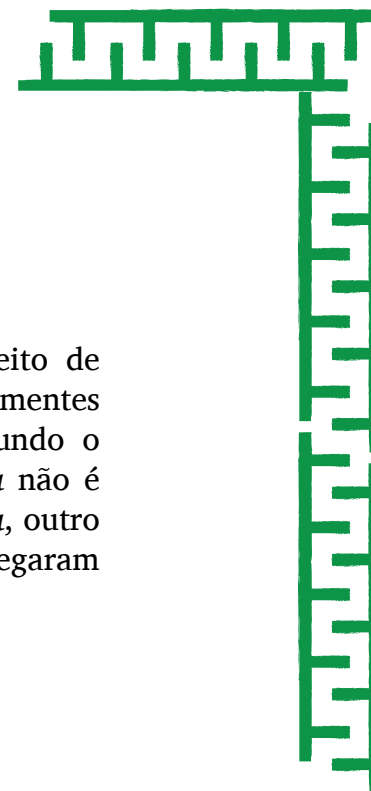
### *Takuapu*

O *takuapu* é um instrumento feito de taquara, de mais ou menos um metro, geralmente utilizado pelas *kunha Karai*, lideranças espirituais femininas. Porém, outras mulheres e meninas podem utilizá-lo também. Esse instrumento não tem nenhum tipo de pintura ou enfeite e não pode ser comercializado como artesanato, pois pertence só a rituais e cerimônias. É, portanto, um instrumento feminino, usado apenas por mulheres para dar o ritmo ao *xondaro*. O *takuapu* também é utilizado para concentração.



### *Tukumbo*

O *tukumbo* ou *suiteira* é usado pelo *xondaro kaygua* para proteger a aldeia dos maus espíritos. Quando estrala, seu barulho é semelhante a um raio, barulho que mostra o respeito que o *tukumbo* inspira.



### *Mbaraka mirim*

O chocalho ou *mbaraka mirim* é um instrumento feito de cabaça de porongo, com sementes no seu interior, sementes que são utilizadas por várias etnias indígenas. Segundo o *xeramõi* Timóteo de Oliveira *Karai Mirim*, o *mbaraka* não é dos Guarani *Mbya*: ele lhes foi emprestado pelos *Xiripa*, outro subgrupo dentro do grupo Guarani. Os Guarani *Mbya* pegaram o *mbaraka mirim* para ajudar com o ritmo do *xondaro*.

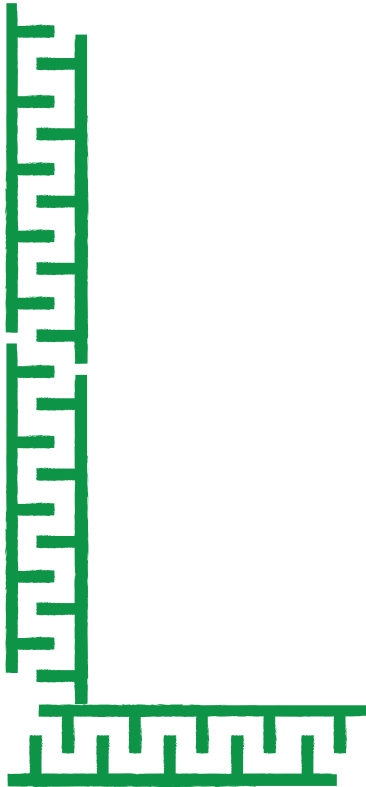




### *Mbaraka e Rave*

Sobre o violão ou *mbaraka*, o *xeramõi* Timóteo de Oliveira conta que ele não é dos Guarani. Esse instrumento foi utilizado entre os indígenas para acompanhar o ritmo da música. Suas cordas são dispostas de maneira diferente à habitual e o instrumento é usado pelos Guarani como instrumento de percussão.

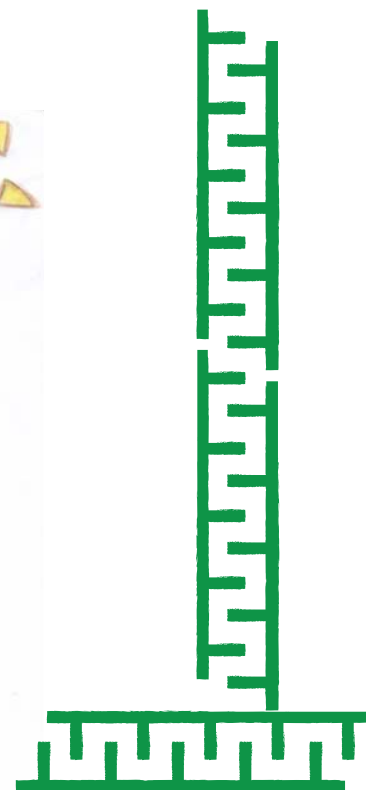
Finalmente, o violino ou *rave* também começou a ser utilizado pelos Guarani para acompanharem com ele o ritmo da música.

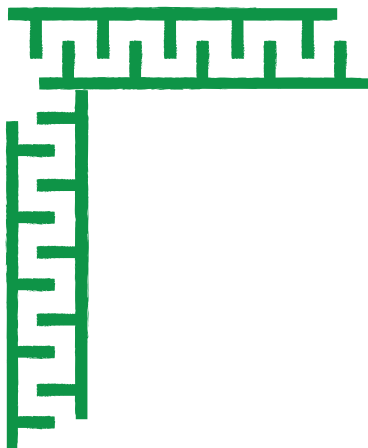


### Como é a pintura do *xondaro*?

Segundo os *xeramõi* Timóteo de Oliveira e Mário Benites, para se fazer a tinta é usada cera de mirim, carvão, folha de *takuara* e banha de animais como tatu, galinha, porco do mato ou quati. Deve-se apanhar a cera de mirim fina, igual a uma cola, para se obter a consistência desejada. É necessário encontrar várias ceras de mirim, porque uma não é suficiente. Então misturam-se todos os ingredientes, mexendo até a mistura ficar com a cor preta desejada: não é usada outra cor pelos *xondaros*, somente a cor preta.

### Pinturas do *xondaro*





### Que benefício se obtém praticando o *xondaro*?

Praticando o *xondaro*, o corpo ganha mais resistência, saúde e disposição, e o raciocínio fica mais rápido. Além disso, a pessoa fica mais paciente.

### Que horas é realizado o *xondaro* e em que local?

O *xondaro* é realizado sempre à tarde, das quatro às seis horas, na frente do *opy*. Antigamente, a hora era calculada pelo sol, através da sombra: se a sombra estivesse na frente da pessoa, era 12h; ao lado direito, 15h; e atrás, 18h.



No *xondaro* há um líder para os mais velhos, o *xondaro ruvixa*, e um para as crianças, que recebe o mesmo nome. Esses dois líderes são responsáveis pelo início do *xondaro*. Eles ficam com o *popygua*, para ensinar a defesa no *xondaro*.

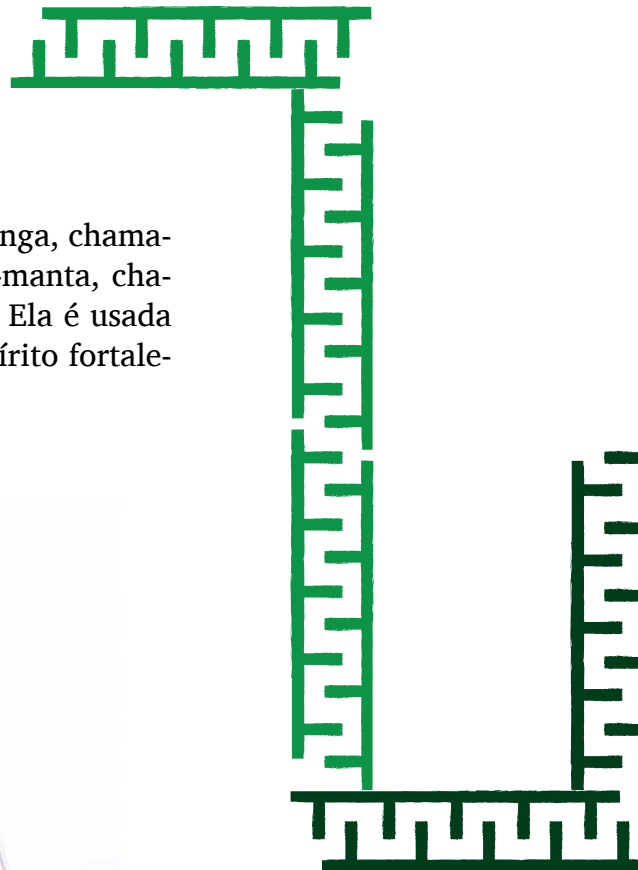
### Dança do *xondaro*

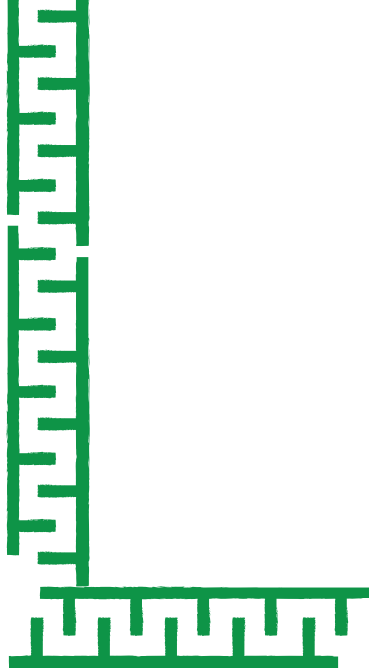


### Quais são as roupas utilizadas pelos *xondaro*?

Segundo o *xeramõi* Timóteo de Oliveira, é usada uma tanga, chamada *tambeó*, pelos homens. As mulheres usam uma saia-manta, chamada de *tupydja*, feita de caule da urtiga e de algodão. Ela é usada pelas mulheres até abaixo dos joelhos para terem o espírito fortalecido e proteção contra os espíritos.

Vestes utilizadas na dança do *xondaro*.





### Qual o valor e função do *opy*?

A casa de reza sempre existiu na vida do povo Guarani e sempre foi respeitada. No *opy* são realizadas danças, cantos, rituais e cerimônias. O costume e a cultura Guarani eram diferentes de hoje, mas ainda hoje eles continuam diferentes daqueles dos não indígenas. Muitas pessoas sabem que os Guarani possuem e vivem outra cultura, mas ainda pensam que os Guarani não tem fé, que são pessoas sem religião. Pensando assim, não respeitam a cultura que o nosso povo tem.

No seu trabalho de conclusão de curso na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC, *Kyringue'i kuery: noções nativas de infância, aprendizagem e desenvolvimento da pessoa\**, o professor Davi Timóteo Martins descreve assim a importância da casa de rezas:

“Quando tem os rituais, são realizados na *opy* e todos participam indo nessa casa. Os alimentos que são feitos para as pessoas doentes são todos feitos na frente da *opy*, pois não é permitido comer dentro, com exceção do ritual em que se dá nome às crianças, no qual é possível comer na *opy*, porém apenas alimentos típicos dos *Mbya*.”

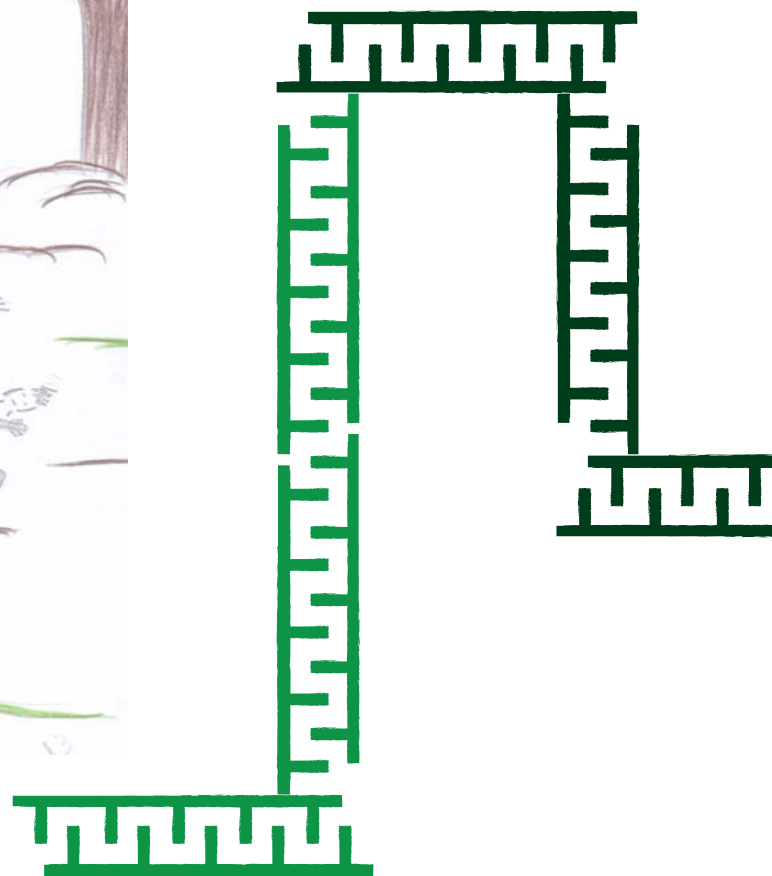
\* O trabalho de conclusão de curso (TCC) de Davi Timóteo Martins, defendido em Florianópolis em 2015, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, encontra-se disponível em: <<http://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2015/04/Davi-Tim%C3%B3teo-Martins.pdf>>.



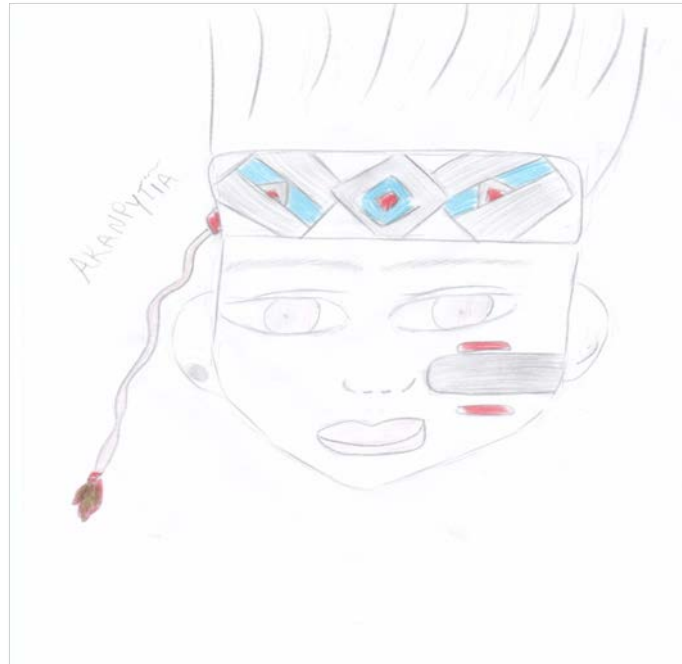
Dança do *xondaro* na frente do *opy*.

**Como o cocar era usado pelos *xondaro*?**

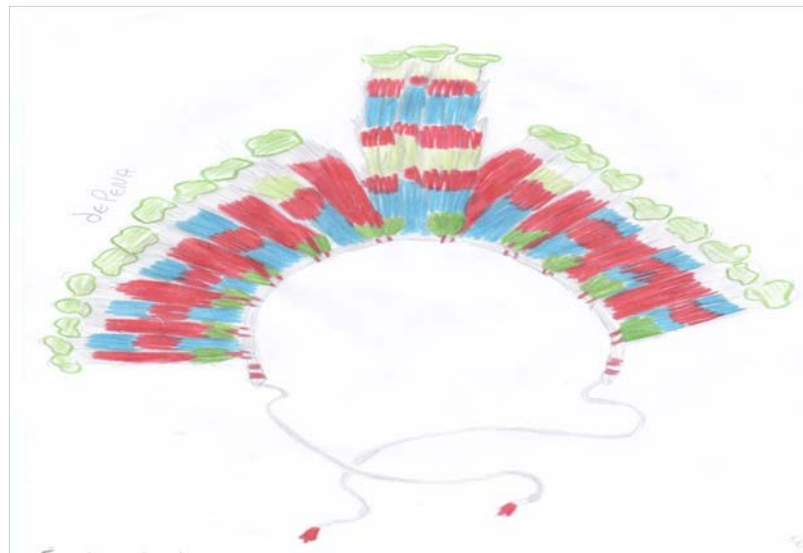
Usava-se uma faixa conhecida pelo nome de *akanpytia*, feita de algodão e do caule da urtiga.



*Akanpytia*



Cocar



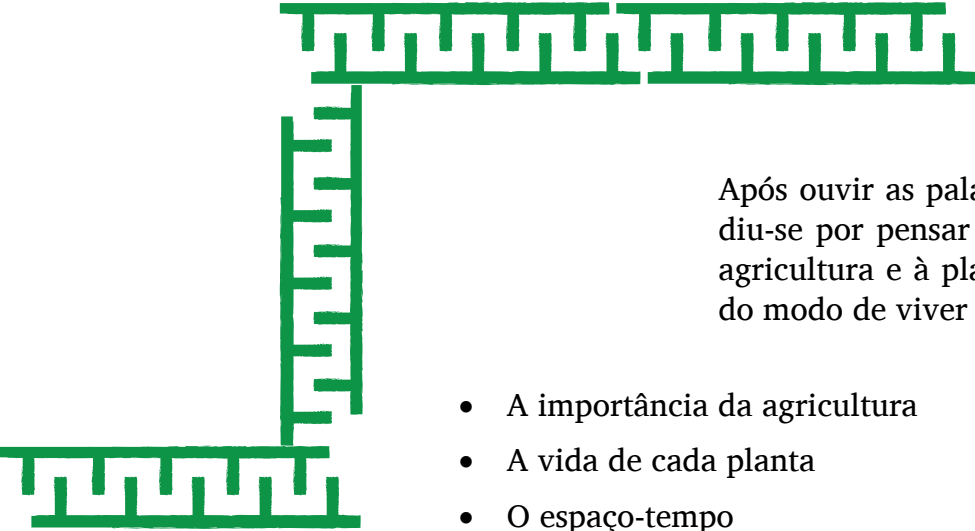
## ***Ma'etỹ regua:*** Plantações Guarani

**Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Marangatu**



Capa do Calendário de Plantio Guarani





Após ouvir as palavras dos mais velhos, no Tekoa Marangatu decidiu-se por pensar e escrever a respeito de aspectos entrelaçados à agricultura e à plantação, que mostram a magnitude e intensidade do modo de viver Guarani. Esses aspectos são:

- A importância da agricultura
- A vida de cada planta
- O espaço-tempo
- O preparo da terra
- A história das sementes
- Os nomes das sementes
- A consagração das sementes
- Os tipos de sementes e ramos (milho, amendoim, feijão, melancia, batata doce e mandioca)
- O plantio e as fases da lua para cada espécie de semente
- Quem pode plantar
- As regras para plantar
- Os tempos de colheita
- Os rituais e o *nhemongaraí*: danças, preparação dos rituais, instrumentos musicais, cantos.
- Os nomes das crianças
- O preparo dos alimentos: quais os utensílios utilizados, tipos de alimentos, como preparar cada tipo de alimento, o pilão.
- A caça e as armadilhas
- O mel e os tipos de mel e de abelhas: tempo, coleta, vela de própolis, perfumes próprios.
- A erva mate ou *ka'a*
- As ervas medicinais
- A importância de compartilhar e dividir, a coletividade, a comunidade
- *Kunhangue reko*: o sistema das mulheres
- O fortalecimento da parte espiritual e o viver bem

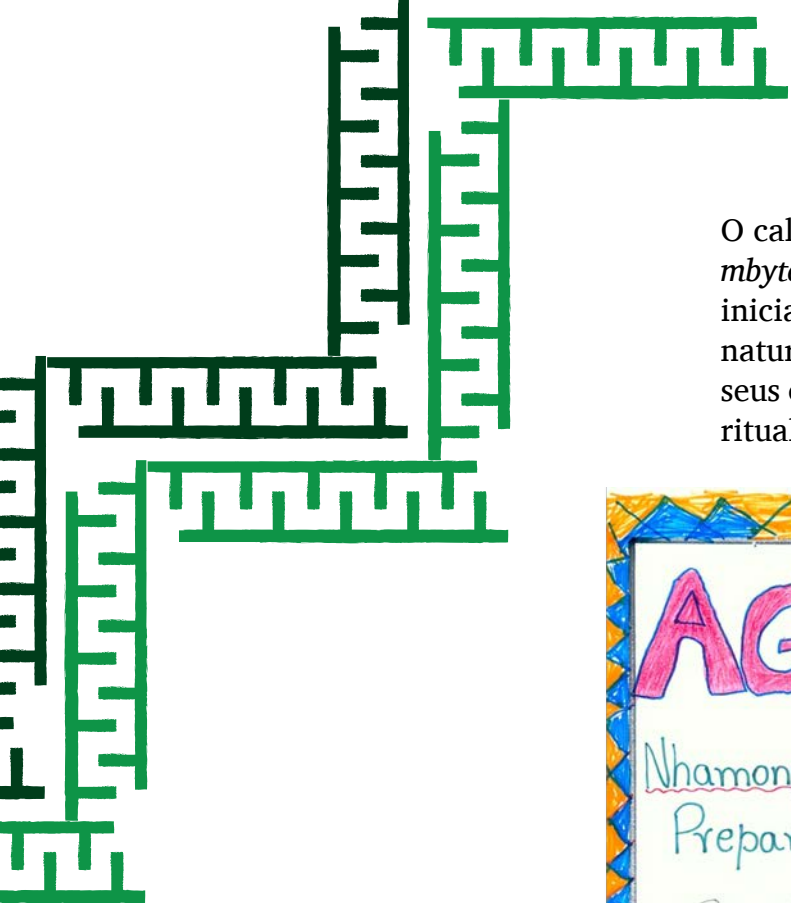
O povo Guarani é um povo de mobilidade, pois acredita que além do grande oceano está a Terra sem Males, *Yvy Marae'ý*.

É da agricultura que vem o sustento para toda a vida terrestre e espiritual, a qual se encontra ligada ao tempo e aos ciclos de todos os seres vivos da Terra. Para saber como produzir o alimento precisamos, primeiramente, entender toda essa interligação do sistema Guarani.

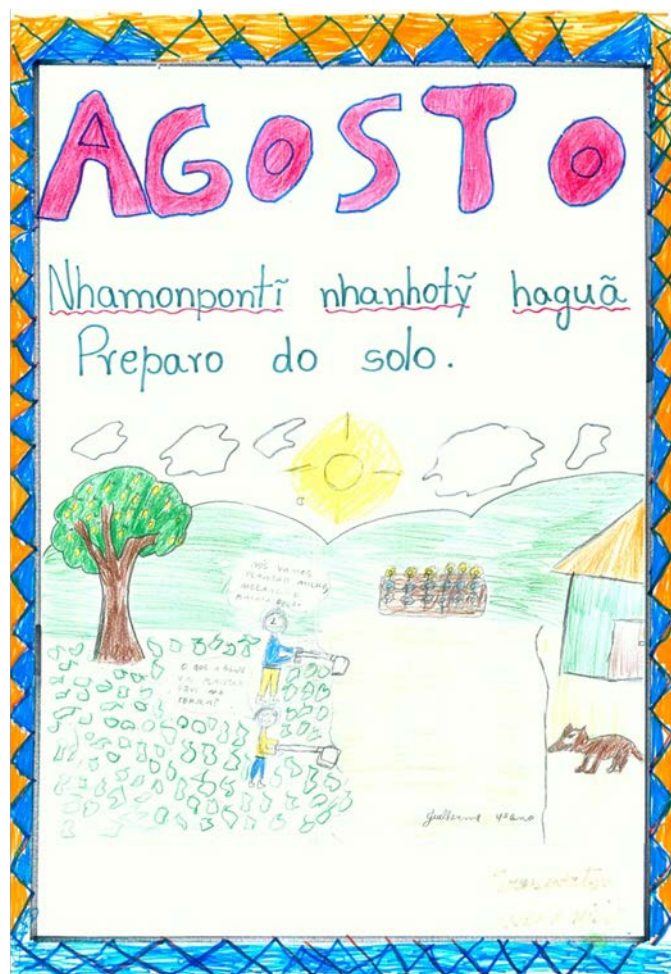
Devemos nos preparar para seguir regras, praticar os rituais e nos comportar como seres humanos Guarani. Só assim aprenderemos a importância dos significados de cada tempo, só então saberemos preparar a terra, manipular as sementes e plantar.



**Xeramõi Mário Guimarães no Tekoa Marangatu.**



O calendário Guarani está dividido em quatro tempos: *ara pyau*, *ara mbyte*, *ara guyje* e *ara yma*. O ano começa em *ara pyau*, tempo que inicia o ciclo de todas as vidas na Terra. *Ara pyau* é muito visível na natureza, é o tempo novo. As plantas começam a florir, as aves põem seus ovos, os animais se acasalam e o homem entra num processo ritual de consagração.



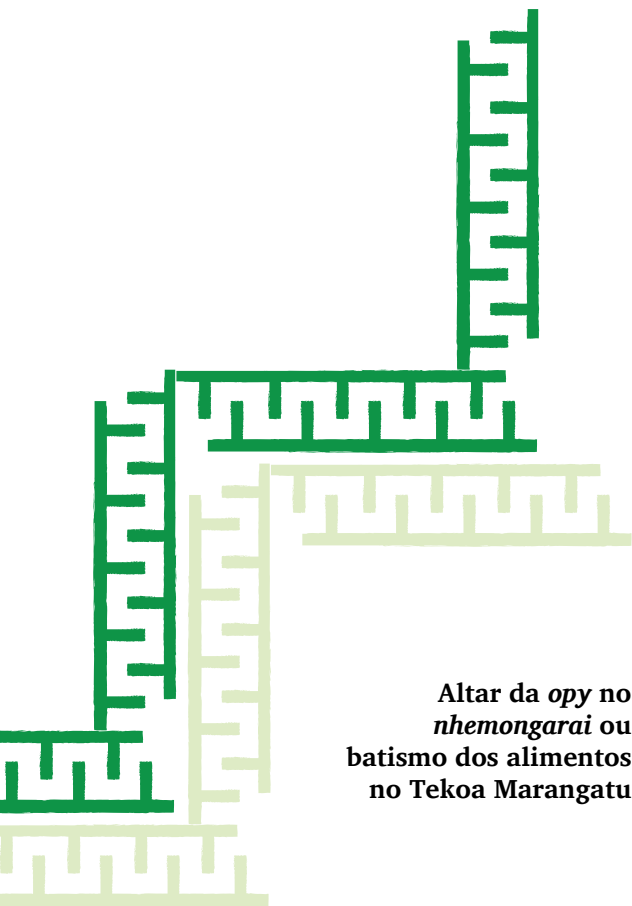
**Primeiro mês do Calendário de Plantio Guarani – Em agosto inicia *Ara Pyau*, o tempo novo, o ano novo**

Os *Karai kuery*, líderes espirituais escolhidos, se preparam para suas funções espirituais dentro de um grande sistema que envolve todos os elementos e dimensões geográfico-cosmológicos. O solo é preparado para receber as sementes, a terra também é fecundada pelo sol que está sobre ela. A Terra é a mãe e o Sol é o pai. Os rituais são feitos em todo o território Guarani, *Yvy Rupa*. *Ara pyau* é o período em que acontece uma grande mobilidade do povo, para participação nos rituais e para a troca de sementes.

A semente é nossa irmã. A do *avaxi ete*, o milho sagrado e verdadeiro, é a semente líder. Além dela, tem a semente do *komanda ete* (o feijão), do *xanjau* (a melancia), do *manduvi* (o amendoim), do *takua re'em mirim*, dentre outras. Em *ara pyau* também são extraídas da floresta outras plantas sagradas, como, por exemplo, as ramas e folhas do *ka'a* (a erva mate) e do *pentyn* (o tabaco). Isso é apenas o início, quando *Nhanderu Tenonde* abre a porta da *opy*. *Ara pyau* é marcado por um tempo chamado de *avaxi nhemongarai*.

**Entrada na *opy* do Tekoa Marangatu**





Altar da *opy* no  
*nhemongarai* ou  
batismo dos alimentos  
no Tekoa Marangatu

O ritual do *nhemongarai* é preparado pelos homens, que vão para a mata colher as ervas e trazer lenha, enquanto as mulheres preparam a casa de rezas. São as mulheres que carregam o *avaxi ete*, que é consagrado conforme o nome de cada mulher, seja ela anciã, adulta ou criança.

O ritual de purificação é feito pelos homens, tanto anciões como adultos e crianças. É nesse momento que novos líderes espirituais, *Karai kuery*, se apresentam para o povo. Essa escolha é feita por *Nhanderu* no momento do *avaxi tataxina*.



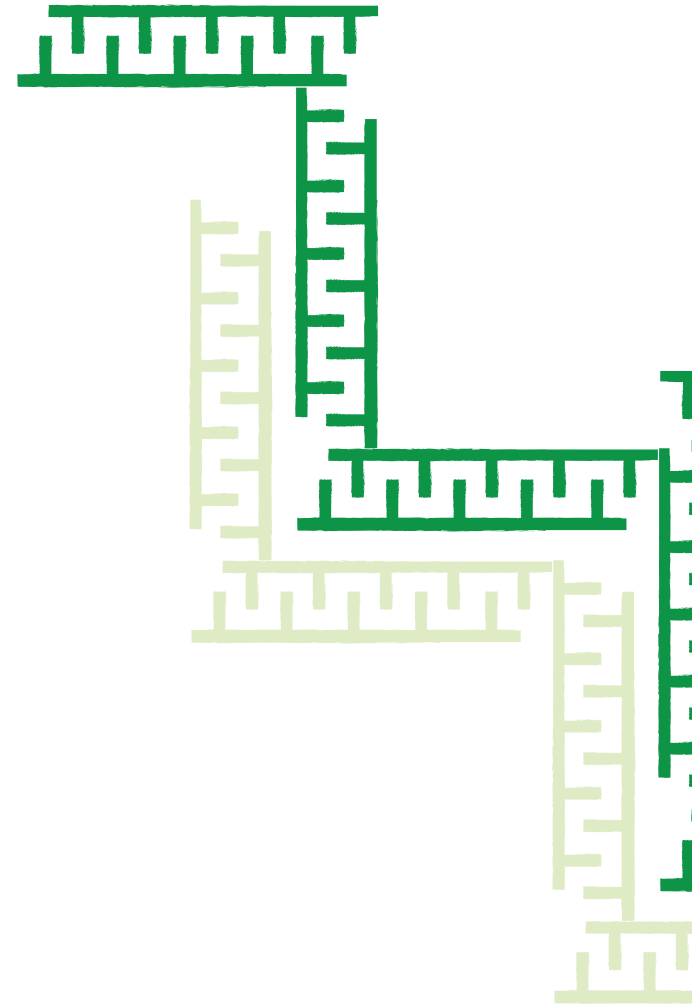
O *nhemongarai* tem um significado muito importante e é levado muito a sério por nós, povo Guarani. É um momento de muita concentração, pois consideramos que o *avaxi ete* é um irmão que está se sacrificando por nós. Todos temos que ter esse sentimento de força e agradecimento para entendermos que ele entrega sua vida para nos manter aqui como nação *Mbya*.

No dia seguinte ao *nhemongarai*, é feito o plantio do *avaxi ete*. O milho é depositado na terra, onde passa para uma nova etapa de vida. As primeiras plantações são feitas de *avaxi ponhy'in*, uma espécie de milho que é plantado para as crianças menores. Depois são plantadas as demais espécies do *avaxi ete*.

Em *ara mbyte*, enquanto as plantas crescem, a aldeia toda se mobiliza para a próxima etapa, o tempo da colheita. Atividades são feitas na mata, onde é preparado o *pindó*, a palmeira para a criação do *yxó*, uma larva medicinal.

Outras árvores também são cortadas para fazer, por exemplo, o nosso pilão, o *angu'a*, objeto utilizado para fazer a farinha e outros alimentos derivados do milho. Dessas árvores também são feitos os *apykas*, as canoas. Para cada objeto é utilizada a madeira de uma árvore específica.

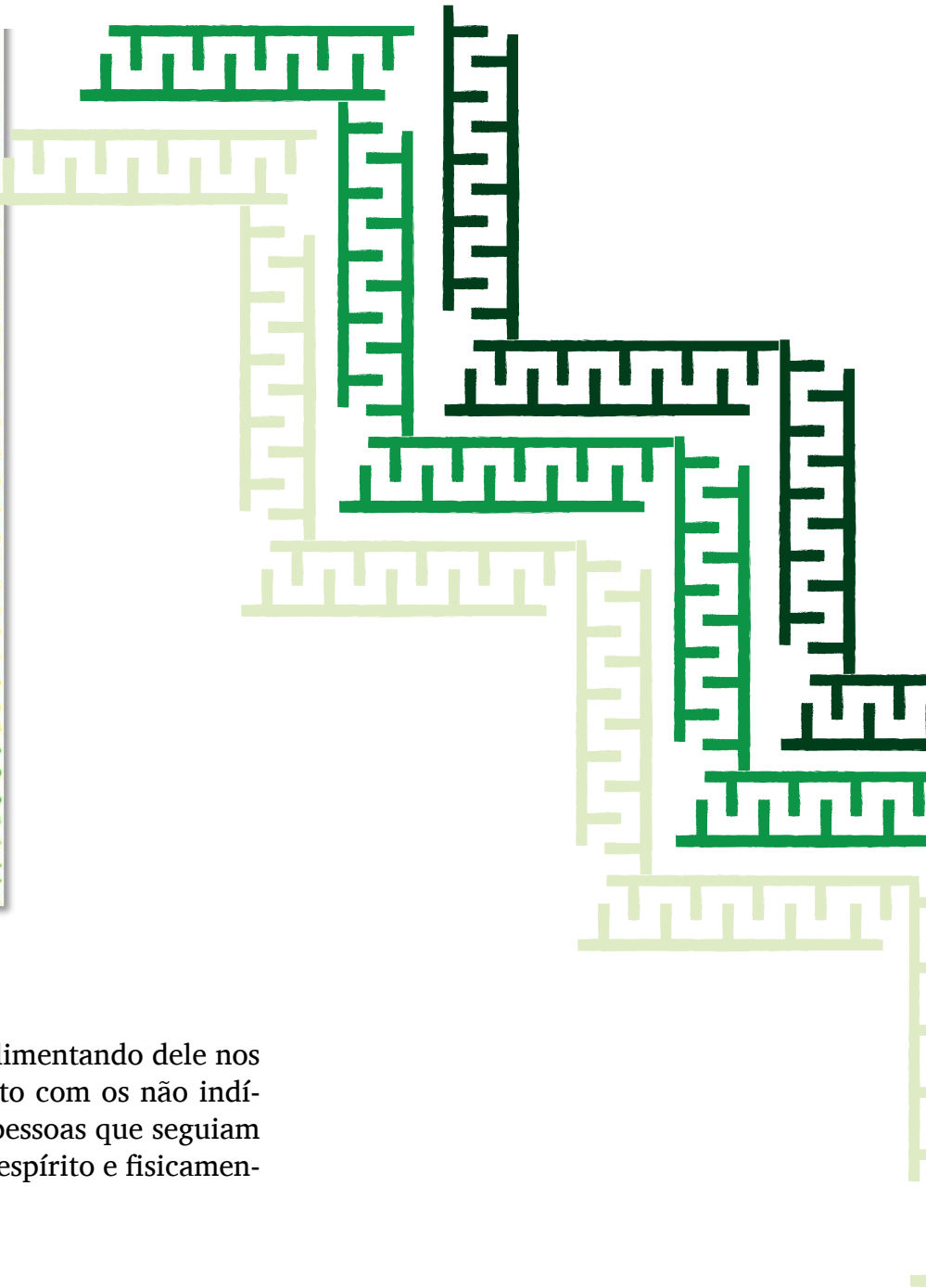
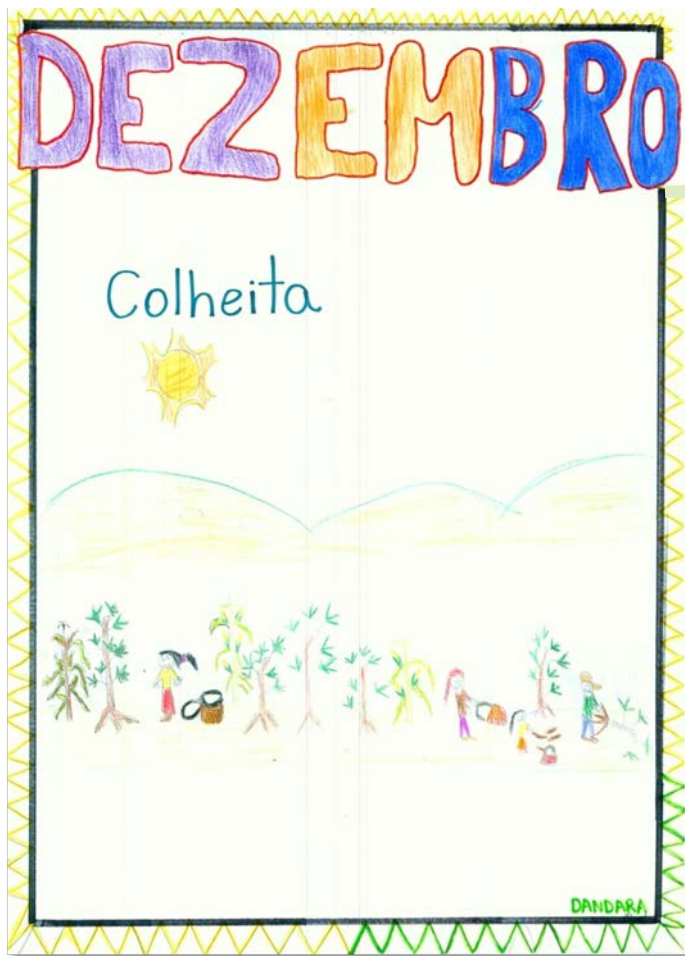
Taquaras e cipós também são retirados da mata para se fazer os *ajaka ete*, as vasilhas para se carregar os alimentos colhidos, e os *yrumpen*, as vasilhas para abanar farinha.



Batismo da Erva  
Mate na *opy* do  
Tekoa Marangatu



No *ara guyje*, tempo de colheita, momento de consagração na Terra, o Sol fica muito próximo da Terra. Esse é o tempo em que *Nhanderu* abre a porta do *opy Marae'y*. Tudo que é produzido nesse momento na Terra é consagrado por ele, principalmente os alimentos. Por isso é feito o *nhemongarai*, o batismo dos alimentos, momento em que são dados os nomes às crianças.



#### Quarto mês do Calendário de Plantio Guarani

Acreditamos que consagrando o alimento e se alimentando dele nos tornamos também consagrados. Antes do contato com os não indígenas, acontecia o *aguyje*, momento em que as pessoas que seguiam todos os rituais alcançavam a eternidade com o espírito e fisicamente não existia mais a morte para eles.





#### *Opy* do Tekoa Marangatu

*Ara yma* é o tempo de recolhimento, quando o sol se afasta da Terra. É o momento em que *Nhanderu* fecha a porta do seu *opy*, todos os seres se recolhem e ficam mais quietos e parados. Na Terra, tudo fica mais silencioso e escuro. Nesse tempo, os espíritos maus se aproximam e ficam rondando tudo. É esse o período em que acontecem muitas doenças e enfermidades, por isso é uma época em que utilizamos bastante as ervas medicinais.

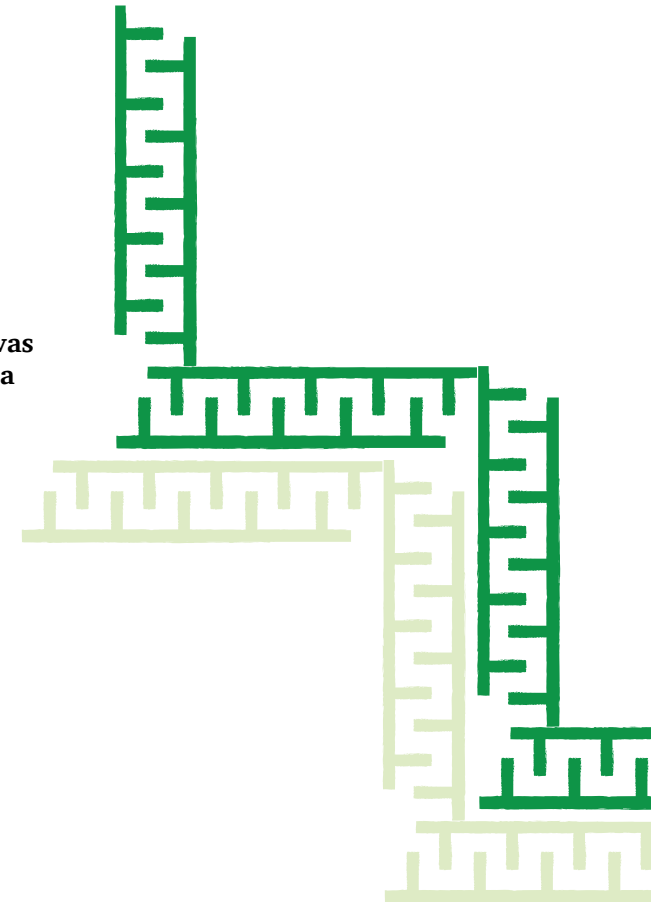
Quando o Sol começa a se alinhar com a Terra e se aproximar dela novamente, começam ventos e chuvas fortes que vêm de todos os lados, o que é sinal de limpeza e purificação. Nesse período, surgem os raios e trovões para espantar, matar e expulsar as coisas ruins da Terra. Assim, quem não respeitar os rituais do *ara yma* pode sofrer consequências, como, por exemplo, brigas e separações em casamentos aparentemente sem motivo. Quando tudo isso passa, logo começa *ara pyau* novamente.



*Opy do*  
Tekoa  
Marangatu



Preparo das ervas  
na *opy do Tekoa*  
Marangatu




Calendário de Plantio Guarani em sua totalidade

Projeto: Agricultura  
Curso: Sabores Indígenas  
Turmas: 4º e 5º Ano  
Professores: Clarice Linger  
Telka Marangatu

JANEIRO

Colheita



ADELTNO

FEVEREIRO

Segundo Plantio



MARÇO

Plantio de batata doce



ABRIL

Caça e pesca



MAIO

Caça e pesca

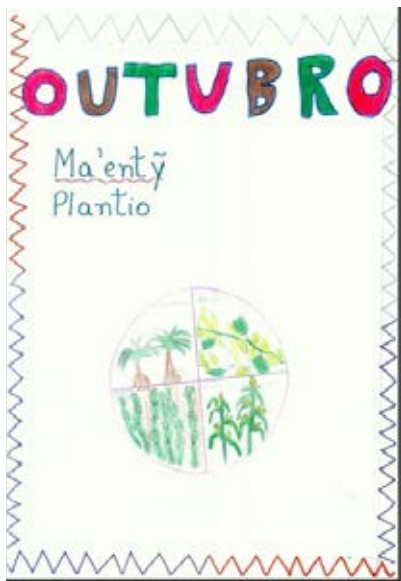
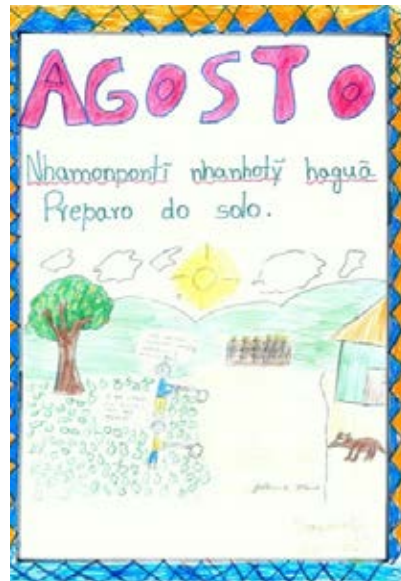


JUNHO

Caça e pesca



EVILHEZANE



## Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Takuaty

O senhor Albino *Poty Vera Euzébio\**, sábio da nossa aldeia, conta que a fruta *araxiku*, ou araticum, é boa para ser saboreada. Ela é uma fruta deliciosa e há duas espécies dela, uma menor e outra maior, sendo que a menor é mais adocicada.



Araticum no Tekoa Takuaty

*\*O senhor Albino Euzébio faleceu em 15.06.2017, dias antes do V Grande Encontro Guarani: Aldeia Mbiguaçu, 26 a 29.06.2017). Nossa homenagem, agradecimentos e solidariedade.*

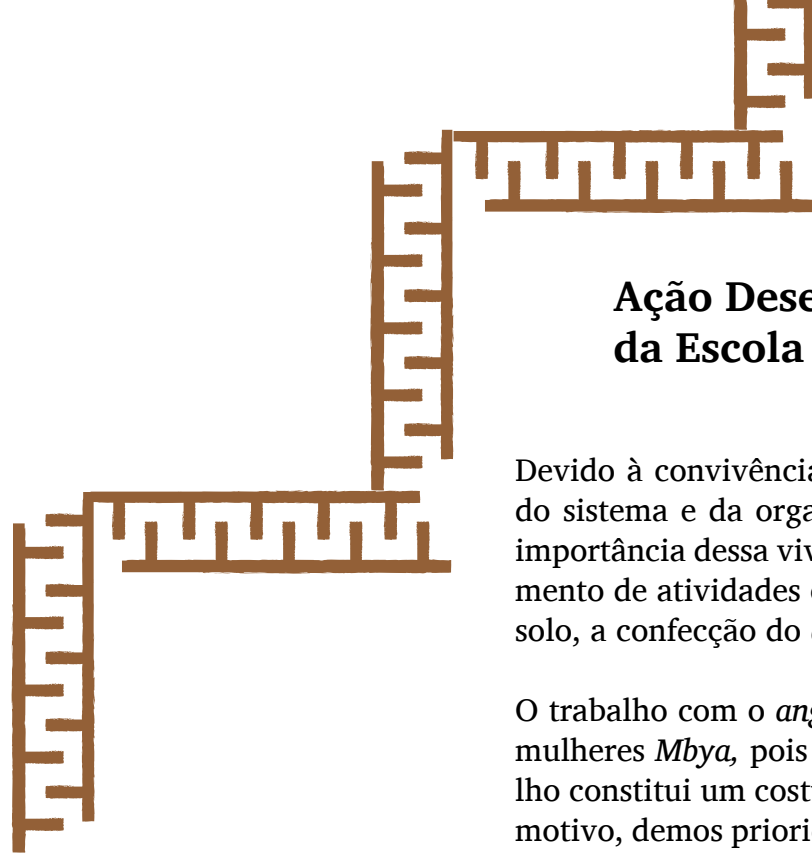
Nós Guarani aprendemos observando e ouvindo nossos anciãos: assim que é nosso processo de educação e aprendizagem.



O professor Genésio Fernandes Euzébio, *Tapixi*, mostrando a área para preparo da roça no Tekoa Takuaty



Preparando a roça para o plantio de *avaxi* no Tekoa Takuaty



## **Angu´a:** Pilão Guarani

### **Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola dos Tekoa Ymã/Itaty e Tataendy**

Devido à convivência dentro do nosso próprio *tekoa* e à relevância do sistema e da organização social Guarani, sentimos na prática a importância dessa vivência cotidiana, que se expressa no desenvolvimento de atividades como a agricultura, as plantações, o manejo do solo, a confecção do *angu´a* ou pilão, entre muitas outras.

O trabalho com o *angu´a* é uma atividade muito importante para as mulheres *Mbya*, pois ela serve uma função cosmológica. Esse trabalho constitui um costume praticado de geração em geração. Por esse motivo, demos prioridade a compartilhar a sabedoria e conhecimento sobre esse aspecto do mundo e da visão Guarani com as crianças, alunos e professores da escola, além de mostrar para eles práticas relacionadas que são desenvolvidas a cada estação do ano, mostrando a importância para o nosso povo dessas atividades e práticas que são cotidianas e também espirituais.

O *angu´a* é usado desde a origem do povo Guarani e do milho tradicional, o *avaxi*. É Nhandexy Tenonde, nossa mãe primeira, que mostra para as meninas os verdadeiros alimentos tradicionais e conta como surge o *nhanerembi´u ete´i*, a nossa comida verdadeira. É ela que mostra como são feitos alimentos como o *avaxi ku´i*, nossa farinha de milho, o *mbyta*, nosso bolo de milho cozido em folha de bananeira, o *kaguijy rã*, nossa bebida fermentada de milho, o *mbojapé ete´i*, nosso bolo de milho assado na brasa, ou o *mbaipy*, um dos nossos pratos feitos com farinha de milho: tudo isso é feito no *angu´a*.



Atividade de  
plântio no  
Tekoa Ymã

No dia 05 de agosto de 2015, iniciaram-se as atividades da Ação Saberes na nossa escola com uma reunião entre alunos e professores para conversarmos a respeito do trabalho que seria desenvolvido. Contando com a concordância de todos, foi decidido que o foco do trabalho, que seria planejado conjuntamente, seria as práticas alimentares mencionadas acima.

Após o planejamento, alunos e professores deram início às atividades. A primeira atividade foi fazer o mapeamento dos locais onde seria feito o manejo das roças para plantação.







**Alunos e  
professores da  
Tekoa Ymã**

**Alunos e professores  
em atividade escolar  
no Tekoa Ymã**





Alunos e professores  
em atividade escolar  
no Tekoa Ymã



Alunos de Tekoa Ymã em  
atividade para aprendizado  
do *xarura*, cumprimento  
tradicional Guarani



**Atividade com os alunos  
na Tekoa Marangatu**



**Alunos em atividade  
escolar na Tekoa Pira Rupá**



**Atividade com os alunos para preparo das roças no Tekoa Tataendy**



**Preparo do solo no Tekoa Tataendy**



**Preparo do solo no Tekoa Tataendy**

Após a limpeza das roças, iniciou-se a plantação das sementes, que são tradicionalmente socadas no *angu'a*. Alunos, professores e comunidade trabalharam na plantação das sementes tradicionais, respeitando os métodos de plantio do modo como nossos avós faziam antigamente.



**Plantação de batata doce no Tekoa Tataendy**



**Plantação de mandioca  
no Tekoa Tataendy**



**Plantação de *avaxi* no  
Tekoa Tataendy**



Alunos em atividade com erva mate no Tekoa Ymã

Mais tarde, em novembro, fizemos uma viagem para a aldeia Linha Limeira, na TI Xaçecó, no Oeste Catarinense, para podermos ter acesso à madeira necessária para confeccionarmos o nosso *angu'a*. Contamos a viagem a seguir:

### **Do Leste para o Oeste: Viagem da TI Morro dos Cavalos (Palhoça/SC) para a Aldeia Limeira, na TI Xaçecó (Entre Rios e Ipuçu/SC)**

Longas viagens de aproximadamente 570 km, tanto na ida como na volta, em ônibus alugado. Calorosa hospedagem, muita convivência, vigoroso aprendizado e troca com os parentes da aldeia Linha Limeira: tudo isso aconteceu no nosso contexto na Ação Saberes Indígenas na Escola no mês de novembro de 2015.

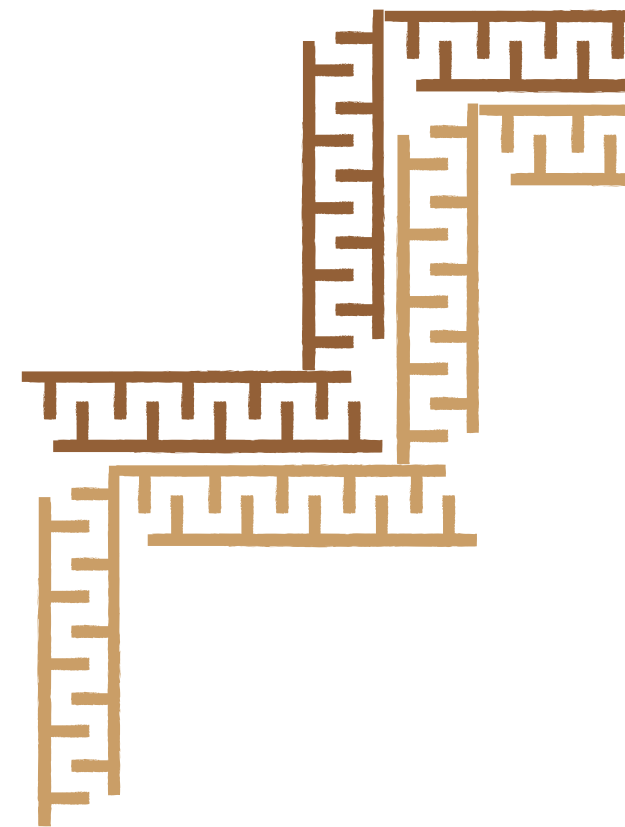
Participaram professores, alunos e pais da Escola Itaty. Os objetivos principais da viagem foram conseguir madeira de guajuvira e louro para fazer o *angu'a* e madeira de gabioba para fazer o *jojo'a*, isto é, a mão de pilão. Todos queriam retomar e acentuar os saberes do sistema relacionados ao *angu'a*, os quais podemos chamar de *angu'a regua*. Esse tema está ligado ao plantio, principalmente do *avaxi ete*, o milho verdadeiro, o nosso milho. Está relacionado também com o trabalho das mulheres, com a boa alimentação e com a saúde, com o calendário, com o lugar do fogo ou *tatapy*, com a mata ou *ka'aguy*

e com o *arandu* dos *xeramõi* e *xejaryi*, isto é, com os conhecimentos antigos dos nossos avós. Tudo isso faz parte do *nhandereko*, que é o nosso sistema, nossa cultura, nosso modo de viver e pensar vivido em todas as aldeias Guarani em *Yvy Rupa*, nosso território de ocupação.

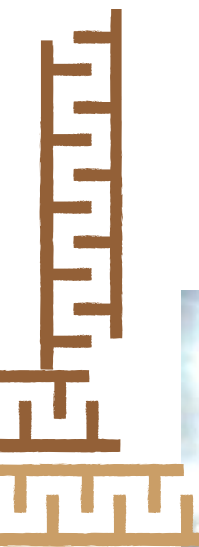
Todos fomos muito bem recebidos na aldeia. Alguns já tinham vivido nessa comunidade e reencontraram familiares, enquanto outros a conheciam apenas de passagem. No grupo também tinha os que nunca haviam estado ali e ficavam imaginando como era.

Os professores da Ação Saberes formados em 2015 no curso Licenciatura Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina puderam rever dois colegas de turma: Belarmino da Silva, cacique, que morava anteriormente na aldeia Gengibre da Terra Indígena Guarita (RS), e Hélio *Karai* Fernandes, rezador, que vivia anteriormente na aldeia Araça'í, em Piraquara (PR). Todos foram recebidos por eles, pelo *xeramõi* Néelson Benites e pela sua mulher, *xejaryi* Deolinda Garcia, pessoas muito importantes na comunidade por suas funções e saberes.

Foram dias bons e alegres. Conhecemos a aldeia e pisamos numa terra muito diferente de Morro dos Cavalos, pois é mais vermelha. Acompanhamos e participamos de várias atividades e vivências das famílias: alimentar filhotes de pássaros e galinhas; cuidar de tatu; colher, assar e comer milho; socar milho no pilão; tomar chimarrão; fumar *petyngua*. Colhemos a banana do *guembé* ou cipó imbé, uma planta muito importante. Levamos esse fruto para o *opy*, pois ia acontecer o *nhemongaraí* do *guembé*. É o batismo, a consagração, como também acontece com a erva mate, o milho e outras sementes. Os frutos foram consagrados e para isso a fumaça é fundamental. Então fumamos o *petyngua*.







No *opy*, onde sempre há o lugar do fogo, ouvimos cantos e dançamos ao som de instrumentos musicais como o *mbaracá*, o *mbaracá mirim*, o *takuapu* ou o *angu'apu*. Ali, nesse lugar essencial e tão respeitado pelos *Mbya*, cada um contou um pouco de sua história. O *opy* é a nossa primeira e verdadeira escola, nossa universidade, nossa igreja e nosso hospital. Dormimos no *opy*, sobre folhas de palmeiras. Fazia frio, mesmo sendo novembro.



**Xeramõi Néelson Benites dando depoimento sobre o *angu'á***

Na mata procuramos e conseguimos as madeiras guajuvira, louro e gabioba para nossos pilões e mãos de pilão em Morro dos Cavalos, o que fizemos quando retornamos. Um deles está na nossa Escola Itaty e o outro na Casa de Artesanato.

Essa viagem nos deixou contentes, animados e se tornou inesquecível. Foi uma boa oportunidade para troca de saberes, para nosso estudo e para nosso fortalecimento. Seguem algumas imagens da nossa viagem à Linha Limeira:



**Professoras e alunas de Morro dos Cavalos com *opy* ao fundo**





- 1, 2 Professor Marcos Moreira e alunos de Morro dos Cavalos no *opy*
- 3, 4 *Xejaryi* Ivete Antunes e professora Juçara de Souza utilizando o *angu'a*
- 5 *Xejaryi* Luiza Coito, à esquerda, e *xejaryi* Ivete Antunes, à direita
- 6 Tatu
- 7 De volta a Morro dos Cavalos *Angu'a* de guajuvira



*Angu'a*



Alimento de milho preparado com o *angu'a* em Morro dos Cavalos



## ***Nhevanga:*** Brincadeiras indígenas

### **Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Pira Rupá**

O tema brincadeiras indígenas foi escolhido como forma de lembrar tipos de brincadeiras mais antigas, já que hoje os alunos brincam muito de brincadeiras modernas, como videogame, vôlei e pique-esconde. A nossa intenção era buscar brincadeiras indígenas do passado, mas não do passado de muito tempo atrás e sim de quando os pais dos nossos alunos brincavam, ou até mesmo do tempo sobre o qual os alunos escutam os seus avós falar.

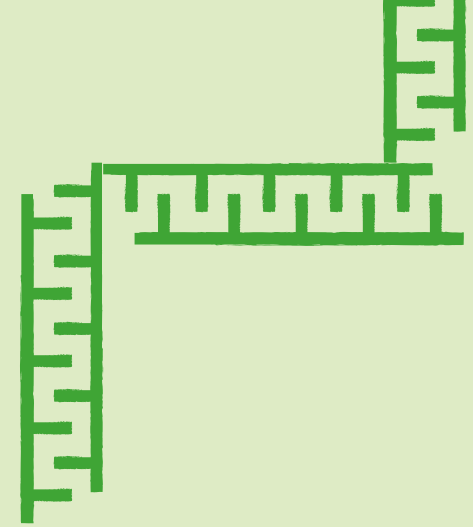
O objetivo foi, portanto, buscar e conhecer as brincadeiras de que nossos pais brincavam quando crianças e usar isso como forma de trazer essas brincadeiras para o presente, como entretenimento para os alunos na escola. Para isso foi feito um trabalho de pesquisa com os pais dos alunos, para assim chegarmos aos objetivos desejados.

Os pais contribuíram com relatos de sua infância, os quais foram trabalhados em sala de aula. As brincadeiras mais lembradas, das quais mais se falou, foram o *xondaro* ou dança dos guerreiros Guarani, a dança do *Tangará*, a peteca, o banho de rio e o futebol.

Cada professor trabalhou conteúdos a partir dessas brincadeiras e, duas vezes na semana, todo mês, foram realizadas atividades com os alunos. Essas atividades foram feitas ao longo do projeto e houve imprevistos e dificuldades, mas foram superadas.

A Ação Saberes Indígenas na Escola foi importante para os professores, pois ajudou-os a trabalhar brincadeiras que as crianças brincavam no tempo em que não havia novas tecnologias nem televisão.

Assim, com os Saberes Indígenas, redescobrimos algumas brincadeiras que faziam parte da cultura Guarani e ajudavam a manter a saúde do nosso povo e a disposição física para se realizar as tarefas do dia-a-dia.



**Mangá ou peteca produzida em sala de aula no Tekoa Pira Rupá**



**Aluna faz a sua pintura para a dança do xondaro no Tekoa Pira Rupá**



**Praticando futebol no Tekoa Pira Rupá**





**Indo buscar embaúba  
para fazer pau de chuva  
no Tekoa Pira Rupá**

**Início do processo  
para a confecção do  
pau de chuva**



**Processo para a  
confecção do pau de  
chuva – tirando a casca  
da madeira**

**– deixando a  
madeira oca**

**Pau de chuva pronto, elaborado no Tekoa Pira Rupá**



**Banho no Rio Massiambu Pequeno, no Tekoa Pira Rupá**



**Alunos da Escola Pira Rupá participantes da ASIE SC**







## ***Mbya rembiapo*: Artesanato Guarani**

### **Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Vy'a**

O artesanato é uma terapia. Às vezes a pessoa fica preocupada com alguma coisa e é o artesanato que alivia a sua mente. Hoje, os jovens, ao fazerem artesanato, param para pensar e acalmam a mente, o qual não seria possível de outra forma.

Os desenhos trazem, em suas entrelinhas, símbolos da vida *Mbya*, tais como a caminhada Guarani, *oguatá*, e o colar, *mboy*, que protege e fortalece o espírito. Os colares é como se fossem crachás que identificam se o portador é *Karai*, curador, ou *xondaro*, guerreiro.

Os desenhos do *adjaká* ou balaio são recebidos de *Nhanderu*. Os Guarani recebem os desenhos, que são símbolos da natureza, ou melhor, são a própria natureza em forma de balaio, em visões. Os artesanatos são feitos de taquara, cipó ou madeira, e às vezes também de pedras, penas de pássaros ou barro. As cestas servem para guardar alimentos e também para fazer o berço e carregar o bebê.

Os mais velhos falam sobre como é importante esse conhecimento para que a nossa geração e as gerações futuras possamos garantir mais 500 anos para nosso povo.



*Kiryngue onhemboé  
mboy ojapoaguã*

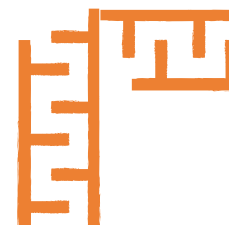


*Omboe kapi'ia guy  
ojapoa guã ao*



*Kyryngue ojapo o kuapy  
mboy oã kareguarã  
oipotuaguã*

*“Ka’agu’y ma, Nhanderu oedja nhandevy mbya  
kuery pe, nhandekuaí porã aguã. Djadjou opa mba’e  
djaipota va’e, yvyra’a, mymba’í hae gui yy.”*





*Apymã gyraparã re  
ombo'e kyingue*



*Omõ mbeu mbaexakua  
yvyra gypa ae ve  
ojapoaguã gyrapa*

“Tudo o que precisamos para vivermos em paz encontramos na natureza: *Nhanderu* deixou para nós.”

# Caça e pesca

## Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Tava'i

*Kova'e mba'eapo ma, rodjapo nhandereko djaekoupity aguã re roma'e vy. Roexauka kyingue pe, mba'eixa pa yma raka'e. Rombo'e odjeporeka aguã ha'e pira odjopoi aguã.*

Nosso trabalho teve como objetivos:

- a) Revitalizar a cultura Mbya Guarani, mostrando para as crianças e jovens uma realidade vivida por nosso povo durante muitos anos;
- b) ensinar como produzir armadilhas para usar na caça e na pesca.

*Kova'e ma mondepi, yma ve xeramõi kuery odjapo raka'e ombo'a aguã djeruti, inambu, araku, mbyku'í.*

**Mondepi - armadilha Guarani usada para capturar pássaros, no Tekoa Tava'i.**





*Kova'e ma mondé, yma ve xeramõi kuery odjapo, xo'õ ka'aguy ombo'a aguã. Mondé py ma, nhamboa'a ti'y, ka'í, tatu, kaguaré, ho'a vi, raka'e, tivi.*

**Mondéu - armadilha Guaraní feita pelos antigos para caçar animais como macaco, tatu, gambá, jaguatirica e tamanduá, no Tekoa Tava'í.**



*Ymã ve rupi ma mbya kuery ikuai raka'e ka'aguy re. Vaeri ha'e rami ve'yn ma, yvy idjá va'e meme, ndaevei mymba'í djadjopy aguã. Etá vaekuery mbyte rupi rive ma nhandevaí.*

**Mondéu no Tekoa Tava'í.**

O povo Guarani dependeu da caça e da pesca para sobreviver por muitos anos. Porém, hoje nossa realidade é outra: o índio não caça nem pesca para sobreviver, pois vivemos dentro de um pedaço de terra com limites e não há mais animais suficientes na natureza. Se vemos uma capivara na beira do rio, não podemos caçá-la, pois certamente aquele terreno terá um dono *juruá*.

*Ymã mbya kuery, ikuai porã raka'e. Nhanderu ombodjera koo yvy Nhandevy pe haé. Ikuai porã, odjou oipotá va'e, yvyra'a, xo'o ka'aguy há'e yy. Xeramõi kuery odjou opá mba'e ka'aguyre. Juruá kuery ikuai e'yn re.*

Na época de nossos bisavôs, os índios não sabiam o que era salário, não conheciam o dinheiro e não tinham interesse em acumular riquezas. O índio, quando sentia fome, caçava, pescava, colhia frutos e trabalhava apenas para suprir suas necessidades básicas de alimento e abrigo.



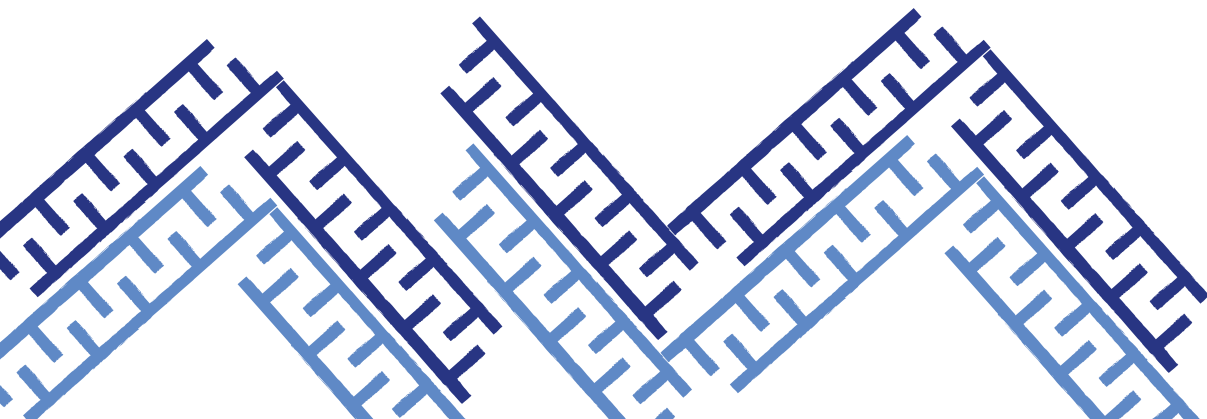
**Professores e *xeramõi* participantes da Ação Saberes no Tekoa Tava'í: Agostinho Moreira, Timóteo de Oliveira com seu filho, um convidado não indígena, Artur Benites e Marcelo Benites**



Roda de conversa no Tekoa  
Tava'í entre professores  
participantes



Roda de conversa entre  
professores e o *xeramõi*  
Timóteo de Oliveira no  
Tekoa Tava'í



## Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos da Escola do Tekoa Takuaty

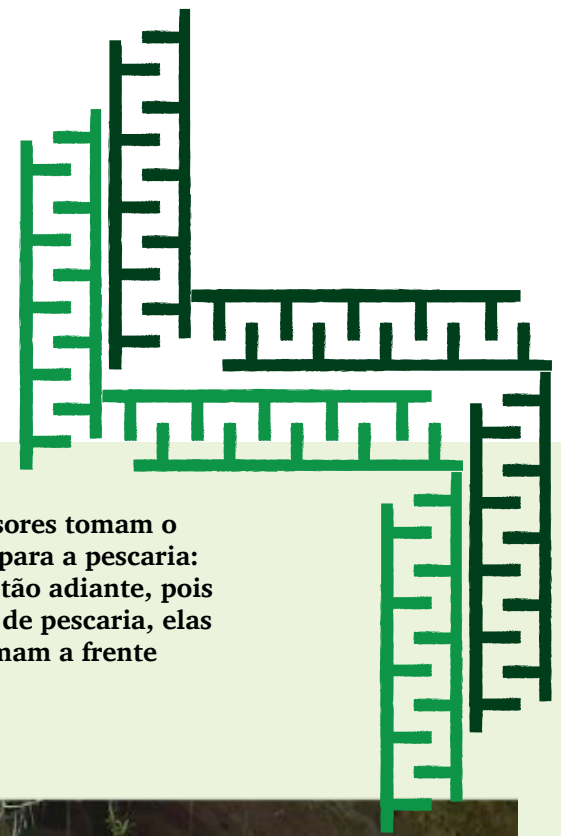


Adrian pescando tilápia na Aldeia Toldo

Pescaria na Aldeia Toldo:  
Fabrício, da aldeia Takuaty,  
nos aguardava para irmos  
juntos à pescaria







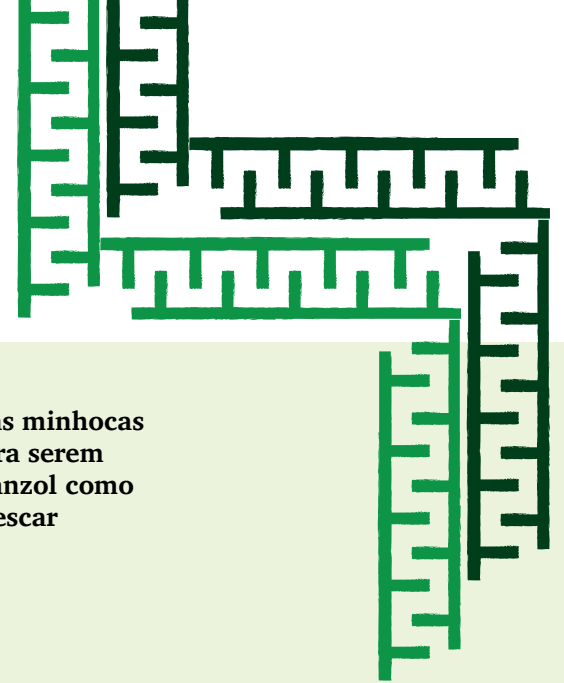
Alunos e professores tomam o caminho do rio para a pescaria: as crianças já estão adiante, pois quando se trata de pescaria, elas se alegram e tomam a frente

À chegada no rio na Aldeia Toldo, Rodrigo tira minhoca da terra úmida





Retirada das minhocas da terra para serem usadas no anzol como isca para pescar



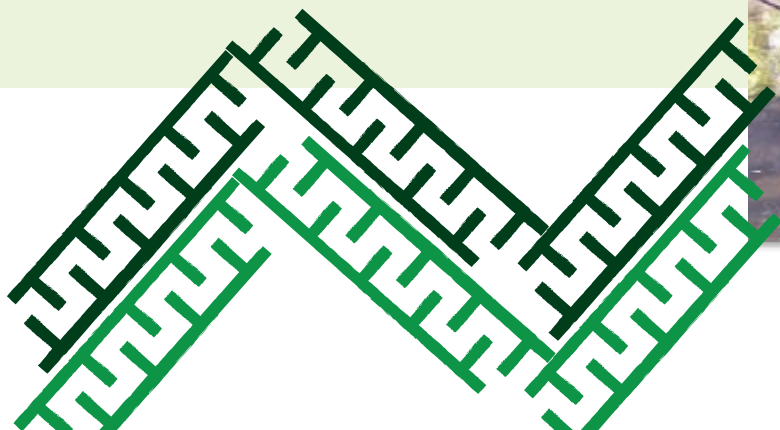
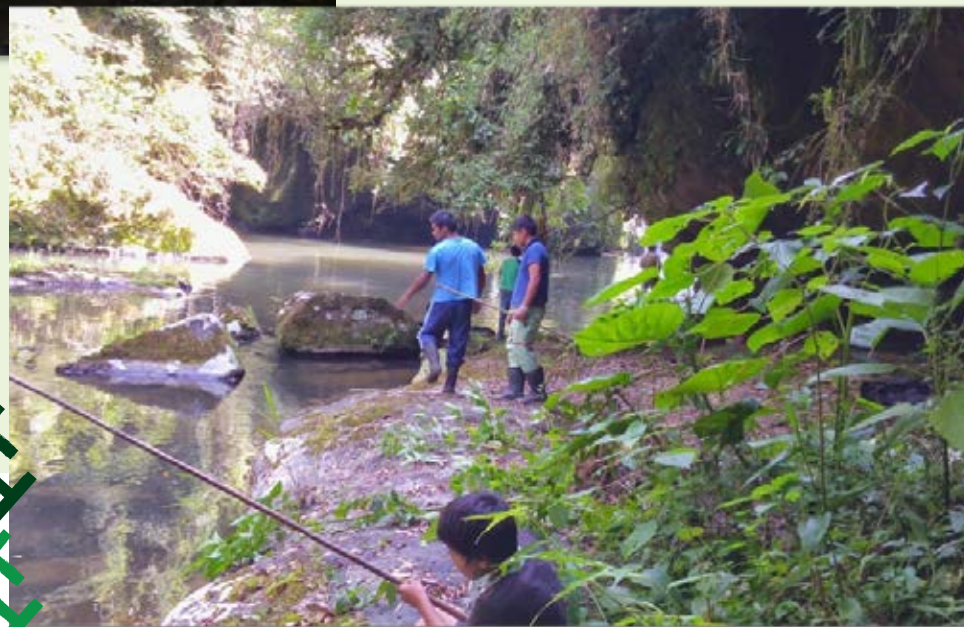
Pescaria no rio da Aldeia Toldo





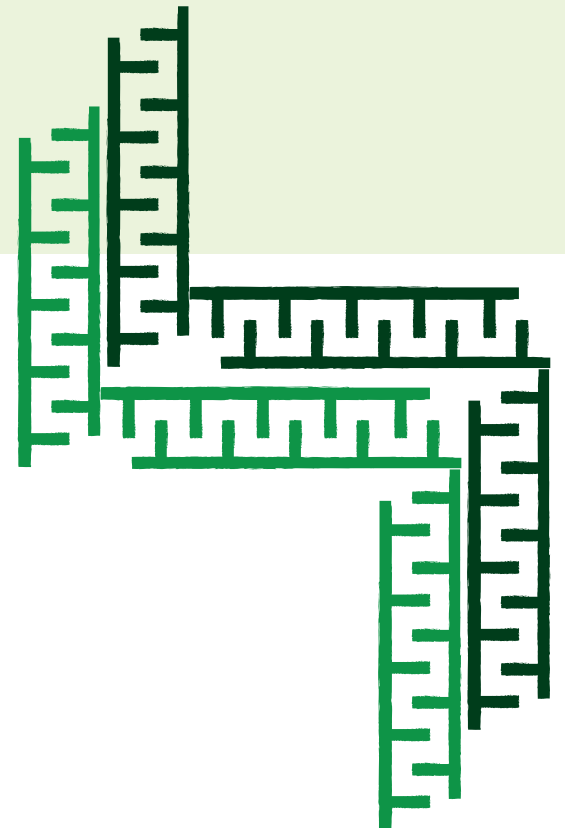
Atividades no rio  
da Aldeia Toldo

Adrian, Fábio, Leonardo,  
Rodrigo e o professor Genésio  
Euzébio, *Tapixi*, à beira do rio  
da Aldeia Toldo





Atividades no  
rio da Aldeia  
Toldo



# ANEXOS

1. **DOCUMENTO ELABORADO NO I ENCONTRO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR GUARANI DA REGIÃO LITORAL SUL**, em Morro das Pedras, Florianópolis/SC, de 27 a 31 de agosto de 2001.
2. **CARTA POLÍTICA DA COMISSÃO NACIONAL DE TERRA GUARANI YVY RUPA**, reunida em Brasília/DF, em março de 2007.
3. **CARTA DA COMISSÃO CONTINENTAL DOS PROFESSORES GUARANI**, reunida na II Assembleia Continental do Povo Guarani, celebrada em Porto Alegre/RS, de 11 a 14 de abril de 2007.
4. **DOCUMENTO FINAL DA II ASSEMBLEIA CONTINENTAL DO POVO GUARANI**, reunida em Porto Alegre/RS, de 11 a 14 de abril de 2007.
5. **EDUCAÇÃO ESCOLAR GUARANI EM SANTA CATARINA: COMUNICADO DA COMISSÃO ESTADUAL GUARANI NHEMONGUETÁ**, reunida em Biguaçu/SC, a 6 de julho de 2007.
6. **RELATÓRIO DA CONFERÊNCIA CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**, elaborado pela Comissão Estadual Guarani Nhemonguetá, na aldeia Mbiguaçu, Biguaçu/SC, a 9 de abril de 2009.
7. **DOCUMENTO FINAL DO III ENCONTRO CONTINENTAL DO POVO GUARANI**, celebrado em Assunção, Paraguai, de 15 a 19 de novembro de 2010.
8. **DECLARAÇÃO FINAL DO II ENCONTRO DA NAÇÃO GUARANI**, ocorrido na comunidade indígena Paĩ Tavyterä de Jaguati, no departamento de Amambay, Paraguai, de 24 a 26 de março de 2011.

# 1. DOCUMENTO ELABORADO NO I ENCONTRO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR GUARANI DA REGIÃO LITORAL SUL, em Morro das Pedras, Florianópolis/SC, de 27 a 31 de agosto de 2001

## Os Guarani querem escola ?

Os Guarani que aqui estão reunidos entendem que deve haver escola nas aldeias que já discutiram a respeito e querem. Deve ser respeitada a decisão de cada comunidade que não quer escola.

## Por que os Guarani que optaram por ter escola em suas comunidades decidiram desta forma?

- Para que o indígena Guarani seja alfabetizado em sua própria língua e em português;
- para aprender a ler e escrever bem e então escrever a própria história, porque é importante que não se perca a própria história;
- para o resgate da cultura tradicional que pode estar se perdendo;
- para aprender o necessário para a sobrevivência física e cultural, não mais que o necessário.

## Em que prejudica a escola normal do não índio hoje?

Ela pode mudar a mentalidade dos jovens, porque a educação Guarani é feita com respeito e para ter bom comportamento. A escola do branco é entendida, pelos indígenas que não querem escola, como voltada só para o dinheiro.

Os Guarani já tem seu sistema próprio de educação. Por exemplo, as *xejaryi* ensinam as crianças quando se faz artesanato, quando se pesca, quando se está na *opy*. Tudo isso é educação.

## O que os Guarani esperam da escola?

Esperam que seja um espaço de conscientização e valorização da cultura Guarani, considerando comparativamente a matemática, a geografia, a botânica, os mitos, a ciência e a história Guarani. Os mais velhos, que conhecem bem a cultura, devem ser professores e participar também da formação dos jovens.

As secretarias e os órgãos responsáveis devem providenciar ajuda de custo ou salários para os mais velhos desenvolverem atividades na escola, devendo haver rotatividade entre eles.

A escola deve ter um benefício prático, profissionalizante e conforme a necessidade da comunidade, que definirá as formações, como, por exemplo, enfermeiro, merendeira, técnico agrícola, professor e outros, com currículo específico e visando a autonomia dos Guarani.

Esperamos que o curso seja curto (por exemplo, que com a formação até a 4ª **série** o aluno já saia formado e

com uma profissão) e que o professor da 1ª e 2ª séries seja Guarani e ele mesmo dê aula. O curso deve ser específico e diferenciado para a formação de professores Guarani.

Em todas as ações das secretarias as comunidades devem ser consultadas. Esperamos que haja bolsa-escola específica para os alunos.

**Este documento foi produzido pelos representantes das seguintes aldeias:**

Ilha da Cotinga, Morro da Paca, Cerco Grande,  
Sambaqui e Karugua (PR)

Piraí/Tiaraju, Tarumã, Jabuticabeira, Pindoty,  
Araçá, Navegantes, Biguaçu, Morro Alto/Laranjeiras,  
Massiambu, Morro dos Cavalos, Marangatu e  
Itoupava (SC)

Varzinha, Figueira, Estiva, Canta Galo e Campo  
Molhado/Barra do Ouro (RS)

Sapukai (RJ)

## 2. CARTA POLÍTICA DA COMISSÃO NACIONAL DE TERRA GUARANI YVY RUPA, reunida em Brasília/DF, em março de 2007

No atual contexto de adversidade e retrocesso em relação à regularização das Terras Guarani-Mbya, surgiu a iniciativa das lideranças Guarani de promoverem um amplo movimento de articulação entre todas as comunidades Guarani situadas nas regiões sul e sudeste do Brasil, com a finalidade de estabelecerem, conjuntamente com seus parceiros, estratégias e ações comuns na defesa das Terras e do Território Tradicional Guarani.

Resgatando os movimentos de luta pelo direito a terra dos seus antepassados, baseando-se nos ensinamentos de suas lideranças espirituais e dos *nhanderamói*, e respondendo aos anseios de suas comunidades por uma vida digna e de conformidade com o *nhandereko*, foi criada a Comissão Nacional de Terra Guarani *Yvy Rupa*.

A Comissão Nacional de Terra Guarani *Yvy Rupa* é uma organização política que se sustenta no próprio modo de articulação e representação Guarani, diferenciando-se do modelo de organização imposto pela sociedade ocidental, formalista e burocrático.

A Comissão Nacional de Terra Guarani *Yvy Rupa* é a legítima representação do Povo Guarani, na sua longa caminhada por uma verdadeira autonomia política, e tem como principal objetivo fortalecer as comunidades Guarani na sua luta pela defesa das Terras e de seu Território Tradicional.

### Comissão Nacional de Terra Guarani *Yvy Rupa*

Coordenação Nacional

Toninho — Cacique Boa Esperança/ES  
Vilmar Vilhares — Liderança Araponga/RJ  
João da Silva — Liderança de Parati—mirim/RJ  
Renato Mariano — Cacique Pindoty/SP  
Alcides Mariano — Cacique Paranapuã/SP  
Marcos *Tupã* — Liderança do Krukutu/SP  
Timóteo Vera — Cacique *Tenonde* Porã/SP  
Sergio Macena — Liderança Rio Silveira/SP  
Leonardo Vera — Liderança Morro dos Cavalos/SC  
José Benites — Cacique Massiambu/SC  
Maurício da Silva — Liderança Itapoá /RS  
Santiago Franco — Cacique Coxilha da Cruz/RS

Conselho *Nhanderamói*

João da Silva — Cacique Bracuí/RJ  
José Fernandes Soares — Liderança espiritual Jaraguá/SP



### **3. CARTA DA COMISSÃO CONTINENTAL DOS PROFESSORES**

**GUARANI**, reunida na II Assembleia Continental do Povo Guarani, celebrada em Porto Alegre/RS, de 11 a 14 de abril de 2007

Com encaminhamento a:

Presidência dos Países da América do Sul  
Governos dos Estados  
Ministério Público Federal  
MEC, Secretarias de Educação dos Estados  
Asamblea Pueblo Guarani APG — Argentina  
Funai  
Unesco  
Unicef

Nós, lideranças, rezadores e professores Guarani do Brasil (do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro), Argentina e Paraguai, que estamos participando do II Encontro Continental Guarani, vimos através deste documento apresentar as discussões e propostas da Comissão Continental de Professores Guarani aqui reunida.

Discutimos e avaliamos as experiências de educação escolar que têm acontecido em vários locais onde vivem nossos parentes, que habitam nosso grande território tradicional recortado pelas fronteiras dos estados nacionais da Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil. Assim, tiramos uma posição geral com relação à educação escolar.

Possuímos uma educação tradicional, com base nos valores e ensinamentos repassados por nossos avós

e nosso lugar de transmissão de conhecimentos é a casa de rezas. Esta educação tradicional continua sendo feita em nossas aldeias, mas hoje convive com a existência de escolas e muitas dessas escolas não respeitam nosso jeito de ser e de ensinar as crianças, querem que os professores ensinem as nossas crianças do mesmo jeito que fazem os não indígenas. Apesar de termos conquistado leis que garantem a implantação de escolas diferenciadas em nossas aldeias, com nossas próprias pedagogias, em nossa própria língua, sabemos que em alguns países e estados os governos não assumem o compromisso político de desenvolver uma educação escolar diferenciada, fazendo com que a escola se torne uma coisa contraditória em relação ao nosso sistema. Nos posicionamos em defesa da nossa educação tradicional!

A escola deve ser feita do nosso jeito, com pedagogias tradicionais Guarani, por nossos próprios professores, que são pesquisadores de nossa própria cultura e que contam com a ajuda de nossos sábios e velhos, os verdadeiros detentores de nossa sabedoria ancestral. Os professores Guarani são representantes do nosso povo e de nossa luta pelos nossos direitos e preparam nossas crianças para o futuro.

A educação escolar deve contribuir para o fortalecimento de nossa cultura, nossa língua e nossa luta para garantir nossos direitos, como o reconhecimento e demarcação de nossas Terras, um atendimento de saúde adequado à nossa cultura, etc. A escola dos não índios já

destruiu muito de nossa cultura: não admitimos mais isso. Exigimos, dos países e estados, secretarias de educação com profissionais qualificados e políticas claras para atender as escolas Guarani. Exigimos também que os programas de formação de professores Guarani sejam adequados ao tipo de escola e de educação escolar que queremos, que os professores Guarani participem diretamente das elaborações dos planejamentos das atividades dos conteúdos dos cursos, e que seja reconhecida a autonomia das decisões dos professores em tudo que diz respeito à educação escolar.

### **Representantes da Comissão Continental dos Professores Guarani:**

Adriano Morinico, Aldeia Morro Alto/SC, Brasil  
Agostinho Moreira, Aldeia Nhundy, Viamão/RS, Brasil  
Alberto *Tupã* Alves, Aldeia Tekoá Porã/ES, Brasil  
Argemiro da Silva, Aldeia Itaxi/RJ, Brasil  
Arnildo Werá Moreira, Aldeia Tekoá Porã/RS, Brasil  
Belarmino da Silva, Aldeia Passo Feio/RS, Brasil  
Cirilo Duarte, Aldeia Tekoá Guarani, Misiones, Argentina  
Darci da Silva, Aldeia Jaraguá/SP, Brasil  
Darci Nunes de Oliveira, Aldeia Paraty Mirim/RJ, Brasil  
Dionísio Rodrigues, Aldeia PR, Brasil  
Eduardo Acosta, Aldeia Estrela Velha, Salto do Jacuí/RS, Brasil  
Eduardo da Silva, aldeia Tekoá Marangatu/SC, Brasil  
Eliseo Chamorro, aldeia Tekoá Guarani, Misiones, Argentina  
Eliseo Clementino, Aldeia Mbyá Guarani do Araxai'i/SC, Brasil  
Eloir de Oliveira, Aldeia Tekoá Nhundy, Viamão/RS, Brasil  
Enoque Benites Batista, Aldeia Taquapiry/MS, Brasil

Flora Elsa Cruz, Associação Guarani Mburuvichá Guasu, Província de Jujuy, Argentina  
Gilmar da Silva, Aldeia Karuguá, Piraquara/PR, Brasil  
Jerônimo Franco, Aldeia Tekoá Porã/RS, Brasil  
Joana da Silva, Aldeia Tekoá Porã/ES, Brasil  
João Antunes de Oliveira, Aldeia Mbaracá Mirim, Nonoai/RS, Brasil  
João Benites Rikelme, Aldeia Cerrito/MS, Brasil  
Joaquim Adiala, Aldeia Porto Lindo, Japorã/MS, Brasil  
Joel Pereira, Aldeia Tekoá Kaaty, Mato Preto/RS, Brasil  
José *Karai* Benites, Aldeia Massiambu/SC, Brasil  
Jovane Brissuela, Aldeia Ilha do Cardoso/SP, Brasil  
Ladio Veron, Aldeia Bororó/MS, Brasil  
Leonardo Eusébio, Aldeia Ibirama/SC, Brasil  
Márcia Pedro Benites, Aldeia Panambi, Douradina/MS, Brasil  
Marco Antonio Djekupé, Aldeia Morro dos Cavalos/SC, Brasil  
Maria Cecília Barbosa, Aldeia Mbyá Guarani do Araxai'i/SC, Brasil  
Maria Inês da Silva, Aldeia Morro Alto/SC, Brasil  
Moacir dos Santos Gonçalves, Aldeia Ibirama/SC, Brasil  
Natanael Vilhalva Cárceres, Aldeia Panambzinho/MS, Brasil  
Nelson Eusébio, Aldeia Krututu/SP, Brasil  
Osvaldo Morinico, Aldeia Tekoá Guarani, Misiones, Argentina  
Otoniel Ricardo, Aldeia Je'yikue, Caarapó/MS, Brasil  
Patrícia Ferreira, Aldeia Tekoá Koenju São Miguel das Missões/RS, Brasil  
Ronaldo Werá, Aldeia Tekoá Marangatu/SC, Brasil  
Sandra Mariano, Aldeia Votouro Guarani/RS, Brasil

Teodoro *Tupã* Alves, Aldeia Tekoá Anheteté/PR, Brasil

Vanderlei da Silva, Aldeia Ilha do Cardoso/SP, Brasil

Victor Hugo Tolaba, Asamblea Pueblo Guarani APG, Argentina

Porto Alegre, 14 de abril de 2007.

#### **4. DOCUMENTO FINAL DA II ASSEMBLEIA CONTINENTAL DO POVO GUARANI,** reunida em Porto Alegre/RS, de 11 a 14 de abril de 2007

Reunidas no Parque Harmonia, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, de 11 a 14 de Abril de 2007, mais de 800 pessoas, nós, Povo Guarani, presente no Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia, queremos tornar pública a história contada por nossos velhos e apresentar nossas propostas para um mundo melhor. Apesar de toda a violência praticada ao longo dos últimos 500 anos, nós resistimos. Hoje somos mais de 225 mil pessoas, um dos maiores povos da América. Através de nossos encontros continentais fazemos a memória da luta de nossos antepassados e anunciamos a esperança no futuro que construiremos com nossas próprias mãos.

A falta de terra é o principal problema que atinge nosso povo. Não vivemos sem a terra e a terra não vive sem o nosso povo, formamos um único corpo. A falta de terra não permite que vivamos de acordo com nossa cultura. Nossos jovens são obrigados a buscar trabalho em outros locais, não lhes sobrando tempo para aprenderem com nossos velhos.

Nosso povo sempre viveu com muito respeito em relação à natureza. O mato verdadeiro é nosso local principal para construirmos nossas aldeias e vivermos nossa cultura. Sem o mato, a água, os rios e todos os seres que nela habitam, não podemos viver. Durante milhares de anos vivemos nessa natureza, respeitando e vivendo com ela. Hoje percebemos, com profunda tristeza, que restam poucas matas verdadeiras, que os rios foram poluídos e os animais foram extintos. Além disso, o que resta de matas verdadeiras foi transformado em reservas e parques ambientais: esses para nós são lu-

gares sagrados, mas os não indígenas nos impedem de ocupá-los. Isto se deve à ganância do não indígena, que precisa destruir tudo para dizer que está trazendo progresso. Hoje até os não indígenas estão percebendo que a própria terra está esquentando e pode desaparecer. Isso nossos anciões sempre alertaram que poderia acontecer se a natureza não fosse respeitada. Por isso afirmamos que a demarcação de nossas Terras é um bem para toda a humanidade, porque jamais destruiremos a natureza protegida nelas.

Nosso território, *Ywy Rupá*, foi cortado, várias vezes, por fronteiras entre países e estados. Fizeram guerras para roubar nossas Terras. Por isso, hoje, nosso povo ficou dividido entre Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia. Para nós não existem fronteiras. Continuamos visitando nossos parentes e tentando andar livremente, como fazíamos em tempos passados. No entanto, percebemos que cada vez mais esses países desenvolvem políticas que nos impedem de vivermos ao nosso modo. Em alguns países, nos chamam de estrangeiros, de forasteiros, e dizem que não podem reconhecer o direito a nossas Terras porque elas não nos pertencem. Mesmo assim, nós continuamos lutando por nosso território e pelo fim de todo tipo de fronteira que nos impedir de vivermos livremente.

Nossa cultura é milenar. Possuímos uma educação tradicional, com base nos valores e ensinamentos repassados por nossos avós, e nosso lugar de transmissão de conhecimentos é a casa de rezas. Hoje temos escolas

em quase todas as aldeias e muitas dessas escolas não respeitam nosso jeito de ser e de ensinar as crianças, querem que os professores ensinem as nossas crianças do mesmo jeito que fazem os não indígenas. Apesar de termos conquistado leis que garantem a implantação de escolas diferenciadas em nossas aldeias, com nossas próprias pedagogias, em nossa própria língua, percebemos que em alguns países e estados os governos não assumem o compromisso político de desenvolver uma educação escolar diferenciada, e não seguem as leis de diretrizes e bases da educação, como é o caso do Brasil. A escola deve ser feita do nosso jeito, com pedagogias tradicionais Guarani, por nossos próprios professores, que são pesquisadores de nossa própria cultura, que contam com a ajuda de nossos sábios e velhos, os verdadeiros detentores de nossa sabedoria ancestral. A educação escolar deve contribuir para o fortalecimento de nossa cultura, nossa língua e nossa luta para garantir nossos direitos, como o reconhecimento e demarcação de nossas Terras. A escola dos não índios já destruiu muito de nossa cultura, não admitimos mais isso. Exigimos, dos países e estados, secretarias de educação com profissionais qualificados e políticas claras para atender as escolas Guarani, assim como programas de formação de professores Guarani adequados a esse tipo de escola e de educação escolar que queremos. Da mesma forma, exigimos que nossos rezadores, os nossos verdadeiros médicos, sejam respeitados, que o atendimento à saúde valorize nossos

conhecimentos tradicionais e que o trabalho dos médicos e outros profissionais de saúde não indígenas atenda às determinações dos rezadores e lideranças.

A partir deste II Encontro Continental, demos início a uma grande campanha internacional, *Povo Guarani, grande povo: Vida, terra e futuro*. Convidamos a todos a somarem esforços a fim de construirmos uma nova história que reconheça os valores e direitos de nosso povo.

Por fim, afirmamos que continuaremos vivendo e lutando por nossa terra, que é o suporte de toda natureza, de toda vida e de toda cultura. Fomos criados pela natureza e por isso ela está sempre a nosso favor, nos ama e nos alimenta. Reafirmamos nosso compromisso de continuarmos lutando pela terra e por toda a natureza e nos unimos a todos os que também lutam por um mundo justo onde as culturas sejam respeitadas, para que juntos, em mutirão, construamos esta grande casa que chamamos Terra sem Males.

A natureza é vida e futuro.

Porto Alegre, 14 de abril de 2007.

## **5. EDUCAÇÃO ESCOLAR GUARANI EM SANTA CATARINA: COMUNICADO DA COMISSÃO ESTADUAL GUARANI NHEMONGUETÁ,** reunida em Biguaçu/SC, a 6 de julho de 2007

A comissão indígena Guarani composta por lideranças do estado de Santa Catarina, região sul do Brasil, criada em 2006 e oficializada em 2007, participante da Organização Nacional Indígena de Terra Guarani *Ywy Rupá*, vem se reunindo nas aldeias Guarani, de forma tradicional, seguindo os conselhos dos mais velhos, os sábios Guarani, com intuito de fortalecer as comunidades, apoiar na conquista dos direitos e prezar pela execução dos artigos 231 e 232 da Constituição Federal do Brasil, assim como da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, que regem os direitos das comunidades indígenas e tribais no Brasil.

Em nossa última reunião, nos dias 5 e 6 de julho deste ano, realizada na aldeia Mbiguaçu, município de Biguaçu/SC, declaramos nossa existência oficial, convidando a Procuradoria da República de Florianópolis e de Joinville para participarem da discussão sobre o primeiro tema a ser apresentado por nós às autoridades, a saber, educação escolar indígena Guarani.

Nessa reunião participaram, além dos procuradores, representantes da Secretaria Estadual de Educação, particularmente do Núcleo de Educação Indígena, e das Gerências Regionais de Educação de Florianópolis e Joinville. Com o tema *Escola nas aldeias: Educação para quem?*, foi conduzida a reunião pelo cacique Hyral Moreira, o qual apresentou as problemáticas levantadas ao longo das reuniões da Comissão Nhemonguetá.

Os consensos a que chegamos foram: as escolas nas aldeias não devem seguir o modelo de educação não indígena, e para isso necessitam de urgentes reformas; o sistema que rege as escolas não indígenas não pode servir de base nem de regra para o funcionamento das escolas indígenas Guarani; é preciso, por parte dos administradores governamentais, uma urgente capacitação daqueles que lidam diretamente com os povos indígenas, para melhor atenderem as aldeias, para respeitarem as leis, decretos e regulamentações que regem a educação escolar indígena, de modo que, assim, as aldeias possam dar continuidade à sua organização tradicional.

Para tanto, a Comissão se propôs a elaborar um programa geral da educação escolar Guarani que queremos, a ser elaborado primeiramente nas comunidades pelos professores e lideranças, anciões, pais e mães; num segundo momento, a Nhemonguetá reunirá as variadas propostas e elaborará um documento final que contemple os anseios de todas as comunidades Guarani de Santa Catarina, e o apresentará aos órgãos competentes de educação, para que ele sirva como diretriz na atuação rumo à construção da escola Guarani que queremos.

Deste modo, acreditamos poder construir uma educação escolar Guarani que se assemelhe à educação tradicionalmente praticada ao longo de milhares de anos nas aldeias, a qual respeite o conhecimento tradicional, ouça as palavras dos mais velhos e não busque apenas formar cida-

dãos que saibam lidar com a sociedade envolvente no futuro, mas que, em primeiro lugar, desde a infância prepare as crianças para a vida cotidiana na aldeia junto à família, que é sua sociedade dentro da comunidade, para que depois eles possam sim, no futuro, vir a contribuir junto à sociedade envolvente na elaboração de um novo mundo e de uma nova forma de relação social.

Gratos pela atenção,

Secretaria da Comissão Nhemonguetá.

## 6. RELATÓRIO DA CONFERÊNCIA CATARINENSE DE EDUCAÇÃO

**ESCOLAR INDÍGENA**, elaborado pela Comissão Estadual Guarani

Nhemonguetá, na aldeia Mbiguaçu, Biguaçu/SC, a 9 de abril de 2009

A Comissão Nhemonguetá, com caciques e professores Guarani do estado de Santa Catarina, realizou, em parceria com o MEC, a FUNAI e a Secretaria de Educação de Santa Catarina, a Conferência Catarinense de Educação Indígena Guarani, para tirar as propostas para a Conferência Regional e Nacional de Educação Indígena.

Com ausência de representantes de apenas três aldeias, reuniram-se, na *opy* da aldeia Mbiguaçu, no período matutino, e na Escola Indígena Wherá *Tupã* – Poty Djá, no período vespertino, lideranças e professores Guarani, representantes da Secretaria Estadual da Educação, o Prof. Gersen Baniwa, do MEC, e parceiros de entidades indigenistas. O encontro ocorreu em virtude de uma reclamação da Comissão Nhemonguetá, que observou que as conferências locais não estavam contemplando toda a comunidade indígena. Somou-se também a essa observação o acúmulo de discussões que a Comissão formulou nos últimos anos e deveria ser aproveitado. Sem prejuízo às conferências locais, a Comissão propôs uma conferência no âmbito do povo Guarani em Santa Catarina. Também desejavam que a escolha dos delegados e delegadas fosse feita de maneira coletiva, já que eram apenas dez representantes para mais de vinte comunidades, representantes esses que teriam que levar as demandas do povo Guarani e não apenas de suas próprias aldeias.

Após os esclarecimentos do Prof. Gersen Baniwa e das representantes da Secretaria Estadual da Educação, deu-se início aos debates, que se seguiram praticamente durante o dia todo. No final do encontro, foram escolhidos os delegados e delegadas para a conferência regional, que seria realizada em Faxinal do Céu (PR), entre os dias 27 de Abril e 01 de Maio de 2009, bem como foi escolhido o representante Guarani debatedor e mediador na conferência regional. Após esse processo, foi formada uma comissão de sistematização para redigir o presente documento-síntese.

Este documento-síntese reúne as deliberações do encontro que ocorreu, em 2001, no Morro das Pedras, em Florianópolis; do encontro de setembro de 2007, que ocorreu na escola Wherá *Tupã* – Poty Djá; e dos documentos elaborados pela Comissão Nhemonguetá sobre denúncias e desafios da educação escolar, bem como do debate ocorrido no dia de redação do documento.

Para efeitos de sistematização, seguimos a proposta do Documento Orientador da I CONEEI, com três questões básicas:

### 1 – Por que queremos escola?

A escola, na concepção Guarani, deve ser mais um ins-



trumento para a autonomia do nosso povo, para nos firmarmos perante a sociedade brasileira, para podermos participar com nossas formas próprias na sociedade, contar a história a partir de nosso ponto de vista, falar dos direitos a partir de nossa concepção e de nossos valores, para manejarmos a agricultura a partir de nossos fundamentos agrícolas. A escola não deve ser o único nem o mais importante instrumento, apenas mais um. Não desejamos formar para o mercado, mas formar para a vida.

No documento elaborado durante I Encontro de Educação Escolar Guarani da Região Litoral Sul, entre os dias 27 a 31 de agosto de 2001, definimos que queríamos a escola para (acreditamos que continua valendo para hoje também):

- Para que o indígena Guarani seja alfabetizado na sua própria língua e não em português;
- para aprender a ler e escrever bem, e então escrever a própria história, porque é importante que não se perca a própria história;
- para resgate da cultura tradicional que pode estar se perdendo;
- para aprender o necessário para a sobrevivência física e cultural, não mais que o necessário.

Quando perguntado em que prejudica a escola normal do índio hoje, a resposta foi:

Porque pode mudar a mentalidade dos jovens, porque a educação Guarani é feita com respeito e para ter bom comportamento. A escola do branco é entendida, pelos indígenas que não querem escola, como voltada só para o dinheiro. Os Guarani já tem seu sistema próprio de educação. Por exemplo, as avós, *xejaryi*, ensinam as crianças quando se faz artesanato, quando se pesca, quando se está na *opy*: Tudo isso é educação.

Do encontro realizado em setembro de 2007, complementamos o documento de Morro das Pedras com uma análise mais ampla dos significados de educação indígena, educação escolar indígena e escola indígena. Fizemos um debate de como era a educação Guarani antes do *juruá*:

*Antes do juruá, não precisávamos de escola, o alimento não era armazenado, a vivência era coletiva. O calendário Guarani era baseado na natureza, na floração das árvores, no canto dos passarinhos. Para plantações e colheitas, o conhecimento do clima e das estações baseava-se no canto dos pássaros. A reprodução dos animais e do ser humano era conforme o ciclo da lua.*

Os anos também eram contados conforme a natureza. O ano novo começa com *ara pyau*, que no calendário *juruá* seria a primavera. É a época da floração das árvores, do começo do plantio e também dos animais começarem a se reproduzir. O calendário não está baseado em dias do ano para se comemorar datas.

Quanto ao manejo e cuidado com a terra, por exemplo, quando se constrói uma aldeia, na mata, onde se planta e se constrói as casas, com o passar do tempo a terra vai enfraquecendo; para fortalecê-la novamente, antigamente, as pessoas mudavam para outro lugar e deixavam tudo que tinham construído, como as casas, as roças e outras plantações. Com o passar do tempo, aquelas construções serviam como adubo para a terra, porque não existia lixo e tudo era orgânico.

Com a chegada dos europeus, tudo foi mudando: A natureza começou a ser destruída, tudo passou a ser comercializado e a nossa cultura começou a ser mudada e dominada pela cultura envolvente. A partir do momento em que a nossa cultura começou a ser dominada pela outra cultura, fomos obrigados a participar da escola *jurua* e, participando dela, tivemos a necessidade de adaptar-nos dentro da aldeia. E hoje não podemos voltar a viver como antigamente: a escola nos ajuda a manter nossa sobrevivência.

## **2 - O que já conquistamos? O que temos hoje?**

A escola hoje é, ainda, um espaço mais voltado para a apropriação do conhecimento e das pedagogias da sociedade não indígena do que de nosso povo. A escola é mais um espaço da presença e dominação do Estado em nossas aldeias (uma *embaixada* do Estado em nossas aldeias) do que propriamente um espaço apropriado pela comunidade, inserido na vida da comunidade. A escola é um espaço apartado, com estrutura e regras diferentes das da comunidade, onde as crianças e os professores devem se portar diferentemente da vida cotidiana na aldeia. Isso ocorre devido à dis-

tância entre aquilo que queremos da escola e aquilo que a legislação permite ou nos dizem que permite.

Alguns exemplos nos ajudam a compreender melhor: No ano de 2007, fomos obrigados a acionar o Ministério Público Federal (MPF) para defendermos nossas comunidades. Em uma aldeia do litoral norte de Santa Catarina, havia casos de crianças Guarani, no processo de alfabetização, que estavam na escola fora da TI e eram proibidos, pela direção da escola, de falarem na própria língua, o que gerou muita revolta, porque parte das crianças tinha dificuldade de falar em português. Essa comunidade se propôs a construir uma casa, dentro do modelo de casa tradicional, que servisse de escola. Porém, essa proposta foi rejeitada pela Gerencia Regional de Educação (GERED), porque não atendia as questões sanitárias. Nesse mesmo ano, a GERED fechou uma escola Guarani porque a liderança da comunidade pediu o afastamento de uma das duas professoras brancas que lecionavam dentro da escola indígena. Ao invés de demitir a professora, a GERED optou por fechar a escola e transferir as crianças para uma escola fora da Terra Indígena. O cacique, que era também professor, foi desautorizado pela gerente regional de educação. Esse episódio, investigado pelo MPF, demonstrou a dificuldade e inabilidade dos gestores públicos da educação escolar para tratarem com as comunidades indígenas e aceitarem suas lideranças.

Há ainda algumas comunidades que não possuem escola, onde as crianças frequentam escolas fora das TIs, sofrendo preconceito e outras formas de violência. Em alguns casos, isso ocorre simplesmente porque a TI não está demarcada e o governo estadual não aceita construir prédios públicos em terras não demarcadas. Por outro lado, as autori-

dades governamentais não aceitam a escola nos moldes das casas tradicionais Guarani.

Em algumas escolas, o professor Guarani é ainda um tradutor do conteúdo em português para o Guarani.

Podemos considerar uma importante conquista o Curso de Formação de Professores Guarani, que esperamos seja concluído neste ano de 2009. Porém, não podemos deixar de fazer críticas a muitos aspectos do curso que deixaram a desejar. Apenas transcrevemos aqui alguns pontos da avaliação que enviamos ao MPF. Essas questões deveriam ter sido equacionadas ainda em 2008, mas até o momento não foram resolvidas, a saber: acúmulo de horas aula não cumpridas pela coordenação, o que pode vir a prolongar a data da formatura, esperada para 2008, pois faltam duas etapas nacionais e três etapas regionais; o afastamento de profissionais bem avaliados pelos alunos sem consulta prévia; a falta de participação de coordenadores pedagógicos indígenas no planejamento.

Também nos preocupa a contratação dos professores, que hoje são contratados como ACT: não sabemos se teremos possibilidade de ter concurso público específico e diferenciado. Temos já contratação de professores, porém não é uma contratação diferenciada.

Consideramos também uma conquista o fato de que hoje várias aldeias já dispõem de prédios escolares, que não tinham há alguns anos atrás. Alguns estão equipados com computadores e telefone, porém a maioria ainda não tem. Outras escolas ainda funcionam em prédios provisórios. Precisamos avançar na construção de prédios escolares que contemplem as pedagogias próprias, com espaço para con-

fecção de artesanato, espaço para fogo no chão para quando desejarmos preparar alimentos para a merenda escolar ou mesmo para ensino de preparo de alimentos.

A solicitação de ensino médio em algumas escolas vai exigir mais capacitação dos professores. Nesse sentido, estamos aguardando a proposta formulada pela UFSC, em parceria com outras instituições, para um curso de licenciatura indígena.

Quanto à elaboração de projetos político-pedagógicos (PPPs) diferenciados para as escolas Guarani, temos discussões e propostas de PPPs, porém elas não são aceitas pela Secretaria Estadual em muitos pontos.

### **3 - O que fazer para avançar na educação escolar que queremos?**

No encontro realizado em 2001, nos perguntamos: O que esperamos da escola? E nós respondemos: Esperamos que seja um espaço de conscientização e valorização da cultura Guarani, que considere comparativamente a matemática, a geografia, a botânica, os mitos, as ciências e a história Guarani. Os mais velhos que conhecem bem a cultura devem ser os professores e participar da formação dos jovens, inclusive recebendo uma ajuda de custo.

A escola deve ter um benefício prático, profissionalizante e conforme à necessidade da comunidade que definirá as formações, como, por exemplo, enfermeiros, merendeiras, técnicos agrícolas, professores e outros, com currículo específico visando a autonomia dos Guarani. Os cursos precisam ser curtos: por exemplo, que com a formação até a 4ª série, o aluno já saia formado e com uma profissão. O professor

da 1ª e 2ª **série** precisa ser Guarani e ele mesmo dar aula. O curso deve ser específico e diferenciado para a formação de professores Guarani. Em todas as ações das secretarias, as comunidades devem ser consultadas. *É necessário que haja bolsa-escola específica para os alunos.*

Incluimos também aqui as resoluções de 2007:

A alfabetização deve ser feita somente em Guarani no primeiro nível de ensino. Todos os conteúdos que se ensinam hoje de 1ª a 4ª série serão estudados não mais de forma seriada e sim por níveis de ensino. A avaliação será feita por nível de conhecimento e não será determinado um tempo para concluir cada nível: o aluno há de atingir o conhecimento desse primeiro nível independentemente do tempo que levar para tanto.

No 2º *nível de ensino*, da 5ª à 9ª *série*, o aluno estudará a língua materna e o português, num modelo de ensino bilíngue.

No 3º *nível*, Ensino Médio, haverá um ensino profissionalizante, voltado para a cultura Guarani de acordo com a necessidade de cada aldeia.

Quanto ao ensino superior, é necessário garantir que representantes Guarani das aldeias estejam junto à equipe técnica da coordenação que está criando o projeto de ensino superior diferenciado, para direcionar esse ensino de modo que ele seja voltado especificamente para a cultura Guarani.

A metodologia poderá ser por disciplinas, por temas ou por projetos. Será necessário trazer para a sala de aula os *xeramõi* e *xedjaryi*, para eles ensinarem a cultura. A contratação dos anciões poderá ser por tempo, conforme decisão

e necessidade de cada escola, seja por semana, por mês ou por ano. A contratação de professores, funcionários da escola e dos sábios da aldeia deve ser diferenciada.

A merenda também deve ser diferenciada, conforme o costume de cada aldeia e região, e respeitar as regras e dietas de cada aluno conforme a ocasião, por exemplo, quando as meninas estão na lua ou quando a mãe tem um bebezinho.

Quando a merendeira está na lua, ela não pode cozinhar, porque existe uma regra que é seguida rigorosamente pelas mulheres Guarani. Isso precisa ser respeitado pelos responsáveis da educação indígena. O PPP de cada comunidade também precisa ser respeitado e atendido conforme a cultura e a tradição do povo Guarani no estado.

Essas seriam as características de um Sistema Único das Escolas Indígenas Guarani de Santa Catarina. Tudo isso nós já discutimos e propomos em anos anteriores. Agora, diante de uma nova realidade, queremos agregar algo a mais.

As dificuldades apresentadas acima indicam que há muita coisa a se mudar. Identificamos que o problema central é a ausência de um sistema próprio para a educação escolar indígena, que respeite as pedagogias e a cultura de cada povo. Quem deve ser proponente dessas pedagogias são as próprias comunidades e os respectivos povos. Porém, uma parcela significativa dos povos indígenas está presente em mais de um estado, o que dificulta o debate e a proposição de políticas para os povos. Nosso povo Guarani está presente em seis estados e não podemos ficar presos aos sistemas educacionais de cada estado.

Também nos valem da legislação indigenista brasileira para pensarmos em espaços além dos estados: A Cons-

tituição Federal assevera que é atribuição exclusiva da União a competência para legislar sobre populações indígenas (inciso XIV do art. 22), para proteger todos os seus bens e fazê-los respeitar (caput do art. 231), para promover a demarcação de suas terras (caput do art. 231), assim como para julgar as disputas sobre direitos indígenas (inciso XI do art. 119). Sendo assim, entendemos que cabe à União o dever de garantir e fazer respeitar todos os bens indígenas e, se entendermos a educação, a partir da própria concepção referendada pela Constituição Federal, como reflexo do projeto político, social, pedagógico e cultural de cada povo, ela é um bem jurídico a ser tutelado: assim, a competência para a execução da política de educação escolar indígena cabe à União Federal.

Deste modo, salientamos abaixo as nossas decisões e propostas, que são:

1. Demarcação das Terras/*Tekoa* Guarani como condição primeira e fundamental para que exista educação Guarani e educação tradicional Guarani. Sem *tekoa* não há *tekó*.
2. Criação de um Sistema Único de Educação Indígena Guarani ligado ao MEC. Esse sistema deve prever os distritos de educação escolar indígena como instâncias técnico-administrativas autônomas, para que nossas comunidades possam exercer controle nas políticas de educação. Entendemos que esses distritos devem ter autonomia financeira e administrativa, para que neles seja garantido o respeito à forma de nosso povo pensar, viver e se organizar. Entendemos que essa proposta deve ser levada a debate a todo o povo Guarani.
3. Esse sistema precisa respeitar as leis nacionais e convenções internacionais de promoção da educação diferen-

ciada indígena, respeitando as necessidades e métodos de ensino de cada comunidade e escola indígena, desde os níveis iniciais, passando pelos cursos técnicos, até o ensino superior diferenciado voltado para as necessidades indígenas. Não basta o ensino ser diferenciado no nível fundamental e médio se na universidade os indígenas devem se enquadrar nos sistemas pré-existentes. As universidades públicas devem oferecer cursos específicos para indígenas, voltados para atenderem as diversas demandas das comunidades e executados o mais próximo possível das aldeias, para evitar deslocamentos. Esse sistema precisa respeitar a decisão de cada povo do ensino ser executado em período integral ou meio período.

4. A contratação de professores, anciões e sábios das aldeias para as nossas escolas deve ser diferenciada, de acordo com a necessidade e período indicado pelas comunidades.
5. Deve ser disponibilizada merenda diferenciada, que respeite o calendário indígena elaborado por cada comunidade em seu projeto político pedagógico. Quando houver possibilidade, deve ser priorizado o consumo de alimentos produzidos na própria aldeia.
6. A contratação de merendeiras deve ser diferenciada, de modo a respeitar os períodos em que as mulheres não podem cozinhar por estarem na lua (isto é, no período menstrual), período no qual essa atividade lhes é proibida na cultura Guarani.
7. A divisão do ensino não deve ser feita por séries, mas por níveis de conhecimento. Nesses níveis, os alunos não serão avaliados por notas, mas por avaliação descritiva,

sendo aprovados sem determinação de período de tempo, mas de acordo com o nível de cada aluno avaliado pela escola junto da comunidade.

8. Ensino técnico diferenciado equivalente ao Ensino Médio deve ser promovido dentro das escolas indígenas e voltado para as necessidades da cultura Indígena.
9. Em todas as instâncias de ensino precisa haver controle social por parte das comunidades e de suas organizações.
10. Temos que aprofundar discussões em termos de uma educação escolar Guarani pensando em nosso *Yvy Rupá*/Território Guarani, território esse que extrapola as fronteiras nacionais. Gestões devem ser iniciadas junto aos governos do Cone Sul (do Brasil, da Argentina, do Paraguai, da Bolívia e do Uruguai) no sentido de pensar políticas para os Guarani enquanto povo.

## 7. DOCUMENTO FINAL DO III ENCONTRO CONTINENTAL DO POVO GUARANI, celebrado em Assunção, Paraguai, de 15 a 19 de novembro de 2010

Nós, representantes de diferentes organizações indígenas da Nação Guarani na Argentina, na Bolívia, no Brasil e no Paraguai, nos reunimos na cidade de Assunção, Paraguai, durante o III Encontro Continental do Povo Guarani, dando continuidade ao I Encontro Continental, realizado em São Gabriel/RS, Brasil, em 2006, e ao II Encontro Continental, que aconteceu na cidade de Porto Alegre/RS, Brasil, em 2007. Hoje, sob o tema *Terra-Território, Autonomia e Governabilidade*, animando permanentemente nossos corações pelas palavras sábias de nossos anciões e anciãs, buscando compreender, a partir das coincidências, em longos debates e profundas reflexões realizadas sempre de acordo com os princípios de respeito e de consenso, tradicionais em nossas culturas, queremos fazer chegar ao mais profundo do espírito das autoridades nacionais e internacionais e a todos os cidadãos dos lugares que habitam nosso pensamento estas palavras:

### CONSIDERANDO:

- Que a Nação Guarani sempre teve um espaço territorial próprio, o *Yvy maraê'y* ou Terra Sem Mal, que extrapola fronteiras;
- Que, desde a cosmovisão da Nação Guarani, parte de nossas milenárias culturas, o fogo, o ar, a terra e a água constituem uma unidade e são elementos vitais para a vida; a Terra sagrada é a vida para nossos povos;
- Que a Nação Guarani, a partir da sua cosmovisão, sempre buscou evitar confrontações com os que se apropriaram de seu território, de forma violenta na maioria das vezes;
- Que, desde a demarcação das fronteiras nacionais, a Nação Guarani ficou fragmentada e dividida geopoliticamente em etnias, comunidades, aldeias e famílias, condição essa que enfraqueceu significativamente seu projeto espiritual, cultural e linguístico como Nação;
- Que as transnacionais e/ou multinacionais, com o apoio dos diferentes governos no poder, não respeitam os direitos consuetudinários e coletivos da Nação Guarani, destruindo territórios e expulsando comunidades;
- Que os diversos governos não atendem as demandas da Nação Guarani, apesar da existência de normas nacionais e internacionais que protegem e promovem os direitos dos povos indígenas, como o Convenção 169 da OIT, a Declaração das Nações Unidas e as constituições e leis nacionais dos Estados;
- Que é exemplo do afirmado acima o poder judiciário brasileiro autorizar despejos de comunidades da Nação Guarani de seus territórios, contra as leis que as protegem;

- Que o governo brasileiro não cumpre o art. 231 da sua Constituição Federal, sobre a demarcação das terras; da mesma forma que o governo argentino não cumpre a Lei 26.160, de emergência da terra comunitária indígena, para a demarcação territorial;
- Que na Argentina se pretende vender o lote 08 da Reserva da Biosfera Yaboti, declarada pela UNESCO em 1992, a uma Fundação com fundos europeus, quando ali vivem ancestralmente duas comunidades da Nação Guarani;
- Que a Nação Guarani no Paraguai sofre uma perda constante de seu território ancestral, fruto de uma carência de políticas efetivas orientadas em defesa do mesmo;
- Que existem inúmeras comunidades que vivem em condição subumanas, sem as mínimas condições de segurança física, de saúde e alimentação;
- Que na Bolívia a demanda de território pela Nação Guarani ainda não resultou na total titulação das terras que ocupam;
- Que a destruição massiva e constante dos recursos naturais, por parte das empresas transnacionais, está deteriorando indiscriminadamente os bens florestais no território Guarani na Argentina, na Bolívia, no Brasil e no Paraguai e gerando danos irreparáveis, fazendo os Guarani sofrerem os efeitos das mudanças climáticas, das quais não são responsáveis;
- Que a construção das hidrelétricas binacionais Itaipu e Yaceretá no território Guarani, sem consulta à nossa Nação, produziu não apenas irreparáveis danos am-

bientais, como também a violação dos direitos territoriais, culturais e religiosos da Nação Guarani.

#### EXIGIMOS:

- Dos governos da Argentina, da Bolívia, do Brasil e do Paraguai, o reconhecimento da Nação Guarani enquanto nação e sua condição de transterritorial e transfronteiriça, e que, por esta razão, os seus membros devem ter os mesmos direitos de saúde, educação e trabalho nos quatro países;
- Dos governos da Argentina, da Bolívia, do Brasil e do Paraguai, que dêem reconhecimento constitucional à Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas e à Convenção 169 da OIT;
- Que deixem de entregar às empresas transnacionais, multinacionais e nacionais territórios da Nação Guarani para sua exploração e devastação, transgredindo os direitos coletivos que os protegem;
- Do governo da província de Misiones, Argentina, a não autorização da venda do Lote 08 da reserva da biosfera Yaboti, que é território Guarani;
- Ademarcação imediata de todas as Terras e Territórios Guarani, o cumprimento da Lei 26.160 da Argentina e que, no Brasil, o Supremo Tribunal Federal julgue imediatamente todos os processos de demarcação no estado do Mato Grosso do Sul, respeitando o artigo 231 da Constituição Federal de 1988;
- A não instalação de novas mega-represas que comprometam territórios Guarani e que as binacionais Itaipu e Yaceretá reconheçam o dano causado às comunidades, restituindo seus territórios;



- Do governo boliviano, o cumprimento das exigências de maiores extensões de terra à Nação Guarani;
- Que os espaços políticos internacionais impeçam a criminalização das exigências da Nação Guarani;
- Punição aos que cometeram crimes que afetaram indígenas na luta pelos seus direitos;
- Que sejam respeitados os avanços conquistados pela Nação Guarani nos espaços políticos nacionais e internacionais;
- Que as empresas transnacionais respeitem as normas ambientais e evitem a destruição massiva e constante dos recursos naturais;
- Que todos os países sobre os quais incide o território da Nação Guarani compreendam e tomem consciência de que os direitos sobre a terra e o território são inalienáveis e imprescritíveis.

#### **RESOLVEMOS:**

- Que a terra e o território são direitos inalienáveis da Nação Guarani, são a vida de nossas cosmovisões, são a condição que nos permite ser livres e autônomos, *lyambae*;
- Consolidar nossa organização em cada um dos países com presença Guarani a fim de efetivar nossas demandas como Nação Guarani;
- Constituir um Conselho Continental da Nação Guarani para a articulação na Argentina, na Bolívia, no Brasil e no Paraguai das nossas demandas reivindicatórias, e com ele fortalecer nosso desenvolvimento

econômico, social e político;

- Participar em todas as instancias democráticas da Argentina, do Brasil e do Paraguai segundo nossos usos e costumes como Nação Guarani, conseguindo desta maneira fazer chegar as nossas demandas às máximas instâncias de decisão política;
- Exortar a se somarem a esta luta todos aqueles que fazem parte do pensamento e sentimento da Nação Guarani (organizações nacionais e internacionais, ONGs, movimentos sociais e outros) para nos apoiar com propostas e projetos orientados a partir da reivindicação dos direitos consuetudinários e etno-culturais dos Guarani;
- Declarar-nos em permanente resistência perante as violações e subjugações ocorridas em toda a extensão do território da Nação Guarani;
- Unir-nos na defesa de nossa Mãe Terra perante a contaminação progressiva do ambiente provocada pelas atividades de exploração do subsolo e pelas hidrelétricas que vulneram os direitos à cultura e à participação da Nação Guarani.

É o que pensamos, sentimos e dizemos sobre nossos direitos coletivos e as obrigações que têm com a Nação Guarani os países que hoje ocupam nosso território, na esperança de podermos conviver em harmonia e liberdade, como foi o pensamento de nossos heróis ancestrais.

Território Guarani – Assunção, 19 de Novembro de 2010.

## 8. DECLARAÇÃO FINAL DO II ENCONTRO DA NAÇÃO GUARANI,

ocorrido na comunidade indígena Paï Tavyterä de Jaguati, no departamento de Amambay, Paraguai, de 24 a 26 de março de 2011

Os representantes de diferentes comunidades e organizações da Nação Guarani da Argentina, do Paraguai, da Bolívia e do Brasil, reunidos na comunidade indígena Paï Tavyterä de Jaguati, do departamento de Amambay, República do Paraguai, seguindo os delineamentos e propostas do I Encontro dos Povos Guarani da América do Sul realizado no Tekoa Anhetete, município de Diamante D'Oeste, no estado de Paraná, realizamos a seguinte declaração, sob o lema *Yvy maraê'y tetã Guarani mbareteverã*, no espírito dos nossos ancestrais e nossos inumeráveis irmãos que morreram ao longo destes séculos na resistência por manterem sua identidade, sua dignidade como povo e suas tradições, seu modo de ser e sua cultura.

### CONSIDERANDO:

- Que a Nação Guarani sempre se desenvolveu e transitou num espaço territorial sem fronteiras e sob o estrito domínio de suas regras de convivência e seus costumes;
- Que, para o Guarani, seu território é o lugar onde vivem seus ancestrais e onde se articulam a biodiversidade, a cultura e a espiritualidade;
- Que a identidade, o pensamento e a espiritualidade Guarani constituem a base da milenar cultura que acredita na unidade inseparável da natureza e o ser humano, que protegeu sempre seu entorno e acredi-

tou com respeito nos elementos fogo, ar, terra e água como geradores de vida;

- Que culturalmente a Nação Guarani mantém uma convivência pacífica, mas uma postura férrea e decidida na defesa de seus irmãos, seu território e sua cultura;
- Que a Nação Guarani tem como valor fundamental a palavra que se traduz na sua língua milenar que resistiu a séculos de conquista, exploração, opressão, discriminação e destruição em alguns casos;
- Que as reclamações e reivindicações da Nação Guarani não têm resposta efetiva por parte das autoridades e governos dos estados que se assentam sobre seu espaço territorial ancestral;
- Que as constituições, o convênio 169 da OIT, a Declaração Universal dos DDHH das Nações Unidas, as leis, tratados e convenções internacionais que protegem os direitos dos povos originários, entre eles o Guarani, não são cumpridos pelos diferentes governos de países em cujos territórios se fazem presentes comunidades Guarani;
- Que os diferentes povos da Nação Guarani cada vez perdem mais território e seus habitantes são submetidos a situações infra-humanas, sem garantias mínimas de saúde, moradia e alimentação;

- Que a ampliação agressiva da fronteira agrícola, que cede passagem ao cultivo intensivo e mecanizado de soja transgênica, envenena a terra, os cursos de água e as populações Guarani que moram em seus arredores, abandonadas pelos governos e seus órgãos de assistência integral e de proteção;
- Que a educação indígena, em quase todos os países da territorialidade Guarani, continua reproduzindo o modelo ocidental transculturizador e assimilacionista e violando o princípio de autodeterminação e autonomia no desenvolvimento de pedagogias originárias, saberes e conhecimentos próprios para a transmissão de costumes, usos e tradições, e a manutenção da sua cultura, a ética ancestral e os valores consuetudinários.

#### EXIGIMOS:

- A consulta e participação permanente e oportuna da nossa Nação por parte dos poderes do Estado em todos os casos que afetem nossos povos originários e, particularmente, para a elaboração, sanção e promulgação de leis;
- O cumprimento, por parte dos governos nacionais, departamentais e municipais e dos Estados (e dos seus poderes executivo, legislativo e judiciário) das

leis, particularmente, o Convênio 169 e a Constituição Nacional, normas de proteção e de direitos da Nação Guarani;

- O respeito à autonomia e à livre determinação de nossos povos, que constituem nosso direito coletivo a decidirmos como viver, como aplicar nossas pautas e normas e como nos desenvolver;
- O reconhecimento político de nossa Nação por parte dos países assentados sobre o espaço territorial ancestral Guarani e de sua livre determinação;
- O livre trânsito por nosso território ancestral porque as fronteiras não existem para nossos povos porque preexistimos aos estados;
- O respeito e proteção do espaço territorial da Nação Guarani, que inclui não só a propriedade da terra, mas também o espaço geográfico onde ancestralmente se desenvolveu e desenvolve atualmente a cultura Guarani;
- A proteção dos recursos naturais, especialmente o Aquífero Guarani, que forma parte do subsolo da territorialidade do nosso povo e abrange Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai;
- Indenização pelo uso, exploração e destruição da terra e de outros recursos naturais dos territórios e *tekoa* Guarani;

- A garantia e a efetiva demarcação das terras;
- O fim da criminalização dos povos originários e o fim da perseguição e morte de nossos irmãos e lideranças;
- Justiça em todos os casos de detenção, desaparecimento e morte de nossos irmãos;
- Julgamento da responsabilidade penal e civil dos assassinos e criminosos que atentaram ou atentarem contra qualquer membro da Nação Guarani e suas organizações;
- Proteção e respeito ao direito coletivo sobre os saberes, espiritualidade, usos medicinais e demais demonstrações e expressões de nosso patrimônio cultural material e imaterial;
- O cumprimento das leis sobre proteção ambiental, com maior rigor nos casos de cultivos com uso de agrotóxicos, que destroem comunidades, envenenam os cursos de água e a terra, destruindo a biodiversidade e, especialmente, a vida humana;
- Garantia política e social à Nação Guarani de seus próprios usos, costumes e tradições;
- O respeito e declaração da língua Guarani como idioma oficial nos países localizados sobre a territorialidade da Nação Guarani;
- A vigência imediata da educação diferenciada e específica na qual sejam utilizadas nossas próprias línguas e a formação de professores com cosmovisão política, social, econômica, espiritual e cultural da Nação Guarani, incluindo nossos avós, depositários dos saberes milenares de nossa cultura, como mestres;
- O cumprimento do direito à consulta prévia à comuni-

dade ou povo afetado, em todos os casos, cumprindo tratados internacionais, para a exploração de hidrocarbonetos e outros minerais;

- A garantia de acesso das comunidades a água potável e de qualidade;
- O cumprimento das sentenças da Corte Interamericana de DDHH sobre restituição de terras ancestrais aos irmãos indígenas Enxet do Chaco e a solução de outros conflitos existentes sobre reclamações de terra dos povos originários.

#### **RESOLVEMOS:**

- Que o território e todo o que nele existe são direitos fundamentais aos que a Nação Guarani não renuncia nem renunciará, porque fazem parte de nossa existência, de nossa identidade e de nossa vida física, cultural e espiritual;
- Reivindicar a territorialidade como parte da extensão física e cultural da Nação Guarani;
- Asseverar o reconhecimento do Conselho Continental, integrado pelos representantes da Argentina, do Brasil, da Bolívia e do Paraguai, como instância organizadora, articuladora e representativa da Nação Guarani;
- Que a Nação Guarani não fará parte da estrutura do MERCOSUL e focará no fortalecimento de suas organizações de base e do Conselho Continental. A plenária discutiu a proposta inicial do I Encontro de criar uma instância a nível do mercado comum e decidiu, por ora, no dar seguimento à proposição;

- Não considerar o bicentenário da independência do Paraguai como aniversário para se comemorar, porque para nossos povos tratou-se apenas de mais 200 anos de despojo, discriminação, humilhação, avassalamento, perseguição, saqueio e morte;
- Declarar a nossa solidariedade com todos os povos originários irmãos, apoiar as suas lutas e resistência para manterem a sua terra, a sua identidade e a sua cultura;
- Ratificar a decisão do Conselho de renomear o Encontro como da Nação Guarani. Ademais, assume-se que, de agora em diante, será o Conselho Continental quem fará a chamada para todos os encontros, denominando o próximo III Encontro da Nação Guarani, no país ou e tado que a Aty Guasu definir.

Jagatí, Amambay, Paraguai, 26 de março de 2011.



**GOVERNO  
DE SANTA  
CATARINA**

Secretaria de Estado da Educação

MINISTÉRIO DA  
**EDUCAÇÃO**  
SECRETARIA DE  
**EDUCAÇÃO CONTINUADA,  
ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO**

